

A stylized globe is centered on the page, composed of two concentric circles. The globe is filled with a map of the world's continents. Several white bird silhouettes are scattered around the globe, some appearing to fly across it. The text 'Manual de Anilhamento de Aves' is overlaid on the globe in a bold, black, sans-serif font.

# Manual de Anilhamento de Aves



# Manual de Anilhamento de Aves



CEMAVE – Centro de Estudos de Migrações de Aves.

# Equipe Técnica

---

## Elaborado por:

- Renato Petry Leal - Zoólogo - IBDF
- Paulo de Tarso Zuquim Antas - Biólogo - IBDF/FBCN
- Susana de Moura Lara Resende - Bióloga - IBDF/FBCN

## Colaboradores

- Carlos Antônio Loureiro da Silva - Cartógrafo - IBDF/FBCN
- Edson Lopes de Oliveira - Desenhista - IBDF/FBCN
- Junia Gama de Souza - Secretária CEMAVE - IBDF/FBCN
- Odelis Terezinha Souza Pereira - Desenhista - IBDF/FBCN
- Rick Hansen - Biólogo - Corpo da Paz/IBDF



# Sumário

Prefácio .....	7
Introdução .....	9
PARTE I – Generalidades .....	11
PARTE II – Concessão de Permissões .....	13
• Qualificações necessárias para obter-se Permissão de Anilhamento e Marcação de Aves .....	13
• Limitações .....	14
• Atividades não autorizadas .....	14
• Procedimento do CEMAVE .....	14
• Uso de redes de captura de aves .....	15
• Captura com agentes químicos .....	15
• Marcação por outras técnicas .....	15
• Espécies ameaçadas de extinção .....	15
• Término e renovação das licenças .....	15
• Suspensão e revogação .....	16
• Inativação .....	16
• Aproveitamento de peles e carcaças .....	16
PARTE III – Procedimento do Anilhador .....	19
• Relatório Anual – Preenchimento .....	19
• Reanilhamento .....	19
• Cartão para solicitação de dados .....	24
• Verificação dos Relatórios Anuais .....	24
• Aviso de recuperação .....	24
PARTE IV – Anilhas .....	28
• Tipos de anilhas remetidas .....	28
• Anilhas de Beija-flor .....	29
• Anilhas especiais .....	29
• Outros marcadores .....	29
• Tamanhos, diâmetros e pedidos mínimos de anilhas .....	29
• Sistema de numeração das anilhas .....	31
• Solicitação das anilhas .....	31
• Como colocar e remover anilhas .....	31
PARTE V – Métodos de captura .....	33
• Armadilhas .....	33
• Visgo .....	35
• Rede de captura .....	35
• Anilhamento de filhotes nidícolas .....	39
PARTE VI – Trabalho de campo .....	41
• Discos para medição de tarsos .....	44
• Manuseio da ave .....	45
• Métodos de determinação da idade .....	46
• Métodos de determinação do sexo .....	47
Apêndice I – Lista das Aves Brasileiras .....	49
Bibliografia Consultada .....	106



# Prefácio

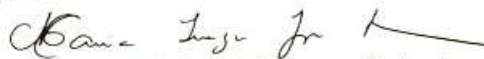
---

Tomando-se como base as duas últimas décadas, notamos o início da aplicação da técnica de anilhamento em pesquisas ornitológicas no Brasil. Este início, defasado cerca de 60 anos em relação aos países europeus ou da América do Norte, teve como grande resultado despertar o interesse do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) para a utilização desta técnica em larga escala no país, tanto na pesquisa ornitológica pura como na aplicada.

Como consequência deste interesse, o Departamento de Parques Nacionais e Reservas Equivalentes do IBDF, por lei responsável pela conservação e preservação dos recursos faunísticos brasileiros, após muitos estudos e enormes dificuldades conseguiu iniciar em 1977, dentro do Convênio IBDF/FBCN (Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza), o projeto Centro de Estudos de Migrações de Aves – CEMAVE. Entre outros objetivos, compete ao CEMAVE organizar e divulgar o anilhamento a nível nacional, esperando-se assim uma contínua expansão desta técnica no Brasil. Tomando-se o exemplo de outros países mais adiantados na sua aplicação, notamos que somente após o surgimento de um centro nacional há uma real utilização do anilhamento em larga escala.

Hoje, no Brasil, o CEMAVE é uma realidade. Constatamos, após a realização de 4 Cursos de Observação e Anilhamento de Aves, que uma nova perspectiva se abre para a pesquisa ornitológica brasileira. Os benefícios dessa nova tendência influenciarão, a curto prazo, a comunidade científica nacional, bem como os órgãos governamentais responsáveis pelo manejo racional da fauna, melhorando sobremaneira a conservação e preservação de nossas espécies.

A publicação que ora prefaciamos, preparada por técnicos do maior gabarito a quem temos a satisfação de dirigir, irá, sem sombra de dúvidas, expandir o anilhamento de aves silvestres. São nossos votos que todos usem este Manual como mais uma arma para a implantação definitiva do anilhamento no país.



Diretora do Deptº de Parques Nacionais  
e Reservas Equivalentes

# Introdução

---

Ao ser iniciada a formação do Centro de Estudos de Migrações de Aves CEMAVE o primeiro grande obstáculo a ser superado, para a efetiva implantação do anilhamento a nível nacional, foi a falta de pessoal especializado na utilização da técnica. Para suprir esta deficiência e ao mesmo tempo divulgar o anilhamento a nível de universidades e instituições, o CEMAVE tem promovido cursos de observação e anilhamento de aves. Nestes cursos, representantes das universidades e instituições de pesquisa brasileiras foram treinados na utilização dos diversos métodos de captura, na identificação das aves e no anilhamento. O procedimento do anilhador ao requerer uma Permissão de Anilhamento, como o CEMAVE analisa estes pedidos e fornece as anilhas, e o funcionamento em geral do Centro estão contidos noutros tópicos abordados. Alguns pontos teóricos também são abordados, principalmente no que se refere a migrações de aves no Brasil e às diversas aplicações do anilhamento tanto na pesquisa pura como na pesquisa aplicada.

Entretanto, os cursos surgiram como o mecanismo inicial capaz de propagar o anilhamento no Brasil, sendo transitórios por definição. Os tópicos abordados são, por outro lado, importantes para o bom desenvolvimento da técnica no Brasil e para a atuação do CEMAVE, coordenando as atividades. De modo a manter a divulgação destas informações, foi elaborado o presente Manual de Anilhamento. Ele se propõe a facilitar a interação entre o CEMAVE e o anilhador, sendo eminentemente prático com algum enfoque teórico, contendo as normas e procedimentos a serem seguidos.

No Apêndice I encontram-se listadas as aves que ocorrem no Brasil, tanto migratórias como residentes. Na medida do possível, foram indicados tamanhos de anilhas para cada espécie e um nome comum foi escolhido para as que são vulgarmente conhecidas. Este nome comum não tem por finalidade padronizar a nomenclatura popular nem servir como uma nomenclatura paralela à científica, atuando mais como um instrumento no trabalho do anilhador.



# Parte I

## Generalidades

---

Objetivando transmitir um maior conhecimento das necessidades e procedimento da marcação de aves através de anilhas, o Centro de Estudos de Migrações de Aves – CEMAVE, organizou o “Manual de Anilhamento de Aves”, possibilitando melhor orientação para os interessados na aplicação desta técnica, bem como em outros tipos de marcações.

Os estudos realizados através da marcação com anilhas devem encontrar apoio, se possível, em todos os países, uma vez que as aves não conhecem fronteiras. Tais estudos, tanto para aves residentes como visitantes de um país, têm no anilhamento seu método mais direto. É de grande importância que todos colaborem – sejam anilhadores ou o povo em geral – para que sua aplicação seja eficaz, tomando-se necessário o máximo de divulgação possível. Somente através de divulgação e colaboração de todos poderemos ter uma maior porcentagem de anilhas e informações devolvidas ao CEMAVE. A fim de incentivar tal procedimento, será fornecido um Certificado de Agradecimento, onde o recuperador receberá as informações obtidas quando do anilhamento da ave. A divulgação poderá ainda ser feita pelo próprio anilhador, durante suas atividades de marcação ou mesmo fora delas, junto àquela promovida pelo Centro. Caso ocorra concentração de recuperações em uma pequena região, um novo método deverá ser adotado, evitando a monotonia das informações fornecidas ao público ou a caçadores.

Através do Certificado de Agradecimento com os dados do anilhamento, pode-se alimentar a curiosidade e interesse do recuperador, incentivando-o a manter-se atento para aves encontradas. Mas esta curiosidade e interesse poderão ser prejudicados no caso de uma deficiência do Centro, não enviando a informação de anilhamento em um curto espaço de tempo ou enviando-a com falhas. Para isto ser evitado os anilhadores remeterão de maneira regular e rápida seus dados de anilhamento. Assim a resposta do CEMAVE ao recuperador será dada dentro de um espaço de tempo razoável. Aves de caça que forem anilhadas em épocas próximas à abertura de caça deverão ter seus dados de anilhamento fornecidos ao CEMAVE 15 dias antes do início desta.

Em princípio, espécies não cinegéticas apresentam uma taxa de recuperação bem mais baixa, dependendo da existência de outros anilhadores. Os dados de recuperações feitas pelo próprio anilhador ou de recapturas de aves locais são importantes para obtermos informações sobre mudas, reprodução, idade, etc... embora não forneçam dados sobre movimentos maiores das aves. A remessa desses dados ao CEMAVE fica a critério do anilhador e quando o seu arquivamento for interessante para a compreensão da biologia da espécie.

A Permissão para marcação de aves deve ser solicitada, ainda que a marcação pretendida não seja permanente como no caso de censos de medida e peso.

Considerado como um passatempo por diversas pessoas, o anilhamento torna-se de grande utilidade quando o pedido se encontra ligado a um projeto definido e com atividade contínua. Caso contrário, os dados tornam-se bastante dispersos, não interessando ao contexto geral. Através dos anilhadores particulares, podemos encontrar grandes colaboradores, bem como apoio à atividade e informações de alto valor.

Todo e qualquer trabalho sério efetuado por pessoa capaz no setor terá total apoio do Centro de Estudos de Migrações de Aves – CEMAVE, que incentiva também sua colaboração.



# Parte II

## Concessão de Permissões

---

Para proceder ao anilhamento ou marcação de aves em qualquer parte do território nacional é necessário obter-se uma **PERMISSÃO DE ANILHAMENTO E MARCAÇÃO DE AVES**, concedida pelo Centro de Estudos de Migrações de Aves – CEMAVE.

Dependendo do trabalho a ser desenvolvido, os animais podem receber a marcação quando filhotes no ninho, fora dele ou ainda em suas fases jovem-adulto. Existem três tipos de permissão as quais normalmente autorizam a captura de aves com armadilhas convencionais e/ou com redes de captura:

### 1) PERMISSÃO INDIVIDUAL

Possibilita que o pesquisador desenvolva livremente as atividades constantes na Permissão de Anilhamento. Os dados de anilhamento são remetidos diretamente ao CEMAVE e arquivados sob seu número de permissão. Os portadores desse tipo de permissão devem desenvolver uma pesquisa individual com o anilhamento, anteriormente aprovada pelo CEMAVE, devendo ter experiência comprovada no anilhamento de aves.

### 2) PERMISSÃO À INSTITUIÇÃO CIENTÍFICA

É outorgada quando o anilhamento é levado dentro da programação de uma Instituição. Um membro da equipe, com qualificação para a permissão individual, é responsável pelo andamento dos trabalhos perante o CEMAVE. As informações recebidas pelo CEMAVE são sempre remetidas, sem interrupção, ao endereço da Instituição. Dessa forma haverá uma continuidade no programa, mesmo que o primeiro responsável se afaste do serviço por transferência, aposentadoria, ou qualquer outro motivo. Nesse caso, outra pessoa, com os mesmos requisitos, deverá ser indicada para substituição. Caso não seja apresentado outro responsável qualificado, a permissão será cancelada.

### 3) PERMISSÃO AUXILIAR

É concedida a pessoas que, apesar de terem alguma prática no anilhamento, ainda não têm qualificações suficientes para desenvolver sozinhas uma pesquisa nesse campo. Isso pode se dar por falta de conhecimento científico ou por falta de prática. Elas trabalham como assistentes dos portadores de **PERMISSÃO INDIVIDUAL**. Essa permissão pode também ser concedida para técnicos capacitados que não estão desenvolvendo uma pesquisa própria mas fazem parte da pesquisa de outra pessoa. Quando o anilhador estiver presente ou nas proximidades os colaboradores ou aprendizes não necessitarão ter uma permissão para auxiliar os trabalhos. As permissões **Auxiliar** servem para quando o responsável pelo trabalho tiver de se ausentar por períodos superiores a um dia do local, sendo necessária a continuidade dos trabalhos. A data do término da validade de uma **Permissão Auxiliar** nunca ultrapassa a da **Permissão Individual** à qual ele está vinculado. O auxiliar de anilhamento recebe sua permissão e todas as informações do Centro através do seu orientador. Na identidade do portador de **Permissão Auxiliar**, consta o nome e o endereço do responsável por sua permissão.

Nenhuma correspondência é remetida diretamente aos auxiliares, pois seus nomes e endereços constam somente nas pastas dos orientadores. Toda a correspondência e informação são remetidas ao portador da **Permissão Individual**, o qual se encarregará de transmiti-los aos auxiliares. As aves anilhadas pelos auxiliares também serão relatadas diretamente aos orientadores.

**QUALIFICAÇÕES NECESSÁRIAS PARA OBTER-SE PERMISSÃO DE ANILHAMENTO E MARCAÇÃO DE AVES:**

### 1) PERMISSÃO INDIVIDUAL

- a) Ter 18 anos completos
- b) Fornecer o nome de dois anilhadores ativos ou ornitólogos capacitados que atestem o conhecimento do solicitante no

uso de redes de captura de aves – se for o caso – e sua capacidade na identificação de aves e no desenvolvimento de pesquisa.

c) Apresentar um plano de trabalho onde constem os objetivos da pesquisa, as espécies a serem anilhadas, os métodos de captura, a região de anilhamento e a bibliografia de apoio.

d) Carta ao CEMAVE constando endereço e identidade, requerendo a Permissão Individual.

## 2) PERMISSÃO PARA INSTITUIÇÃO CIENTÍFICA

a) Requerimento ao CEMAVE por parte da Instituição que deseja a Permissão.

b) Apresentação de um responsável pelos trabalhos que reúna as condições para uma Permissão Individual.

c) Apresentação de um planejamento em linhas gerais que demonstre os trabalhos a serem desenvolvidos e a viabilidade da execução.

## 3) PERMISSÃO AUXILIAR

a) Ter ao menos 16 anos completos

b) A responsabilização do portador de Permissão Individual ou de Permissão à Instituição Científica declarando que ele participará da sua pesquisa.

c) Carta ao CEMAVE incluindo endereço e identidade, requerendo a Permissão de Auxiliar.

Todas as correspondências devem ser dirigidas ao:

Coordenador

Centro de Estudos de Migrações de Aves – CEMAVE

Caixa Postal 04-034

70.000 – Brasília – DF

Brasil

## LIMITAÇÕES

As atividades de marcação e anilhamento de aves estão limitadas ao especificado em cada Permissão. Sempre que necessário serão feitas complementações na própria Permissão ou separadamente.

Para proceder ao anilhamento em terras públicas será necessário a autorização da administração dessas terras. No caso de propriedades particulares, a autorização dos donos das mesmas.

O CEMAVE fornece cartazes de identificação, quando necessário, para serem afixados nas áreas de anilhamento.

## ATIVIDADES NÃO AUTORIZADAS

1. Coleta – Embora aves encontradas mortas por acidentes possam ser recolhidas para envio a instituições científicas e educacionais, públicas, a Permissão não autoriza coletar (capturar e/ou matar) espécies de aves para esse fim.

2. Posse de Aves – A permissão não autoriza a posse de aves, ovos, pele, carcaça ou qualquer subproduto de animais protegidos por lei. No caso de recolher animais encontrados mortos ou mortos acidentalmente, ou seus subprodutos, com a finalidade de doar a instituições públicas, educacionais e científicas, os mesmos não poderão ser mantidos em poder do anilhador por mais de 3 meses, ou mais de 60 dias do prazo que antecede o término de sua permissão.

3. Manutenção da Ave – A licença autoriza, em caso de necessidade, a manutenção de aves silvestres em cativeiro por um máximo de 24 horas. Essa previsão procura facilitar a recuperação de uma ave capturada à noite, molhada ou contundida, assim como proporcionar maiores facilidades para sua fotografia ou observação. Neste caso, a ave estará obrigatoriamente anilhada.

## PROCEDIMENTO DO CEMAVE

1. O CEMAVE possui uma carta-formulário que é remetida ao solicitante após o primeiro contato. Com o preenchimento dessa carta o CEMAVE pretende identificar pessoas cujas qualificações básicas não ofereçam condições para efetuar o anilhamento, como: idade, qualificações, interesse casual no anilhamento e outras.

2. Se através do formulário verifica-se que o pretendente tem condições, são enviadas cartas às pessoas indicadas como referência. Se as referências forem favoráveis e os outros itens estão devidamente supridos a pessoa recebe sua Permissão de Anilhamento de Aves.

3. Se o candidato não for qualificado ele é avisado. As informações das referências são confidenciais.
4. A concessão de permissão ou sua negativa serão emitidas num prazo máximo de 90 dias.
5. Uma ficha com o nome, identidade, endereço e atribuições de cada anilhador, bem como o seu número é enviada à Delegacia do IBDF com jurisdição na área de anilhamento, a qual se encarregará de transmiti-la a seus postos. A informação também pode ser remetida a instituições científicas interessadas ou outros departamentos governamentais. Uma ficha completa permanece no CEMAVE.

## USO DE REDE DE CAPTURA DE AVES

O uso de redes pressupõe um alto grau de habilidade, se não pretendermos causar danos às aves. Por outro lado, o número de espécies que ela permite capturar é bastante grande e o anilhador necessita maiores conhecimentos ornitológicos do que aquele que utiliza armadilhas comuns.

O pedido de autorização para o uso de redes deverá ser justificado e, caso necessário, o pretendente será convidado a trabalhar algum tempo com outro anilhador que ateste sua capacidade nesse sentido. Cada rede deve levar presa uma etiqueta com o nome e o número de licença do anilhador.

## CAPTURA COM AGENTES QUÍMICOS

Esse tipo de captura usualmente é desencorajado, a não ser que o trabalho realmente necessite tranquilizar as aves e a pessoa encarregada tenha capacidade e experiência no uso de drogas químicas. Nesse caso deve constar da solicitação o tipo de droga a ser usado. A autorização será concedida somente em casos excepcionais.

## MARCAÇÃO POR OUTRAS TÉCNICAS

Qualquer tipo de marcação que difira da convencional de alumínio deve ser solicitado e autorizado separadamente. O pedido então deve vir acompanhado de informações como:

- a) Cópia do projeto a ser desenvolvido
- b) Tipo de marcação a ser efetuada (anilha de pema, colares, etiquetas de asa, fitas, discos nasais, tinta, corante, transmissores etc...).
- c) A experiência do técnico nesse tipo de marcação.
- d) Se o marcador irá afetar o comportamento das aves.
- e) Se ele irá causar danos às aves.
- f) Se as cores são duradouras (no caso).
- g) Se os marcadores são fortes e seguros o suficiente para durar o tempo do estudo.
- h) O grau de visibilidade do marcador.
- i) Onde e como serão efetuadas as marcações (incluir localização geográfica e indicativos como Estado, Município, Região).
- j) Se a marcação é realmente necessária para o projeto.
- l) Espécie e quantidade a serem marcadas.
- m) Data do início e final do estudo.

Muitos problemas podem provir do uso de técnicas diferentes e às vezes conduzem a resultados não satisfatórios. Por isso as marcações coloridas, os transmissores, colares e outras técnicas de marcação auxiliar são controladas pelo CEMAVE. De outra forma, o número de cores apropriadas para marcação é muito limitado e se a permissão do uso de certa cor é concedida para um investigador, outro, trabalhando com a mesma espécie ou espécies muito semelhantes, não poderá receber as mesmas cores.

## ESPÉCIES AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO

Qualquer permissão para o anilhamento de aves constantes da lista de espécies ameaçadas de extinção para o Brasil deverá ser examinado pelo departamento competente do IBDF. Se o projeto de pesquisa for aprovado e se os comentários recebidos são favoráveis, o anilhador receberá uma permissão específica para sua pesquisa. As delegacias regionais do IBDF receberão cópias para distribuir a seus postos, assim como às outras Instituições envolvidas ou interessadas.

## TÉRMINO E RENOVAÇÃO DAS LICENÇAS

1. A Permissão de Anilhamento é anual, sendo renovável por mais 2 anos, a pedido do anilhador. A cada 3 anos haverá uma reavaliação da pesquisa. Poderá ser revogada a qualquer momento desde que o anilhador não esteja cumprindo o



- to no Manual de Anilhamento ou no Regulamento de Anilhamento e Marcação de Aves, ou ainda por qualquer modificação negativa no "status" da população de aves em estudo.
2. Trinta dias antes de expirar sua permissão o anilhador deve pedir a renovação, apresentando as justificativas. No caso de reavaliação será apresentado novo plano de trabalho, a ser analisado pelo CEMAVE, dentro do limite máximo de 90 dias. O esquecimento dessas normas poderá implicar na descontinuidade dos trabalhos.
  3. Quando é feita uma nova concessão de licença, é colocada uma observação indicando que tipo de renovação foi efetuada. Exemplificaremos:
    - EMISSÃO refere-se à emissão inicial de uma permissão ou à renovação de uma permissão na qual nenhuma modificação tenha sido feita
    - REVISÃO refere-se a modificações nas condições especiais de permissão, adicionando ou retirando itens.
    - REATIVAÇÃO, quando o anilhador havia voluntariamente suspenso sua permissão por não poder continuar o trabalho, por um longo período.
    - RESTABELECIMENTO, Significa o restabelecimento de uma licença suspensa pelo CEMAVE por falha do anilhador em submeter dados pontualmente e com correção ou por outros motivos. Serve também para indicar a renovação de uma licença que o anilhador deixou expirar. Nesse tipo de renovação deverão ser apresentados novamente, com detalhes, todos os dados necessários para a obtenção de licença.
    - SUBSTITUIÇÃO, quando a licença ainda vigente foi danificada, destruída ou perdida.

## SUSPENSÃO E REVOGAÇÃO

A suspensão ou revogação dos privilégios do anilhamento ou marcação de aves pode ser efetuada, entre outros motivos, pela falha da apresentação dos dados na forma usual, ou por contrariar o Manual e o Regulamento de Anilhamento de Aves.

### a) Suspensão

Se o caso for de suspensão de licença o anilhador recebe uma carta registrada do CEMAVE anunciando essa medida. Logo que os problemas forem corrigidos poderá haver o restabelecimento da Permissão.

### b) Revogação

Se os problemas não forem corrigidos pelo anilhador num tempo especificado, sua licença é revogada e não será restabelecida por um período de pelo menos 1 ano da data de revogação.

## INATIVAÇÃO

É feita, a pedido do anilhador que não necessita mais, por qualquer motivo, anilhar aves por um longo período de tempo. Mais tarde, assim que seja solicitado, a Permissão será reativada.

## APROVEITAMENTO DE PELES E CARÇAÇAS

Como já foi comentado, o anilhador pode recuperar aves mortas com o propósito de doar a instituições públicas, científicas ou educacionais. Essas aves entretanto não podem ser coletadas para esse fim; elas devem ter sido encontradas mortas ou ter morrido em consequência de acidente, durante as operações de anilhamento. Muitas vezes a ave encontrada morta está anilhada e pode ser conhecida a sua idade, tornando-se peça valiosa para coleções científicas. Os espécimes são usados não só para a preparação da pele, como para a inclusão em líquido preservador ou preparação de esqueleto.

Acompanhando a ave deve ir uma etiqueta escrita em tinta nanquim ou lápis, preferencialmente. A etiqueta deve ser presa bem firme na pata da ave ou colocada junto a ela num recipiente, de modo a não provocar confusão. Caso existam informações de anilhamento da ave, elas devem ser escritas do outro lado da etiqueta.

Os seguintes dados de recuperação devem ser anotados:

1. Localidade – Dar o local em que a ave foi encontrada, incluindo estado, cidade e, se possível, as suas coordenadas específicas.
2. Data – Registrar a data da morte da ave, ou a data em que foi encontrada e a estimativa da época da morte. Abrevie o mês (Jan., Fev., etc).

3. Nome da pessoa que encontrou – registre o nome completo de quem encontrou e o seu nome.
4. Peso – se possível, registre o peso da ave com aproximação de 0,1g. **Somente pese aves que morreram há pouco tempo.**
5. Cor das partes moles – a cor da íris, boca, bico, pernas, pés e pele exposta são importantes, pois modificam-se com o tempo. Registre-as se o exemplar tiver morrido há pouco tempo.
6. Espécie – o nome científico da ave e o comum.
7. Sexo – registre somente se tiver certeza absoluta, especificando o método utilizado.
8. Nota ecológica – anotações sobre o **habitat**, situações incomuns na captura ou morte, comportamento, etc... Anotar ectoparasitas, se recolhidos.

No reverso deverão ir os seguintes dados de anilhamento:

1. Número da Anilha
2. Espécie
3. Idade na época do anilhamento (se conhecida)
4. Localização e coordenadas do anilhamento (se conhecidos)
5. Data do anilhamento (idem)
6. Declaração de que a recuperação foi relatada ao CEMAVE.

Isso feito, a ave deve ser preparada para a remessa ao local de destino. Se o local for próximo, ela pode ser imediatamente levada para lá e eles tomarão as providências com relação ao animal. Caso contrário, se o anilhador tiver condições para taxidermizar a ave e conhecer as exigências do receptor, poderá fazê-lo. Outra forma mais simples é colocar um pano, algodão ou papel absorvente dentro da boca e garganta da ave, para evitar sangramento, e introduzi-la, juntamente com a etiqueta, num saco plástico. O saco deve ser lacrado para evitar ressecamento, colocado no congelador do refrigerador caseiro, permanecendo o animal congelado até a hora de sua entrega.

Ao findar cada ano o anilhador deve enviar os dados dos animais remetidos às instituições ao CEMAVE, mantendo no relatório, os seguintes itens para cada ave.

- a) Nome comum e nome científico
- b) Número da anilha (se anilhada)
- c) Como a ave morreu e como veio para suas mãos
- d) Data da morte
- e) Local da morte
- f) Instituição para a qual o espécime foi enviado
- g) Data em que foi enviado.

# Parte III

## Procedimento do Anilhador

O anilhador remeterá para o CEMAVE o formulário nº 01 (fig. 01), um mês antes do término de sua licença, ou quando a série de anilhas referente àquele relatório findar-se. O relatório será iniciado pela anilha de número mais baixo da série. Anilhas perdidas, danificadas ou não utilizadas deverão constar do relatório, colocando-se após o seu número a respectiva observação, como modelo da figura 01. Relatórios referentes a espécies cinegéticas deverão ser submetidos antes da abertura da estação de caça, mesmo que só possuam resultados parciais.

Os portadores de Permissão Auxiliar submeterão seus relatórios parciais ao portador da Permissão Individual responsável pela pesquisa perante o CEMAVE. Ele condensará os relatórios parciais no único relatório anual a ser enviado. Caso existam anilhas não utilizadas que estejam intercaladas na série, elas deverão ser relatadas com a observação **NÃO UTILIZADAS** (fig. 01). Posteriormente, quando forem usadas, serão relatadas normalmente no respectivo relatório.

Espaços em branco neste relatório poderão significar "o mesmo que acima", falha no preenchimento ou desconhecimento do dado. Deste modo o anilhador não deverá deixar nenhum espaço sem ser preenchido, colocando, quando houver repetição de uma determinada informação, linhas contínuas verticais ou aspas. Em caso de desconhecimento, um traço horizontal contínuo será colocado no espaço referente ao dado desconhecido (fig. 01)

Os formulários submetidos à apreciação do CEMAVE deverão ser os originais preenchidos em letra de forma, à tinta ou a máquina.

Cada formulário conterá somente os dados referentes às anilhas nele relatadas. O anilhador poderá utilizar uma folha anexa para observações que excedam o espaço fornecido.

### RELATÓRIO ANUAL – PREENCHIMENTO

Na folha de rosto do formulário, o anilhador colocará, no item "locais de anilhamento", o nome da cidade, vila ou acidente geográfico notável mais próximo, com a localização do ponto de anilhamento a mais precisa possível, o município e o estado (fig. 02). No verso, a localização geográfica (latitude e longitude) a mais próxima possível deste ponto (fig. 01).

Na primeira coluna à esquerda, "prefixo da anilha", o anilhador colocará na primeira linha o prefixo das anilhas relatadas, não sendo necessário repeti-lo a cada anilha (fig. 01). Os códigos a serem utilizados para a idade e sexo estão colocados na parte superior da folha de rosto. Qualquer observação maior que não caiba no espaço do formulário deverá ser escrita em ficha anexa, com o número da anilha a qual ela se refere no início. Em caso de dados falhos ou duvidosos sobre a idade ou sexo, nada deverá ser marcado nas respectivas colunas.

Se o anilhador usa vários locais de anilhamento, mas todos estão dentro da mesma quadrícula de 10' de espaçamento, na qual está incluso o local citado no item "locais de anilhamento" do formulário, não há necessidade de nova citação, bastando o uso da mesma letra-código (fig. 02), sendo feita a leitura no canto NE (nordeste) da quadrícula, quando ao sul do Equador e no canto SE (sudeste), quando ao norte do Equador.

A cada nova quadrícula de 10' utilizada como região de anilhamento, o anilhador remeterá ao CEMAVE uma cópia de um mapa da região (rodoviário, político etc) com o local plotado, de modo a facilitar a checagem das coordenadas por parte deste centro.

### RE ANILHAMENTO

Uma ave só terá anilha substituída quando:

- a) a anilha antiga estiver causando ferimentos ou irritação ao tarso das aves.
- b) um ou mais dígitos estiverem apagados.
- c) a anilha apresentar qualquer falha que possa causar seu rompimento.
- d) o anilhador perceber o início de qualquer um dos problemas acima.

Neste caso, no relatório final, o número da anilha antiga será colocado na coluna de nome da espécie e este na de observações (fig. 01). As recuperações posteriores continuarão a ser relatadas ao primeiro anilhador. Aquele que substituiu a anilha receberá um certificado com o nome e endereço do primeiro anilhador.



CÓDIGOS:

A - ADULTO  
J - JOVEM  
N - NINHEGO  
D - DESCONHECIDA

M - MACHO  
F - FÊMEA  
I - INDETERMINADO

ANILHADOR: ROBERTO MENEZES

PERMISSÃO Nº 37

## — LOCAIS DO ANILHAMENTO —

A 6Km SE Núcleo Bandeirante, DF F

B 2Km SE Lg. Mestre d'Armas, DF G

C 5Km SW Sobradinho, DF H

D 4Km NE Planaltina, Mun. Planaltina, GO I

E

J

PREFIXO DA ANILHA	NOME CIENTÍFICO	IDADE	SEXO	LOCAL	DATA	OBSERVAÇÕES *
C						
012 01	<i>Antilophia galeata</i>	A	F	A	03.10.79	Placa de incubação
012 02	" "	A	F	A	"	
012 03	" "	A	M	A	"	
012 04	<i>Myiarchus ferox</i>	A	I	A	"	Placa de incubação
012 05	" <i>swainsoni</i>	A	I	A	"	
012 06						ANILHA DESTRUIDA
012 07	<i>Zonotrichia capensis</i>	A	-	A	03.10.79	
012 08						
012 09						
012 10						
012 11						
012 12						
012 13						
012 14						
012 15						
012 16						
012 17						
012 18						
012 19						
012 20						
012 21						
012 22						
012 23						
012 24						
012 25						
012 26						
012 27						
012 28						
012 29						
012 30						NÃO UTILIZADA
012 31	<i>Antilophia galeata</i>	J	-	B	06.10.79	Muda de coberteiras
012 32	" "	A	M	B	"	Muda Completa
012 33	" "	A	M	B	"	
012 34	<i>Zonotrichia capensis</i>	A	-	B	"	
012 35	<i>Basileuterus hipoleucus</i>	A	-	B	"	
012 36	" "	A	-	B	07.10.79	
012 37	" "	A	-	B	"	
012 38	<i>Schiffornis turdinus</i>	A	-	B	"	Muda de coberteiras
012 39	<i>Trichothraupis melanops</i>	A	M	B	"	
012 40						ANILHA PERDIDA
012 41						ANILHA PERDIDA
012 42	<i>Tangara cayana</i>	A	M	B	07.10.79	
012 43	" "	A	M	C	03.11.79	
012 44	" "	A	F	C	"	
012 45	" "	A	M	C	"	
012 46	" "	J	M	C	"	
012 47	<i>Thryothorus leucotis</i>	A	-	C	04.11.79	
012 48	" "	A	-	C	"	
012 49	" "	J	-	C	"	
012 50	" "	A	-	C	"	

\* PRESEÇA DE PLACA DE INCUBAÇÃO, MUDA, MÉTODO NOVO UTILIZADO PARA SEXAGEM OU DETERMINAÇÃO DA IDADE.

Fig. 01 - Relatório Anual

— POSIÇÃO GEOGRÁFICA (LAT. - LONG.) DOS LOCAIS DE ANILHAMENTO —

A	15950'S	47950'W	F
B	15930'S	47940'W	G
C	15930'S	47950'W	H
D	15920'S	47930'W	I
E			J

PREFIXO DA ANILHA	NOME CIENTÍFICO	IDADE	SEXO	LOCAL	DATA	OBSERVAÇÕES	
<b>C</b>							
012 51	Lochmias nematura	A	-	C	04.11.79		
012 52	Trichothraupis melanops	A	M	C	"		
012 53	Thamnophilus punctatus	A	M	C	"		
012 54	C 01136	A	F	D	22.12.79	Antilophia galeata	
012 55	Lochmias nematura	A	-	D	"		
012 56	Antilophia galeata	A	M	D	"		
012 57	" "	A	F	D	"		
012 58	" "	A	F	D	"		
012 59	" "	A	F	D	"		
012 60	" "	J	M	D	"		
012 61	" "	A	F	D	"		
012 62	Trichothraupis melanops	A	M	D	"		
012 63	" "	A	F	D	"		
012 64	" "	A	F	D	"		
012 65	Thamnophilus punctatus	A	M	D	23.12.79		
012 66	Thryothorus leucotis	A	M	D	"		
012 67	Tangara cayana	A	M	D	"		
012 68	" "	J	M	D	"		
012 69	" "	J	M	D	"		
012 70	" "	A	F	D	"		
012 71	" "	A	F	D	"		
012 72		NÃO UTILIZADA					
012 73	C 00010	A	F	D	23.12.79	Tangara cayana	
012 74	Thamnophilus punctatus	A	M	D	"		
012 75							
012 76							
012 77							
012 78							
012 79							
012 80							
012 81							
012 82							
012 83							
012 84							
012 85							
012 86							
012 87							
012 88							
012 89							
012 90							
012 91							
012 92							
012 93	Thryothorus leucotis	A	M	D	29.12.79		
012 94	" "	A	M	D	"		
012 95	Antilophia galeata	A	F	D	"		
012 96	" "	A	F	D	"		
012 97	" "	A	M	D	"	Muda completa	
012 98	" "	A	M	D	"		
012 99	" "	J	M	D	"		
013 00	" "	A	F	D	"		

NÃO UTILIZADAS

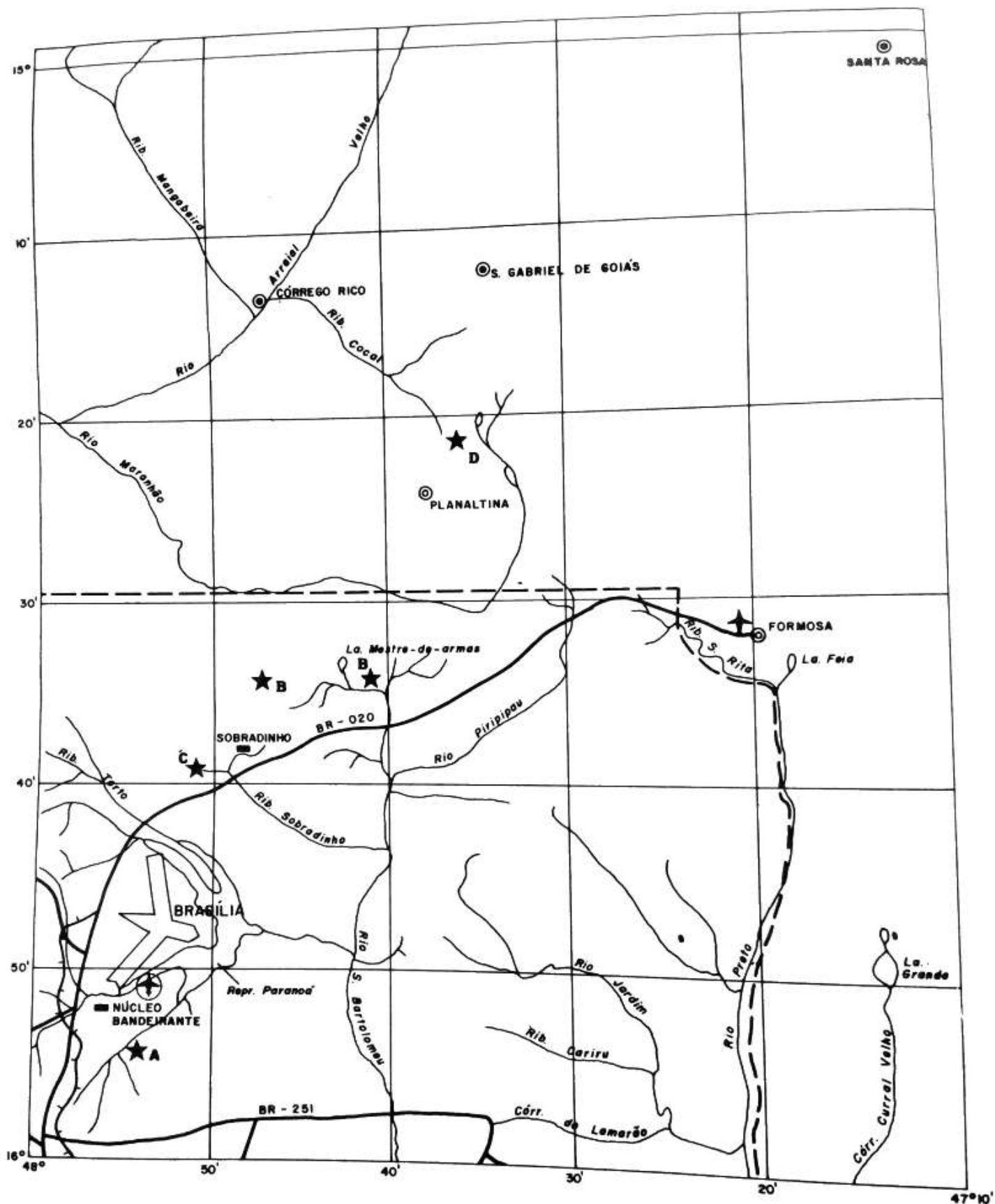


FIG-02 POSIÇÃO GEOGRÁFICA DOS LOCAIS DE ANILHAMENTO

- A - 15° 50' S 47° 50' W
- B - 15° 30' S 47° 40' W
- C - 15° 30' S 47° 50' W
- D - 15° 20' S 47° 30' W

★ LOCAIS DE ANILHAMENTO

ESC.: 1: 500.000



ANILHADOR:  
ANILHA Nº

PERMISSÃO Nº  
DATA DA REMESSA:

**COMPLETE E ENVIE**

- A anilha ainda não foi utilizada. A série ou nº devem estar errados ..... ( )  
A anilha não foi enviada ..... ( )  
Os dados estão escritos abaixo e o relatório já havia sido enviado ..... ( )  
Os dados estão escritos abaixo e o relatório ainda não foi enviado ..... ( )

NOME CIENTÍFICO	IDADE	SEXO	DATA DO ANILHAMENTO	LAT/LONG
LOCAL DO ANILHAMENTO (quilometragem e direção da cidade mais próxima)			MUNICÍPIO	ESTADO

CEMAVE  
C. P. 04-034  
70.000  
Brasília - DF

Enviado em ...../...../.....

Form. 02/80

Fig. 03

**AO ANILHADOR**

Recebemos o aviso de recuperação da anilha cujo o número está colocado neste formulário. Segundo nossos arquivos esta anilha encontra-se em seu poder. Preencha e envie-nos o mais rápido possível. Enquanto não o tivermos em mãos não poderemos fornecer o Certificado de Agradecimento ao recuperador. Quanto mais rápida e eficiente for a nossa resposta, tanto maior interesse haverá no futuro quanto a novas recuperações.

Se o relatório já tiver sido enviado PREENCHA este formulário e coloque esta opção no quadro de observações. Nós iremos fornecer os dados ao recuperador e procurar o seu relatório em nossos arquivos.

Se o relatório ainda estiver em suas mãos, PREENCHA este formulário e nos envie. Os dados aqui discriminados deverão constar normalmente do relatório. O formulário será conservado como um documento provisório, sendo inutilizado após a conferência do relatório.

## CARTÃO PARA SOLICITAÇÃO DE DADOS – (Formulário nº 02)

Este cartão (fig. 03) é utilizado quando o CEMAVE recebe o aviso de uma recuperação, e o anilhador ainda não enviou o relatório referente àquela anilha. Tal cartão deve merecer atenção imediata do anilhador, uma vez que uma resposta rápida do CEMAVE ao recuperador auxiliará na divulgação e no interesse geral sobre anilhamento, facilitando novos relatos de recuperações na região.

Mesmo que o anilhador já tenha enviado o relatório referente à anilha, o cartão deverá ser totalmente preenchido e devolvido ao CEMAVE. Caso o relatório não seja encontrado, será pedida uma cópia ao anilhador. Se este verificar que a anilha mencionada no cartão ainda não foi utilizada deverá marcar esta observação e devolvê-la. Não havendo resposta posterior por parte do CEMAVE ficará implícito que o recuperador enganou-se quanto ao número ou a série da anilha.

Como o cartão não representa o relatório final da anilha ele só será mantido provisoriamente, até que o relatório final daquela série seja enviado. Tão logo os seus dados sejam conferidos, será anulado. Entretanto, qualquer discrepância de informações será comunicada ao anilhador e somente após ser sanada, o cartão será inutilizado.

## VERIFICAÇÃO DOS RELATÓRIOS ANUAIS

Os relatórios anuais terão os seus dados conferidos por um biólogo do CEMAVE, principalmente aqueles referentes à idade e à sexagem. Qualquer dúvida será anotada no formulário nº 03 (fig. 04) a ser enviada ao anilhador acusando o recebimento do relatório. Nesta ficha estará discriminada a dúvida do centro e o procedimento do anilhador. O formulário só estará inteiramente aceito após ser sanada a dúvida.

Se o relatório não apresentar qualquer problema a ficha enviada acusará a sua aceitação pelo CEMAVE.

Com este procedimento o CEMAVE espera melhorar ao máximo os dados a serem obtidos, além de poder fornecer subsídios a outros anilhadores para a comprovação total de um novo método para sexagem ou idade.

## AVISO DE RECUPERAÇÃO

A anilhador deverá enviar ao CEMAVE o aviso de qualquer recuperação, exceto aquelas de aves por ele anilhadas, a menos que este dado seja considerado necessário para a compreensão da biologia da espécie, importante portanto, para qualquer tipo de manejo que o CEMAVE vá recomendar para ela.

Recuperações de qualquer programa de anilhamento estrangeiro também deverão ser enviadas ao CEMAVE. Se a recuperação foi feita por terceiros e o anilhador é quem reporta, o nome e endereço do recuperador deverão constar do aviso de recuperação. Tal procedimento facilitará o contato direto e rápido entre o CEMAVE e o recuperador. O formulário nº 04 (fig. 05) deverá ser preenchido e enviado quando qualquer recuperação for noticiada.

Qualquer ave recém-anilhada, encontrada morta pelo próprio anilhador antes que ele tenha remetido o relatório anual, não será reportada separadamente, a menos que a sua morte seja considerada pelo anilhador como decorrente de circunstâncias excepcionais, servindo neste caso como subsídio para casos posteriores. Fora esta ressalva, o anilhador deverá inutilizar a anilha, e colocar no relatório anual que a mesma foi destruída. (Fig. 01)

## AVISO DE CHEGADA DO RELATÓRIO DO ANILHADOR

Nº de relatórios recebidos:

Permissão Nº

Data da chegada: . . . . . / . . . . . / . . . . .

Prefixos relatados:

Caro anilhador,

Recebemos seu(s) relatório(s) referente(s) ao(s) prefixo(s) acima. Através deste aviso procuramos melhorar a qualidade das informações anotadas, evidenciando, quando for o caso, os erros cometidos e auxiliando-o no preenchimento do relatório. Evitamos assim que falhas se repitam por falta de orientação. Utilize-se deste aviso para aprimorar a qualidade de seus dados.

Sabemos do seu esforço em preencher o melhor possível o seu relatório e esperamos que sempre o faça com critério.

- Nenhum erro ou discrepância foi anotado para seu(s) relatório(s).  
Continue mantendo seu método de preenchimento que ele está correto.
- Informações falhas foram anotadas no relatório. Corrija-as e leia o item "Preenchimento do Relatório" no Manual de Anilhamento. Elas encontram-se discriminadas no quadro no verso deste cartão.

Fig. 04

- |   |   |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Nº da Permissão                    | <input type="checkbox"/> Idade da Ave                               |
| <input type="checkbox"/> Nome do Anilhador                  | <input type="checkbox"/> Sexo da Ave                                |
| <input type="checkbox"/> Local do Anilhamento               | <input type="checkbox"/> Posição Geográfica do local de anilhamento |
| <input type="checkbox"/> Prefixo da anilha                  | <input type="checkbox"/> Data do Anilhamento                        |
| <input type="checkbox"/> Nº da série das anilhas            | <input type="checkbox"/> Observações                                |
| <input type="checkbox"/> Diâmetro inadequado para a espécie | <input type="checkbox"/> Nome da espécie                            |

Outros:

CEMAVE  
C. P. 04-034  
70.000  
Brasília - DF

Preenchido por . . . . .  
Enviado por . . . . .  
Data . . . . . / . . . . . / . . . . .

Form. 03/80

Agradecemos sua colaboração notificando-nos o encontro de uma ave anilhada.  
Seu auxílio será de grande importância para a compreensão da biologia dessa ave. Por favor preencha o questionário seguinte com cuidado. Caso não saiba uma informação ou tenha dúvidas, pulse-a, dados falhos são mais danosos que sua ausência. Escreva o número da anilha no local indicado, com atenção. Assim que o preencher, dobre o questionário ao contrário e remeta-nos.

Mais uma vez, obrigado pela ajuda prestada.

CEMAVE

---

Ao  
CEMAVE  
Caixa Postal 04-034  
Brasília – DF  
Cep. 70.000  
Brasil

---

CARTÃO RESPOSTA COMERCIAL  
Não é necessário selar este cartão

---

O selo será pago por:  
Instituto Brasileiro de  
Desenvolvimento Flo-  
restal – IBDF

---

Fig. 05



Nº da anilha ..... Data do encontro ...../...../.....

Local de encontro: .....

(nome, distância e direção da cidade ou acidente geográfico mais próximo, município, estado)

Como obteve a ave?

caça  rede de captura

outros (especifique) .....

A anilha foi retirada da ave?

sim  não  desconheço

Estado atual da ave:  morta  viva, em liberdade  viva, em cativeiro  desconheço

Nome do recuperador: .....

Endereço: .....

Enviado em ...../...../.....

Form. 04/80

IMPRESSOS

# Parte IV

## Anilhas

O uso das anilhas e a submissão dos dados ao CEMAVE são muito importantes. O anilhador deve ser cuidadoso e criterioso ao anilhar e ao submeter seus dados de anilhamento.

As anilhas são propriedade do governo brasileiro e a pessoa que as recebe torna-se responsável por elas. A responsabilidade finda quando o anilhador submete seus dados de anilhamento ao CEMAVE comunicando a colocação da anilha no tarso de uma ave posta em liberdade, quando as anilhas são devolvidas ao CEMAVE, ou quando o CEMAVE aprova a transferência das anilhas para outro portador de uma permissão de anilhamento.

Após o recebimento das anilhas solicitadas ao CEMAVE o anilhador deve conferir imediatamente os seus números. A conferência deve ser feita diretamente nas anilhas e não só pelo número das caixas ou envelopes. Verificada a exatidão da remessa, conferir com o recibo anexo, assiná-lo e enviá-lo no máximo dentro de 10 dias ao CEMAVE. Quando notar qualquer discrepância na remessa, não utilize as anilhas. Escreva ao CEMAVE e aguarde esclarecimentos. Um número ou letra errados em alguma parte, seja num envelope, num recibo, anilha ou qualquer outro documento poderá, se não for corrigido no CEMAVE, causar informações erradas e outros transtornos.

Um anilhador nunca pode transmitir uma anilha para outro portador de Permissão Individual ou para um auxiliar de outro anilhador. Para isso é necessária uma autorização prévia, por escrito, do CEMAVE.

As anilhas são remetidas aos portadores de Permissão Individual ou Permissão para Instituição Científica. O uso das mesmas, bem como a de fornecer dados corretos, através dos formulários de anilhamento ao CEMAVE, são de responsabilidade exclusiva daqueles. Os auxiliares, se for o caso, fazem seus relatórios ao responsável pelo projeto.

### TIPOS DE ANILHAS REMETIDAS

Todas as anilhas do CEMAVE são atualmente feitas de alumínio e podem ser abertas para a introdução no tarso da ave. Elas existem nos tamanhos de A até Z, excluindo as letras I, K, O, Y, W,. São portanto vinte tamanhos diferentes. Seu formato é circular e nelas vai impresso o endereço do CEMAVE, a letra código de tamanho e o número da série (fig. 06).

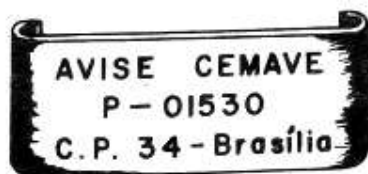
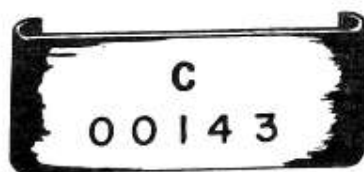


Fig. 06

Elas são entregues fechadas em colares de barbante ou arame contendo 50 ou 100 números consecutivos. O número mínimo de anilhas a ser pedido está indicado em quadro à frente.

Ao anilhar uma grande quantidade de aves num espaço relativamente curto de tempo, abra parcialmente as anilhas transferindo-as ainda em ordem para um tubo plástico ou um arame grosso, o qual passa por dentro delas. Deve-se cuidar para que elas não possam cair e que sua numeração seja correta e em série crescente.

## ANILHAS DE BEIJA-FLOR

São os três tamanhos menores e somente serão remetidas a pessoas altamente capacitadas que tenham apresentado um relatório detalhado da pesquisa e da real necessidade do anilhamento.

## ANILHAS ESPECIAIS

De momento o CEMAVE não distribui anilhas especiais. Caso anilhadores necessitem anilhas diferentes ou de um metal mais duro, devem submeter seu pedido indicando o tipo e a liga que pretende usar. Estudos estão sendo realizados no sentido de confeccionar anilhas c/ fecho, a fim de dificultar sua remoção pelo animal. As anilhas de fecho são pouco menos espessas, facilitando o fechamento.

Aço inoxidável, latão e outras ligas poderão ser utilizadas na confecção de anilhas especiais, dependendo do habitat do animal e de seu comportamento.

Após estudado pelo CEMAVE, e sendo o pedido deferido, poderão ser confeccionadas as anilhas na quantidade necessária. Caso o CEMAVE não tenha condições para mandar confeccionar as anilhas, o pesquisador poderá fazê-lo sob permissão anterior do CEMAVE, seguindo rigorosamente a numeração e as instruções indicadas. O anilhador nunca poderá usar anilhas sem o conhecimento prévio e aprovação do CEMAVE.

## OUTROS MARCADORES

Marcadores auxiliares não podem ser utilizados sem a permissão do CEMAVE. O Centro não fornece as marcações auxiliares, que devem ser conseguidas pelos pesquisadores ou confeccionadas por estes. Um modelo deve ser enviado ao CEMAVE, com a descrição detalhada da necessidade e uso, para haver a liberação.

## TAMANHOS, DIÂMETROS E PEDIDOS MÍNIMOS DE ANILHAS

O CEMAVE oferece 20 tamanhos de anilhas os quais podem ser selecionados pelo anilhador. Com o desenvolvimento dos trabalhos podem surgir necessidades de outros tamanhos ou então a possibilidade da supressão de alguns. O tamanho da anilha está designado por uma letra prefixo, conforme quadro abaixo.

Tamanho da Anilha	Diâmetro Interno (mm)	Quantidade Mínima	Tamanho da Anilha	Diâmetro Interno (mm)	Quantidade Mínima
A	1,3	50	M	5,5	50
B	1,5	50	N	6,3	50
C	1,8	50	P	7,0	50
D	2,0	100	R	8,0	50
E	2,4	100	S	9,5	50
F	2,8	100	T	11,0	50
G	3,2	100	U	13,5	50
H	4,0	100	V	15,0	50
J	4,5	50	X	17,5	50
L	5,0	50	Z	22,0	50

**PEDIDO DE MATERIAL**

PERMISSÃO Nº

NOME:  
ENDEREÇO:  
DATA: / /

**INSTRUÇÕES**

1. Faça seus pedidos com bastante antecedência para não prejudicar a pesquisa.
2. Anilhas só poderão ser remetidas aos portadores de Permissão Individual ou à Instituição Científica. A remessa para auxiliares só poderá ser feita mediante requerimento do responsável pela pesquisa.
3. A quantidade de anilhas pedidas deverá ser igual ou em múltiplos da mínima expressa no Manual de Anilhamento.

Fig. 07

**ANILHAS**

TAMANHO	A	B	C	D	E	F	G
QUANTIDADE							
TAMANHO	H	J	L	M	N	P	R
QUANTIDADE							
TAMANHO	S	T	U	V	X	Z	
QUANTIDADE							

**FORMULÁRIOS**

NÚMERO				
QUANTIDADE				

OBS.: .....

CEMAVE  
C.P. 04-034  
70.000  
Brasília - DF

ASSINATURA

Form. 05/80



## SISTEMA DE NUMERAÇÃO DAS ANILHAS

Existem noutros países sistemas diferentes de numeração de anilhas. Após o estudo de alguns deles optamos pelo mais prático e mais fácil, para o uso atual. Ainda durante vários anos os anilhamentos brasileiros deverão ser processados manualmente, isto é, sem o uso do computador. Quando esse uso se fizer possível e necessário, deverá ser indicado para esta letra prefixo da anilha um número código, o qual dará entrada no computador. A numeração atual compreende um prefixo que é a letra código de tamanho, sempre maiúscula, e o número de série composto por 5 algarismos. Quando se fizer necessário poderá ser adicionado à letra código um algarismo para identificar a nova série.

As anilhas são usualmente remetidas em colares. A primeira anilha de cada colar de 100 tem sempre os dois últimos dígitos 01; a última 00. A utilização deve sempre iniciar pela primeira anilha e seguir estritamente a sequência até a última. Após o uso de 100.000 anilhas a nova série terá somente o prefixo modificado.

## SOLICITAÇÃO DAS ANILHAS

Para a solicitação de anilhas deve ser utilizado o formulário nº 05 (fig. 07) que também serve para a solicitação de alguns outros materiais. Os pedidos devem ser feitos e assinados pelos portadores de Permissão Individual ou pelos responsáveis das Permissões Institucionais. As solicitações só podem ser feitas nos tamanhos indicados na Lista de Aves do Brasil (anexo 1) e para as espécies cujo anilhamento é permitido aos anilhadores. No caso de dúvida, o anilhador deverá medir o diâmetro do tarso de uma série de indivíduos, e fornecer ao CEMAVE a média e os extremos desta medição.

Os portadores de Permissão Auxiliar não podem requerer pessoalmente anilhas; eles poderão ter o material remetido ao seu endereço se assim for solicitado pelo responsável pela pesquisa. Caso o anilhador deseje o envio do material para um endereço diferente do seu deve especificar no pedido.

Ao solicitar as anilhas o anilhador deve levar em conta as necessidades de todo o seu projeto, estimando a quantidade a ser utilizada de 6 meses a 1 ano. Isso facilitará o trabalho do anilhador e do CEMAVE.

A não ser em circunstâncias especiais os pedidos devem ser feitos dentro de uma quantidade mínima ou seus múltiplos. Esta quantidade está especificada no quadro da página 29.

Usualmente as anilhas serão remetidas aos solicitantes num prazo máximo de 3 dias. Sendo entretanto que certos tamanhos podem ocasionalmente estar em falta, recomenda-se a efetuação do pedido com pelos menos 30 dias de antecedência.

As anilhas serão despachadas pelo Correio sendo que em alguns casos, dependendo do peso e volume, poderão ir por via aérea.

## COMO COLOCAR E REMOVER ANILHAS

O primeiro passo é a seleção do tamanho de anilha adequado para cada ave. Essa seleção pode ser feita através da Lista de Aves do Brasil, fornecida pelo CEMAVE (Anexo 1). Entretanto, como não é fácil em nosso país sabermos de imediato o tamanho indicado para a mesma espécie nas várias regiões geográficas, e como por certo em alguns casos ocorrerão variações nas espessuras dos tarsos, o CEMAVE incentiva a observação própria e aceita o envio de sugestões e recomendações nesse sentido.

A anilha deve ser colocada ao redor do tarso e quando fechada deve poder ser movimentada para cima e para baixo livremente sem causar atrito abrasivo, seja o tarso de formato circular ou elíptico.

Exceto para o anilhamento de alguns filhotes, todas as anilhas devem ser abertas antes de colocadas no tarso das aves. Ao colocar a anilha devemos fazer com que as duas extremidades da mesma estejam perfeitamente justapostas (fig. 08). Existem alicates especiais para esse fim que fazem um trabalho perfeito (fig. 09a). Na falta desses alicates é recomendado alicates de ponta fina (fig. 09b). Cada pessoa deve experimentar mais de uma opção para ver com qual se adapta melhor. Nas aves menores é recomendado o uso de um alicate especial. Deve haver cuidado para que os dedos da anilha não fiquem danificados pelo processo de fechamento. Quem estiver anilhando aves grandes não deve deixar a anilha invertida, possibilitando a sua leitura através de binóculo ou telescópio. As extremidades das anilhas não devem ficar sobrepostas.



Fig. 8

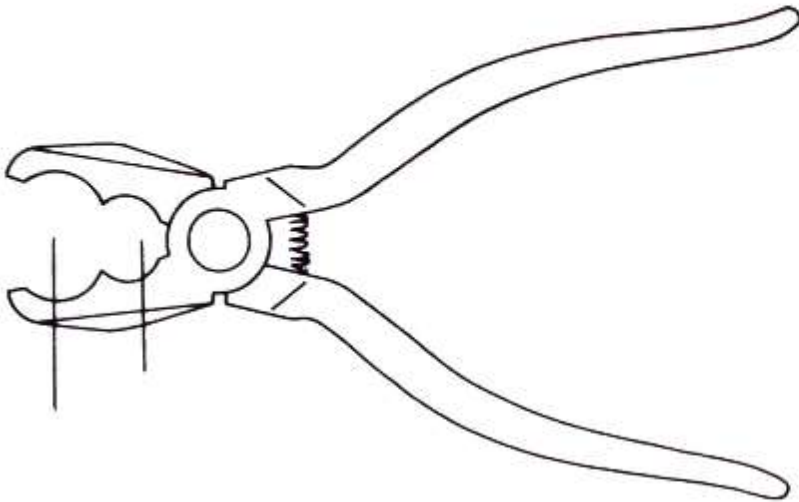


Fig. 9a – alicate especial

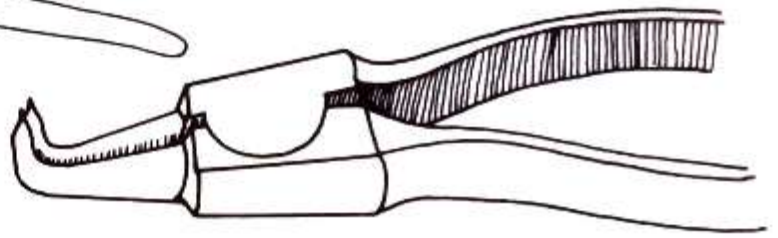


Fig. 9b – alicate de ponta fina

Caso acidentalmente haja a sobreposição de um dos lados, e a anilha necessita ser reaberta, isso poderá ser feito com uma tesoura cirúrgica de pontas finas (fig. 10) ou com alicates especiais para este fim. Dessa maneira também podem ser abertas anilhas que por algum motivo precisam ser removidas. Outro método consiste na introdução de dois fios de arame, um em cada lado, entre a anilha e o tarso. Torce-se o arame e prende-se sua extremidade livre a um objeto que possibilite puxar um arame para cada lado, abrindo a anilha (fig. 11). Para maior eficácia os arames devem ser colocados a 90° da abertura da anilha. Esse método é mais eficaz para as anilhas menores.

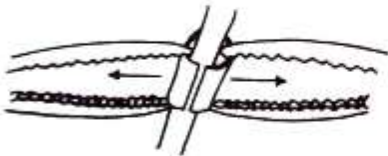


Fig. 10

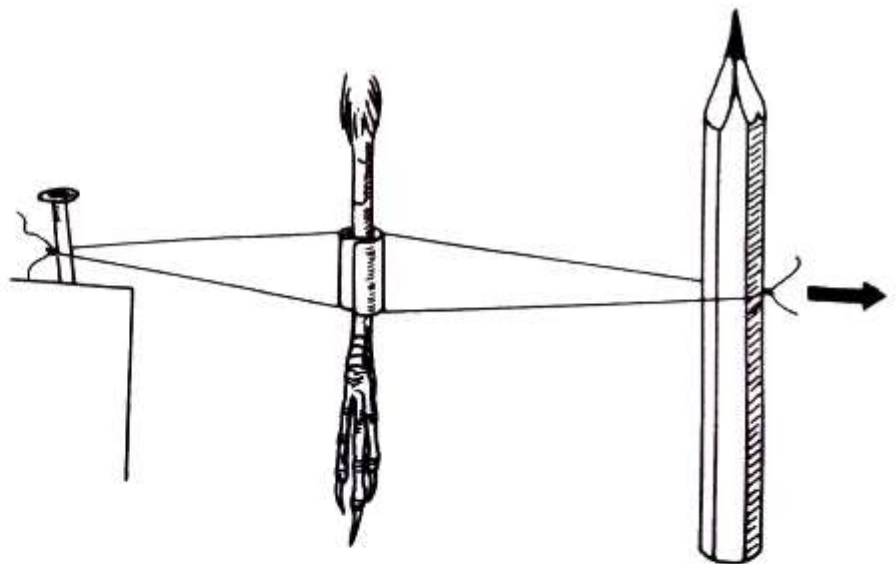


Fig. 11



# Parte V

## Métodos de Captura

### ARMADILHAS

O anilhamento de aves exige, na maior parte das vezes, a utilização de armadilhas. As armadilhas baseiam-se em princípios simples, aliados a estratégias aprendidos com o estudo da ave.

Aquele que se utiliza de armadilhas deve fazê-lo com todos os cuidados possíveis, evitando causar danos às aves capturadas. Estas possuem uma maior vulnerabilidade a predadores quando presas em armadilhas.

Com tempo chuvoso, muito frio ou sob sol forte, a armadilha deve ser utilizada com discernimento, recebendo visitas constantes. Além disso a manutenção da armadilha é muito importante, evitando que surjam pontas de arame ou farpas que possam ferir a ave capturada.

O anilhador deve dimensionar a armadilha levando em consideração as dimensões da ave que se pretende capturar, a funcionalidade da armadilha e o meio de transporte a ser utilizado. Lembre-se que a ave recém capturada debate-se muito. Ao aproximar-se do local de captura faça o mínimo de barulho possível, de modo a não aumentar o "stress" da ave. Se esta for transportada até outro local, aonde será anilhada, faça-o com um pano cobrindo a armadilha ou coloque a ave dentro de um saco de pano leve com barbante corredeiro.

A armadilha mais simples, que pode ser improvisada rapidamente, é a arapuca (fig. 12). A arapuca é, basicamente, uma caixa ou outra figura semelhante, apoiada em uma pequena ripa. Este apoio está amarrado a um barbante, que vai até aonde o anilhador encontra-se. Embaixo da arapuca coloca-se milho picado, alpiste ou qualquer outro alimento para atrair as aves. À distância o anilhador controla o interior da arapuca. Assim que alguma ave ou bando de aves entra, ele puxa o apoio da arapuca, deixando-a cair e aprisionando-as. Com uma gaiola acoplada ou segurando-as com a mão, retira-se as aves da arapuca.

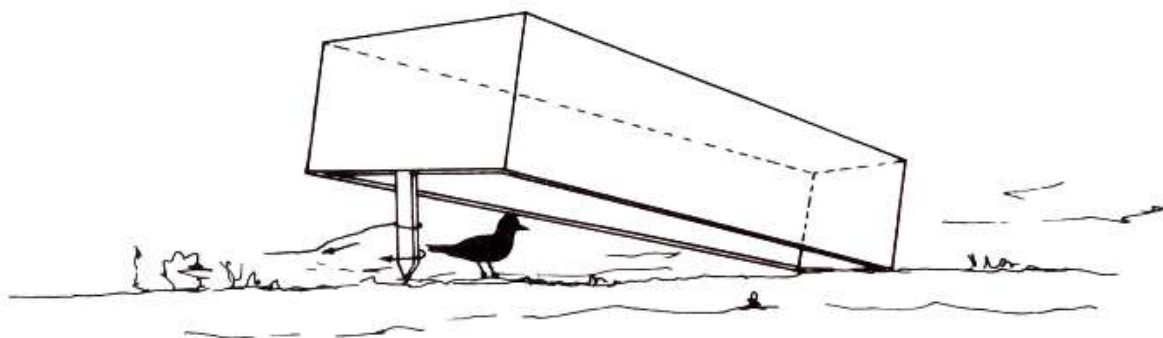


Fig. 12 – arapuca

Através de uma série de artifícios o anilhador poderá transformar a arapuca manual em automática. A arapuca é um método básico, a partir do qual várias armadilhas poderão ser desenvolvidas. Tudo depende da espécie a ser capturada e de estratégias que o anilhador imaginará, baseando na sua experiência e na observação sistemática da espécie.

Outras armadilhas utilizam-se de pequenas entradas cônicas junto ao chão (fig. 13). Nestas é necessário que se utilize tela de arame ou qualquer outro material transparente. No interior coloca-se alimento a as aves penetram através das entradas, mas têm dificuldades em sair pelo mesmo caminho. Esta armadilha é muito utilizada na captura de Tinamídeos e de outras aves que se alimentam no chão. Também podem ser feitas várias modificações conforme a necessidade do anilhador. Nesta armadilha a gaiola acoplada para a retirada das aves capturadas é eficaz.

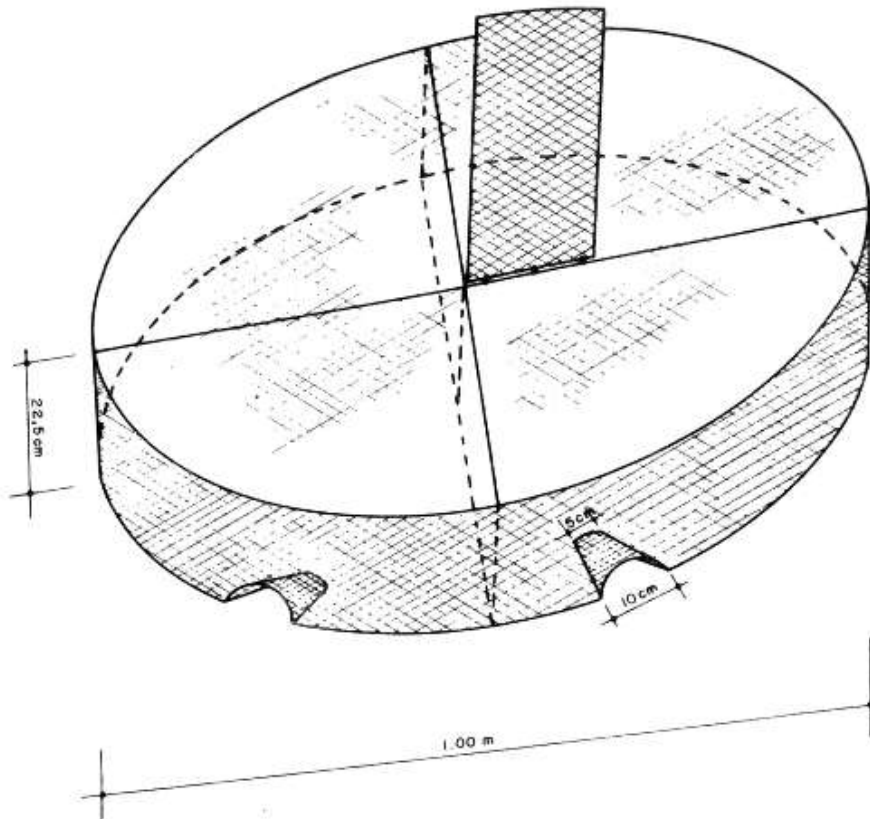


Fig. 13

Conforme a ave a ser anilhada, uma armadilha especial é necessária. Assim a captura de pica-paus e arapaçus pode ser feita através de arapucas colocadas no tronco da árvore, (fig. 14); gaviões e corujas são capturadas com armadilhas (fig. 15). Em tais armadilhas uma isca viva é colocada no seu interior e a superfície é eriçada com uma grande quantidade de laços corrediços de nylon ou outro material resistente. Ao tentar capturar a isca, a ave prende-se nos laços. Para evitar que a armadilha seja carregada, deve-se prendê-la em algo que o gavião ou a coruja seja incapaz de levantar.

Além destes existem outros modelos de armadilhas e o CEMAVE prestará qualquer esclarecimento ou auxílio para o anilhador quando for requisitado. Para isto basta escrever enviando um croquis ou a referência bibliográfica aonde foi encontrada a armadilha.

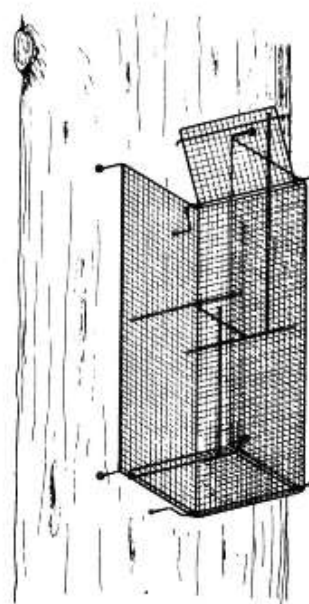


Fig. 14



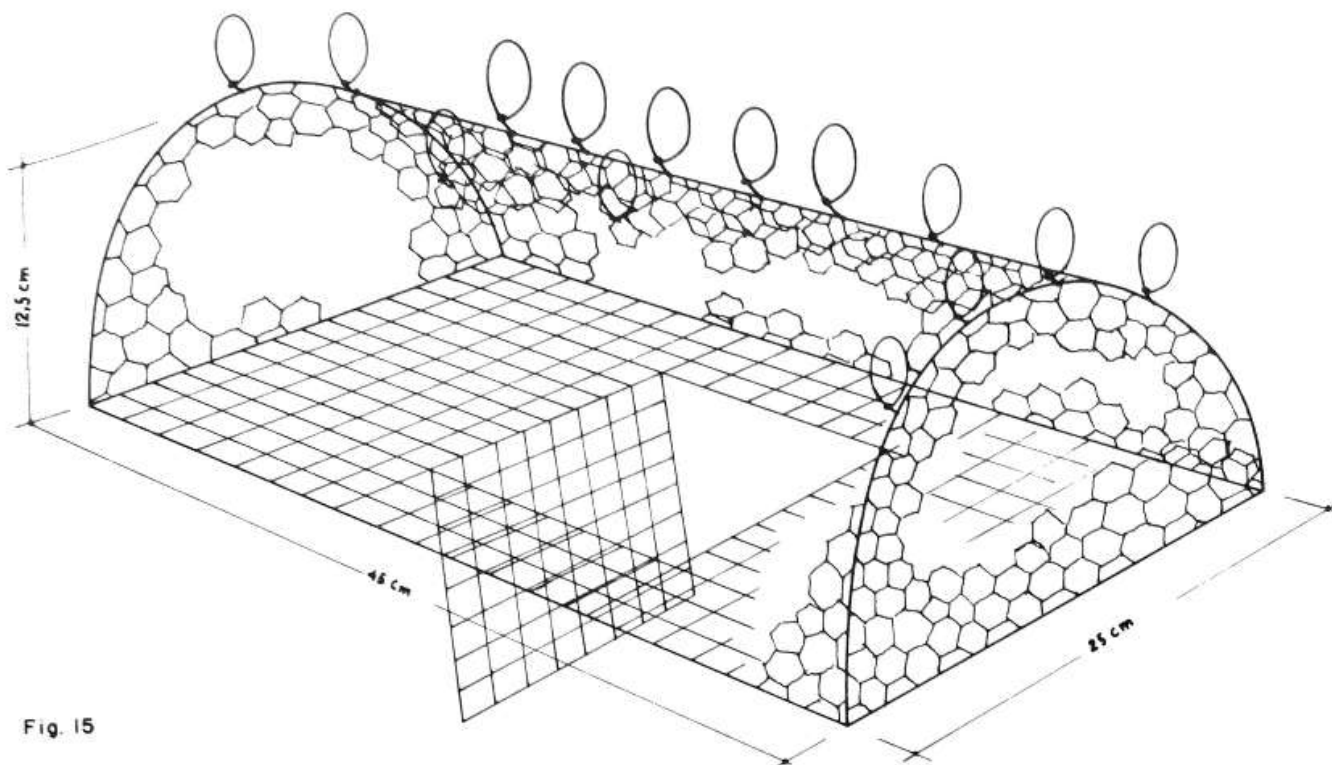


Fig. 15

## VISGO

Para capturar aves nunca utilize visgo ou qualquer outra substância semelhante. Por melhor que seja a limpeza feita após a sua utilização há sempre o perigo de sobras, o que acarretará novas capturas e morte das aves. Outro fator negativo é que a retirada e a limpeza das aves é demorada. Ao prender-se um bando, várias poderão ter as suas remiges ou retrizes coladas pelo visgo. Devido ao número de aves a serem limpas, o anilhador poderá não perceber a situação, prejudicial à ave.

## REDE DE CAPTURA

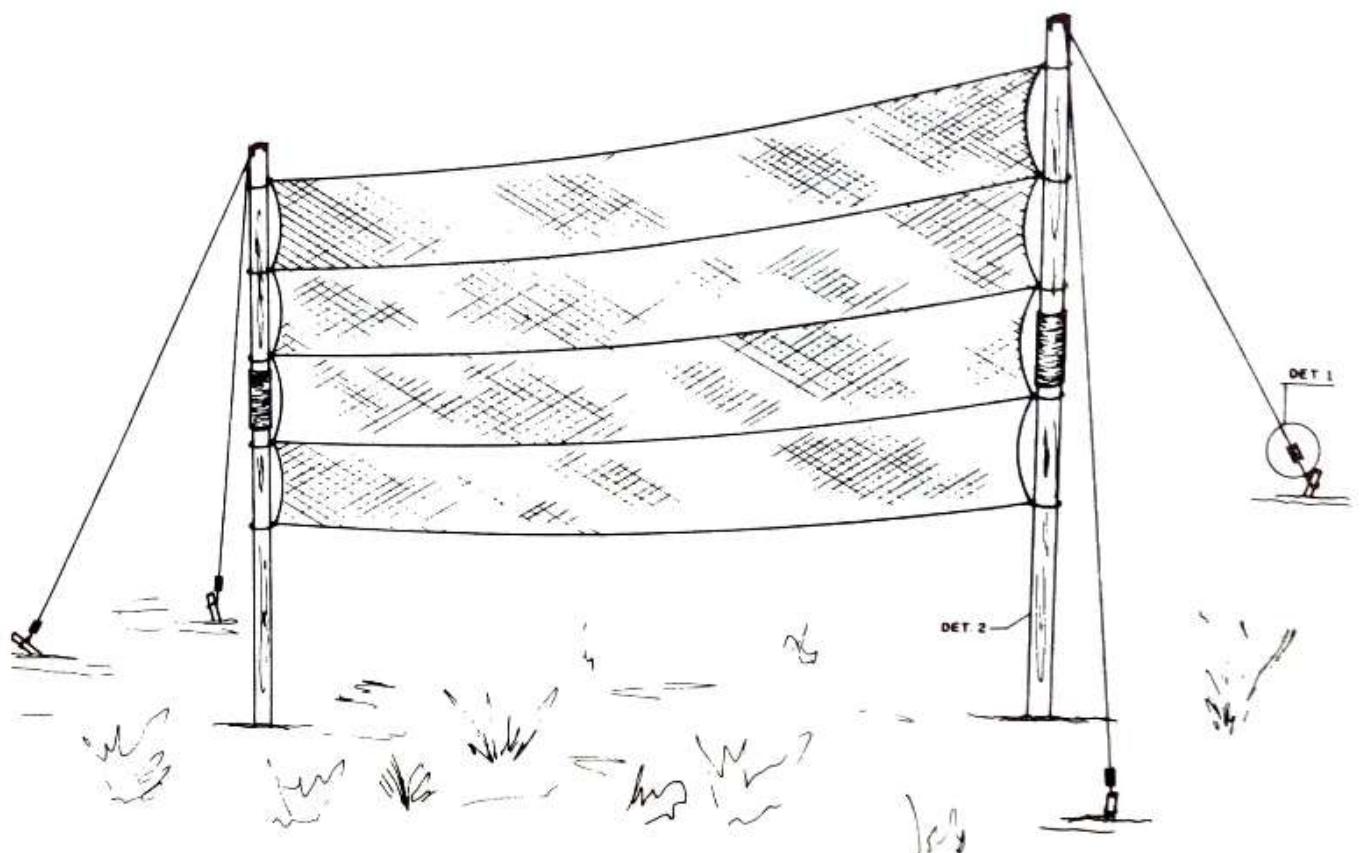
A rede de captura (fig. 16), quando utilizada com cuidado e habilidade, é um dos melhores meios de auxílio ao anilhador. A rede, após ser retirada do invólucro de fábrica, necessita ficar bem dobrada para ser recolocada. Como esta dobradura é muito trabalhosa e a rede é usada em curtos espaços de tempo, pode-se acondicioná-la em invólucros maiores. Ao utilizá-la evite usar roupas que possuam muitos botões ou qualquer objeto que possa ser "apanhado" pela rede. Relógios e zíper podem danificá-la durante a sua retirada.

Ao retirar, pela primeira vez, a rede do invólucro, abra-a e deixe as alças livres. Então, com ela apoiada em um dos braços, procure a alça inicial. Após separar as alças de cada lado, com o auxílio de outra pessoa estique totalmente a rede. Verifique então se as alças estão se separando com a correspondente da outra margem. Para tal verificação passe vagarosamente as alças de uma mão para outra. Tal movimento deve ser acompanhado pelo auxiliar, sincronizadamente. Verifique também se as linhas mestras não estão se cruzando. Feche a rede, reunindo as alças em sequência. Coloque-as então em um alfinete de segurança ou qualquer outro utensílio que as conserve desta forma.

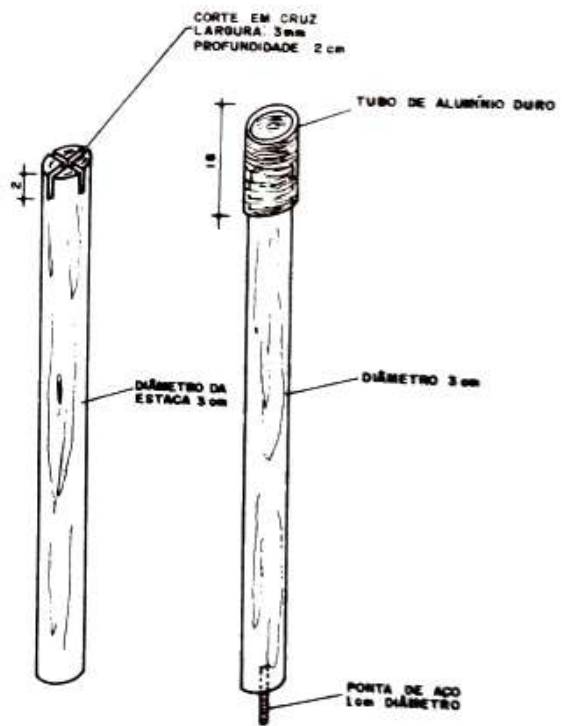
Após o uso no campo, reúna as alças de uma das traves, coloque-as em ordem e passe o alfinete de segurança. Repita o mesmo com a outra extremidade. Com a rede esticada, segure com a mão esquerda uma das extremidades com as alças reunidas e, com a direita, apanhe a rede, juntando-as às alças em braçadas. Realize a operação até chegar ao outro extremo. Quando faltar somente uma braçada retire a outra extremidade. Coloque a rede no invólucro de plástico ou pano, de modo que a última extremidade retirada da trave fique junto à boca. Para armar a rede realize a mesma operação, no sentido inverso.

A rede distende-se quando molhada (chuva, umidade excessiva, etc) e se encolhe após secar. Com a sequência de encolhimentos e distensões as linhas mestras e as que delimitam o painel enfraquecem. Para reduzir este problema pode-se amarrar as alças à trave através de tiras de borracha retiradas de câmaras usadas de pneus de automóveis. Reduz-se assim as pressões que a rede sofre durante as expansões e retrações. Quando ocorre captura de aves que podem romper a rede, este estratagema também é útil.

Se, por qualquer motivo, a rede for recolhida molhada, deve-se estendê-la para secagem o mais depressa possível,



DET. 1



DET. 2

Fig. 16 – rede de captura

# ESTACAS DE MADEIRA

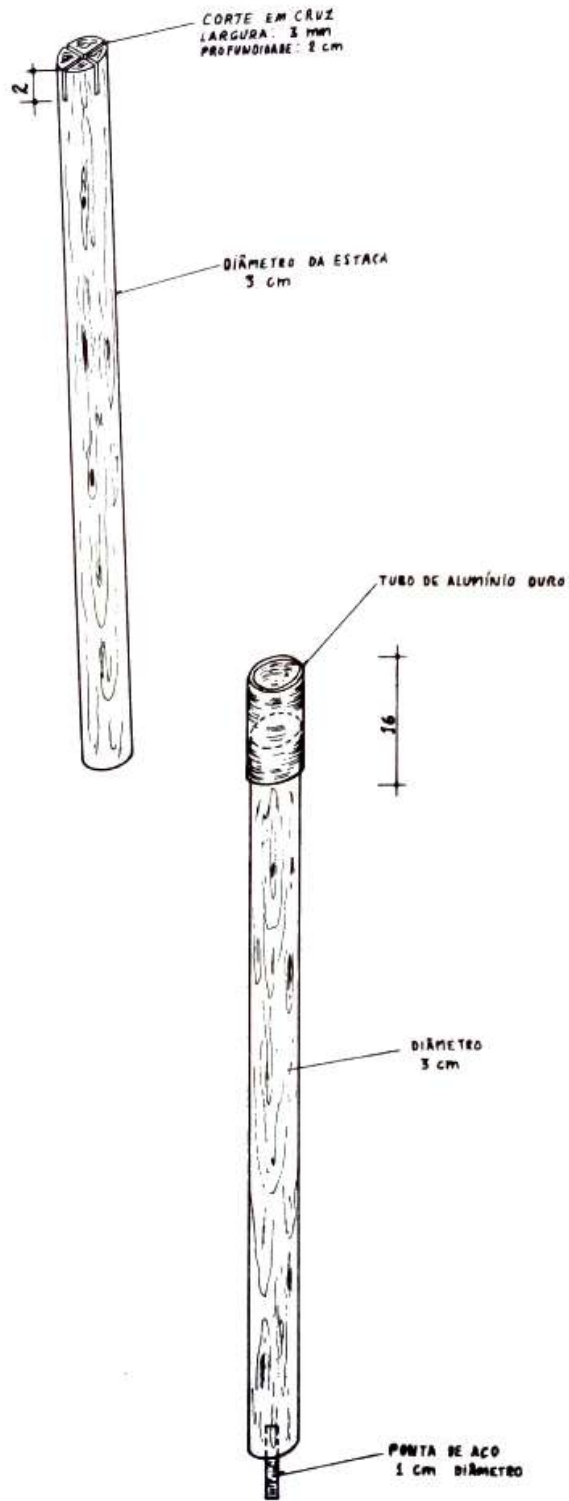


Fig. 16



evitando-se assim que os fungos possam atacá-la. Quando usada regularmente a rede deve sofrer revisões semanais. Durante as revisões deve ser seca e qualquer buraco consertado. Se houver necessidade de abandonar uma rede velha utilize o fogo para destruí-la. Evite assim que ela seja utilizada por pessoas inescrupulosas ou sem autorização para tal.

Às vezes, para se retirar uma ave muito emaranhada, torna-se necessário cortar a rede. Tal decisão é pessoal e a extensão da rede cortada depende da habilidade do anilhador.

Grandes insetos podem danificar a rede quando capturados. A série de espículas e espaços entre as placas de um grande besouro, por exemplo, se emaranham de tal forma que somente sacrificando o inseto podemos liberar a rede.

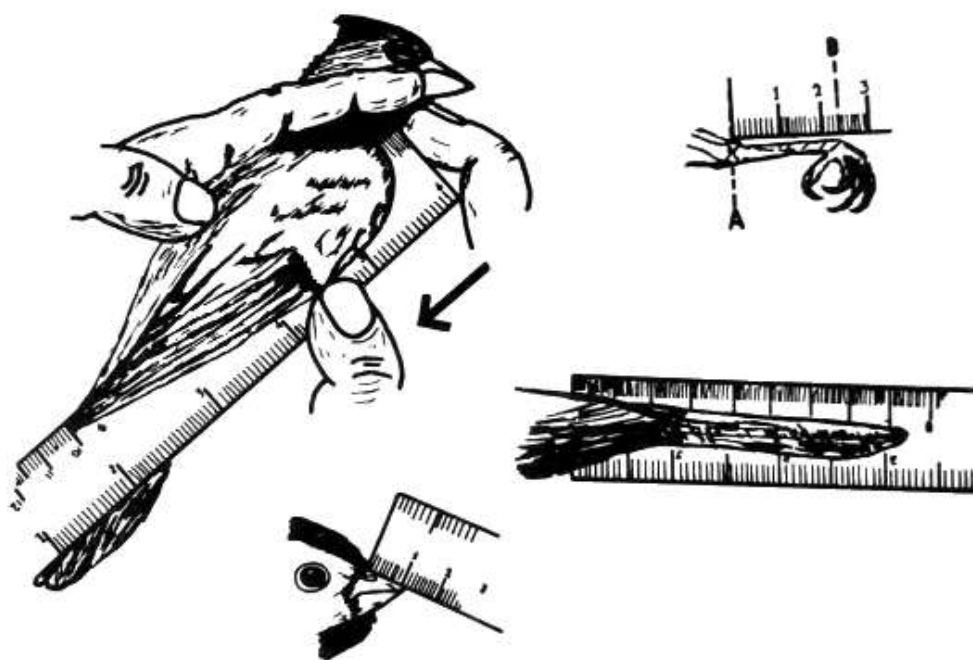
Quando uma linha de suporte do painel arrebenta, deve-se substituí-la. Muitas vezes necessita-se utilizar a rede antes que se tenha material para o conserto. Para tanto basta reunir as pontas da linha com um nó cego. A linha de substituição deve seguir a mesma trama da linha substituída.

A vida útil de uma rede depende dos cuidados e de quantidade de vezes que é utilizada; usada constantemente a rede pode durar de 3 a 6 meses ou mais, dependendo da umidade e dos cuidados de armazenamento.

### 1. Remendos

Os buracos da rede devem ser reparados com uma agulha de pescador. O peso que suporta a linha preta a ser utilizada no reparo deve ser aproximadamente o mesmo da linha da rede, devendo-se preferir a seda ou o nylon. Para o remendo a rede deve ser estendida em um local com pouco vento ou dentro da casa. Uma luz atrás da rede ou uma folha de papel colocada atrás da região a ser reparada auxiliam o remendo. (fig. 17)

MEDIÇÕES C/ RÉGUA



COMO REPARAR A REDE DE CAPTURA

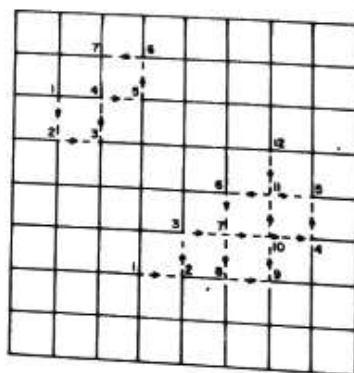


Fig. 17

## 2. A retirada da ave da rede de captura

A retirada da ave da rede muitas vezes é trabalhosa e o anilhador deve se lembrar que qualquer dano maior ocorrido durante a operação poderá prejudicar a vida futura da ave anilhada, fornecendo, mesmo, alguns dados falsos por recuperação precoce. O primeiro passo durante a aproximação para a retirada é determinar-se o lado da rede em que a ave emaranhou-se. A operação de retirada é a inversão dos movimentos que ela fez quando se prendeu. O anilhador deve ter em mente que cada ave é um caso diferente quando se prende, pelas suas reações e por suas diferentes resistências ao manuseio e ao choque, exigindo muito tato e improvisação.

Um dos métodos gerais indicado é o seguinte:

- 2.1. Após determinar o lado da rede que a ave encontrou primeiro, abra a "bolsa" formada pelo peso da ave na rede.
- 2.2. Usando uma das mãos, segure ambas as tíbias, por trás, do seguinte modo:
  - a) coloque o indicador entre as tíbias
  - b) segure firmemente uma tíbia com o polegar e a outra com o médio.
  - c) retire, com a mão livre, as malhas que estão prendendo as pernas e os pés.
  - d) o primeiro cuidado nesta operação é certificar-se de que todas as malhas ficaram abaixo do fêmur e da tíbia.

Algumas malhas prendem-se junto da articulação da tíbia com o fêmur e ficam escondidas pelas penas. Todas as malhas devem ser situadas abaixo da articulação tíbio-tarsal.

e) livre os dedos puxando para baixo as malhas. Um lápis, um palito ou bastão pequeno de borracha auxiliam bastante. Tem-se observado que após a liberação da articulação tíbio-tarsal os dedos tendem a relaxar, facilitando a retirada dos mesmos.

- 2.3. Puxe a ave para cima e para fora da rede, ainda segurando as tíbias. Retire a rede do encontro das asas repuxando rapidamente as malhas, a partir da face interna. Libere as remiges.

- 2.4. Após liberar as asas, retire as malhas do pescoço, trabalhando de trás para a frente. Outro método muito usado quando a ave está posicionada com os pés para baixo e muito presa à rede é o seguinte:

seguinte:

- 2.1. Após determinar o lado de entrada da ave, segure-a com o pescoço entre o indicador e o médio. O polegar deve-se colocar por trás da perna e dirigir-se para a frente, em direção ao peito.
- 2.2. Com a outra mão retire as malhas do encontro da cada asa, começando pela parte inferior.
- 2.3. Ainda com a ave na posição original, retire as malhas do pescoço, em um movimento semelhante a retirada de uma camisa pelo pescoço.
- 2.4. Puxe a ave para cima e para fora da rede. Ao tentar voar ela liberará.

Neste método, quando utilizado por pessoas com prática, a ave sofre muito pouca pressão, já que o contato mais firme é somente nos lados do pescoço. Além desta vantagem, a ave libera por si só e rapidamente os pés.

O terceiro método exige alguma prática, mas é aplicável a quase todas as situações.

- 2.1. Após determinar o lado da entrada da ave, segure uma das pernas acima do tarso e libere o pé correspondente.
- 2.2. Libere a asa correspondente
- 2.3. Libere a cabeça
- 2.4. A outra asa e o pé correspondente

Certos cuidados devem estar sempre na mente do anilhador. Algumas famílias, principalmente passeriformes, possuem o par de expansões laterais na parte proximal da língua bem desenvolvido. Se por acaso a ave, ao tentar se liberar, passa uma das malhas na boca pode prendê-la na língua. Para liberar a língua nunca puxe a malha para fora. Isto causará danos. Ao invés, com o auxílio de um palito de fósforo ou algo parecido, empurre a malha para trás, depois para cima e então para fora. No caso de não ser possível liberar por este método, corte a malha que a prende. A retirada das retrizes e remiges da rede exige um grande cuidado do anilhador, pela importância que estas penas possuem para a ave. O movimento de retirada das malhas deve iniciar-se da base da pena e caminhar para o topo da mesma, evitando dobrá-la, prevenindo-se a quebra do ráquis.

Em algumas ocasiões a articulação do carpo com o rádio e a ulna (o "encontro") fica de tal forma emaranhada que deve ser a primeira região a ser liberada por exigir a utilização das 2 mãos.

O anilhador nunca deve utilizar a rede sob chuva, não só pelos danos que aquela pode ter, como pelos que uma ave encharcada pode sofrer.

## ANILHAMENTO DE FILHOTES NIDÍCOLAS

Anilhar filhotes nidícolas é um meio que fornece ótimos resultados, por ser um modo de anilhar maiores quanti-

dades de aves com idade conhecida, facilitando a análise dos dados de recuperação. O anilhador deve ter vários cuidados quando está anilhando filhotes. O primeiro refere-se à proteção do ninho. Geralmente este está protegido de predadores por uma série de artifícios. Ao aproximar-se evite destruir esta proteção, deixando o ninho visível e com fácil acesso.

O anilhamento dos filhotes não pode ser feito nos primeiros dias, uma vez que os dedos ainda não impedem a saída da anilha. Por outro lado, se o filhote estiver prestes a voar e for manipulado para receber a anilha, ao ser recolocado, dificilmente ele ficará no ninho. Em geral, a melhor época para anilhar filhotes nidícolas é quando a remige estiver metade rompida e metade no interior do canhão.

Algumas espécies nidificam em comunidades, em grandes concentrações no solo, o que facilita o anilhamento dos filhotes. Entretanto como os filhotes são relativamente nidífugos, utilize de uma tela em "V" ou outro artifício com a abertura direcionada para o setor aonde vai-se trabalhar. Assim, evita-se que os filhotes de um setor penetrem em setores mais afastados, dificultando ou impossibilitando o seu retorno. Lembre-se que estas aves, apesar de nidificarem muito próximas, possuem um território em torno do ninho. Este é relativamente pequeno, mas é defendido contra intrusos e um filhote andando no meio da colônia será atacado e espantado por todos, até que retorne ao território do seu ninho.

Filhotes nidífugos são capturados nas mesmas armadilhas de adultos.



# Parte VI

## Trabalho de Campo

A finalidade do anilhamento é obter dados sobre a biologia da espécie anilhada, a partir da análise dos resultados fornecidos pelas recuperações, comparados com aqueles obtidos quando do anilhamento. Logo a tomada de dados quando se está anilhando é muito importante, devendo o anilhador ser o mais criterioso possível. Como procedimento básico nunca anilhe aves que não conseguiu determinar. Dados incertos sobre idade, sexo ou sobre qualquer outra observação não deverão ser tomados.

Ao preparar-se para anilhar leve todo o material necessário. Para isto faça uma lista e confira todo o equipamento. Nunca mantenha a ave presa por não ter a anilha indicada. O anilhador deve ter uma caixa fabricada sob medida ou adaptada aonde serão colocadas as fleiras de anilhas, cada tamanho em um compartimento separado, alicates, escala, paquímetro, disco de medir tarso, saco de transporte, balança, prancheta, lápis, borracha e fichas de campo. Leve também uma gaiola de transporte (fig. 18).

A ficha de campo poderá ser desenvolvida a partir dos dados que o anilhador considera importantes para a sua pesquisa, mais aqueles que o CEMAVE pede para o relatório anual. A fig. 19 mostra um modelo de relatório de campo, no qual o anilhador poderá basear-se ou copiar. Neste modelo a primeira coluna refere-se ao status da ave, cujo código está indicado acima. A seguir vêm as colunas para o número da anilha, a espécie e o sexo, sendo que este é subdividido para a colocação do código do sexo e o do método utilizado para a sua determinação. O mesmo ocorre para o item "idade". Seguem-se os espaços asa, cauda, tarso e gordura além do peso. O item local, habitat, tem por finalidade anotar o tipo de ambiente a onde a ave foi capturada.

A placa de incubação, o outro item, é resultante da perda de penas e da maior irrigação sanguínea da região abdominal que entra em contato com os ovos e filhotes. Visualiza-se a placa segurando a ave com o abdomen para cima e as penas da região ventral no sentido postero-anterior. A placa surge com o afastamento das penas na região abdominal. A placa é vermelha, estendendo-se por quase todo o abdomen. Cuidado para não confundir em certas espécies o reduzido número de penas do abdomen com a placa de incubação.

Após a vitória, classifique a ave a ser anilhada. Tendo qualquer dúvida na classificação não hesite em soltá-la. Aves mal classificadas transformam-se em problemas quando as anilhas são recuperadas. Anilhe a ave, imediatamente passe o número e a série da anilha para a folha de campo colocando logo o código do status da ave. Determine o sexo e a idade, anotando a seguir a coloração das partes nuas.

Para pesar use uma balança de mola com um prendedor na ponta (figura 20). Pese o saco de transporte e em seguida pese a ave no seu interior. Diminuindo o peso do saco resultará no peso da ave.

Quando mais de uma pessoa está trabalhando no mesmo programa de anilhamento é interessante manter uma delas como a responsável pelas fichas de campo.

O procedimento do anilhador no campo deve seguir uma linha geral pré-estabelecida, como a que se segue, evitando-se perder dados por esquecimento ou negligência.

A ave, após a retirada da rede ou armadilha, é colocada em um saco de pano leve com barbante correção na boca. Ao andar, evite sacudir o saco de transporte, deixá-lo cair ou bater em qualquer objeto.

Antes de anilhá-lo faça uma vitória das condições gerais em que ela se encontra. Não havendo nenhum problema, como, por exemplo, uma luxação na asa ou perna, anilhe-a. Caso a ave esteja com qualquer ferimento mais grave, não anilhe. Faça um curativo e coloque-a na gaiola de transporte. Esta gaiola é utilizada pelo anilhador quando torna-se necessário o transporte da ave. Ela é feita de madeira, com 1 ou vários compartimentos. Um dos lados é fechado com tela, enquanto que do outro estão colocadas as portas de madeira. Quando a ave é colocada em um compartimento, e somente uma ave deve ser posta em cada divisão, fecha-se a parte telada com um tecido leve. Permanecendo na semi-obscuridade ela acalma-se, evitando-se o gasto desnecessário de energia e o aumento de "stress". Para retirar a ave, levante o pano, deixando a luz penetrar no interior do compartimento. Ao vê-la a ave correrá para a tela, permitindo que o anilhador abra a porta e segure-a. Além de ser utilizada para transporte ou para recuperação das aves feridas, a gaiola de transporte serve como auxílio ao anilhador quando um grande número de aves é capturado. Enquanto esperam a vez de serem anilhadas, elas podem permanecer na gaiola de transporte.

Para soltar a ave não a jogue para o ar. Por estar algum tempo imobilizada ela poderá não ter o reflexo para voar.



Fig.18-CAIXA DE MADEIRA LEVE COM PORTAS DE CORRER  
PARA TRANSPORTE DE AVES.

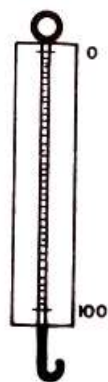
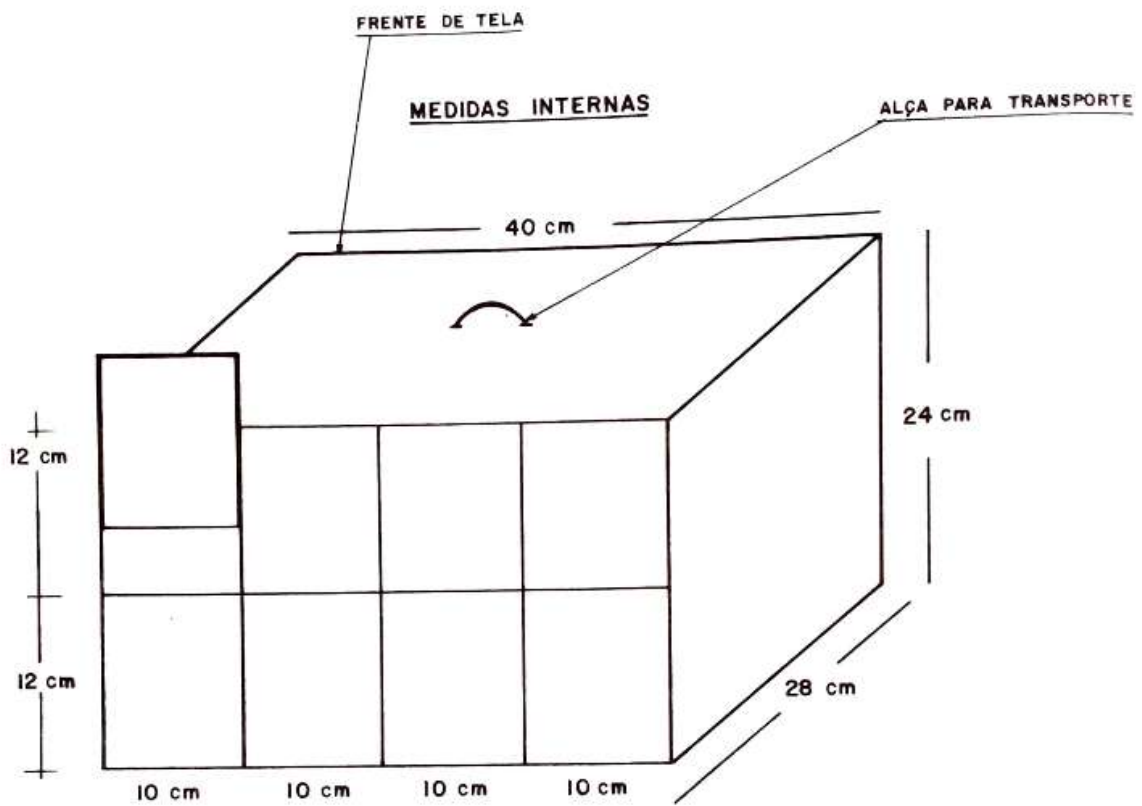


Fig. 20 – balança de mola



Segure-a e coloque a palma da mão para cima. A seguir abra vagarosamente os dedos. Se houver uma demora muito grande antes dela voar, mexa um pouco a mão.

### DISCOS PARA MEDIÇÃO DE TARSOS

O disco para a medição de tarsos (fig. 21) é utilizado quando o anilhador ainda não conhece o tamanho de anilha ideal para a espécie que irá anilhar. Método mais direto do que a utilização do paquímetro, o disco possui reentrâncias com o diâmetro interno de cada tamanho de anilha, tendo em sua borda o código da anilha correspondente ou o seu diâmetro interno. O anilhador deverá medir o diâmetro maior do tarso da ave.

Como cada ranhura corresponde a um tamanho de anilha teremos, conseqüentemente, o tamanho que deverá ser utilizado para a espécie.

Apesar do CEMAVE fornecer uma lista com as anilhas recomendadas para as espécies conhecidas, sempre que o anilhador iniciar uma pesquisa com uma espécie ou capturar aves em outras regiões ele deve medir o tarso das aves. Lembre-se que populações diversas podem ter diferenças nos diâmetros do tarso.

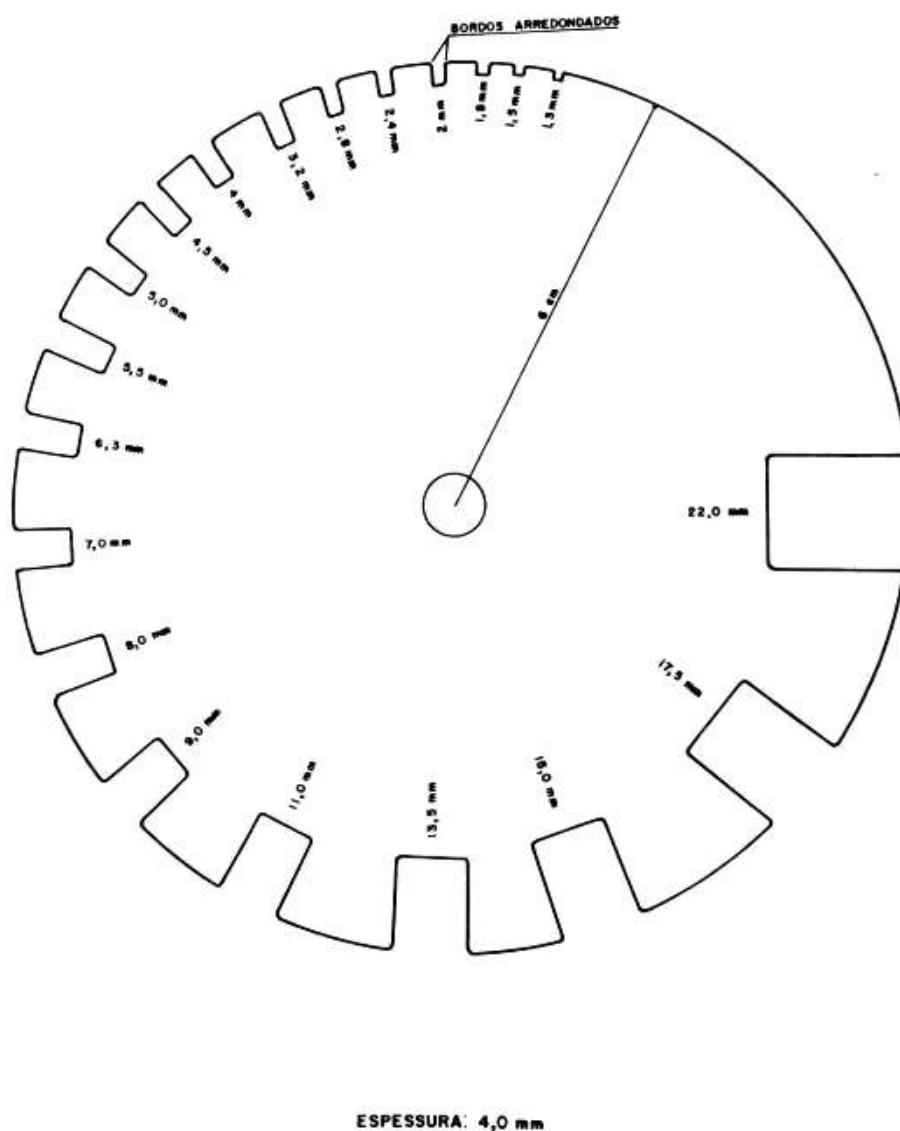


Fig 21 - DISCO PARA MEDIÇÃO DE TARSO DE AVES

## MANUSEIO DA AVE

O manuseio da ave capturada para a obtenção de dados e para o anilhamento deve ser o mais breve possível. Uma das maneiras mais simples e segura é colocando-se o pescoço da ave entre o polegar e o indicador, com o corpo contra a palma da mão e os outros dedos levemente curvados sobre a mesma (fig. 22). Este método tem o inconveniente de dificultar, ou mesmo impedir, as medições e o anilhamento. É muito utilizado durante a retirada de aves da rede ou para transporte.

Para anilhamento o melhor método de contenção é mostrado na fig. 24. As figs. 23 e 25 são modificações do mesmo método. A ave é segura de modo que seu pescoço fique entre o indicador e o dedo médio e as asas contra a palma da mão. O polegar e o indicador seguram a perna na junção do tarso com a tíbia (fig. 24); o polegar e o anular na mesma articulação (fig. 23) ou, em filhotes, espécies muito pequenas ou com tarso muito curto, na articulação do tarso – metatarso com as falanges (fig. 25). A contenção do tarso deve ser feita cuidadosamente. Outra maneira é a contenção invertida (fig. 26), aonde a ave é segura pelo anular e o mínimo contra a palma da mão e o tarso pelo polegar e o indicador. Esta posição tem o inconveniente de impossibilitar medições.

O anilhador deve ter em mente que todo o cuidado é pouco quando se manuseia uma ave. Esta deve ser mantida presa sem ser apertada demasiadamente. Se isso ocorre, aumenta o stress e a possibilidade de choque, bem como condensação do suor da palma da mão nas penas do dorso e da asa, dificultando a obtenção de certos detalhes pelo desalinhamento que promove. Nunca deve-se segurar uma ave somente por uma perna ou asa, nem pelas remiges ou retrizes, para evitar fraturas e ferimentos ou perda de penas importantes para o voo.



Fig. 22



Fig. 23



Fig. 24



Fig. 25



Fig. 26



Quando se contém uma ave muito grande sem auxílio de uma outra pessoa, ela deve ser colocada no colo do anilhador, com as pernas segurando as asas contra o corpo. Coloca-se então um pano escuro sobre a ave, deixando-se somente as pernas livres. Sempre que se manuseia uma ave de um porte maior segura-se inicialmente a cabeça, de modo a evitar ferimento que ela pode ocasionar com o bico. Nas aves de rapina a maior atenção deve ser dada às garras. Geralmente a colocação de um pequeno galho ou qualquer outro objeto entre os dedos faz com que a ave feche as garras sobre ele, diminuindo consideravelmente o risco de acidentes.

O manuseio de aves durante o período de reprodução deve ser ainda mais cuidadoso, principalmente com a região abdominal. Nas medições das dimensões alares não se deve esticar as asas além do absolutamente necessário, sem forçá-las, e com cuidado para se evitar distensões ou rompimentos musculares.

## MÉTODOS DE DETERMINAÇÃO DA IDADE

### a) Ossificação craniana

A caixa craniana de uma ave jovem ainda não possui os ossos soldados entre si, como a ave adulta. Ao abandonar o ninho, os ossos da caixa craniana da ave parecem ter somente uma única camada, tornando-se róseos, quando observado macroscopicamente. Posteriormente há uma maior separação entre as camadas, aumentando a pneumatização e o número de trabéculas ósseas entre elas, tornando o crânio esbranquiçado sob observação macroscópica. A observação deste fato pode ser feita na ave viva. O crânio de um jovem recém-saído do ninho é uniforme e róseo, enquanto que no adulto é esbranquiçado, devido aos espaços pneumáticos, e rugoso, graças à concentração de trabéculas.

O anilhador necessitará de uma boa fonte de luz dirigida de modo a se refletir na superfície do crânio. Em locais com eletricidade, uma lâmpada de 100 Watts com um quebra-luz apropriado, fornecerá a luz necessária para a observação. Em outros locais, luz solar forte ou fornecida por bateria tem o mesmo efeito.

Use uma lupa (7 a 15x), uma lupa de ourives ou uma binocular para observar as estruturas envolvidas.

Utilize água para molhar as penas e a pele, facilitando a observação. Evite o uso de álcoois, detergentes ou qualquer outro produto similar. Há uma melhor visualização quando utilizados, mas possuem alta periculosidade para ave, principalmente para os olhos.

Para determinar a idade através da ossificação craniana, segure a ave de modo que a cabeça fique entre o indicador e o polegar (fig. 27). Molhe o alto da cabeça e afaste as penas, olhando então através da pele (fig. 28). Movimente a pele para frente e para trás e, com a lupa, procure áreas sem ossificação-róseas e sem trabéculas (fig. 29). Verifique a base do crânio de fringíldeos: nesta família a linha de ossificação pode situar-se tão posteriormente que o observador julgará que a ave já é adulta pela ausência de contraste, apesar de não observar a rugosidade do crânio (concentração de trabéculas).

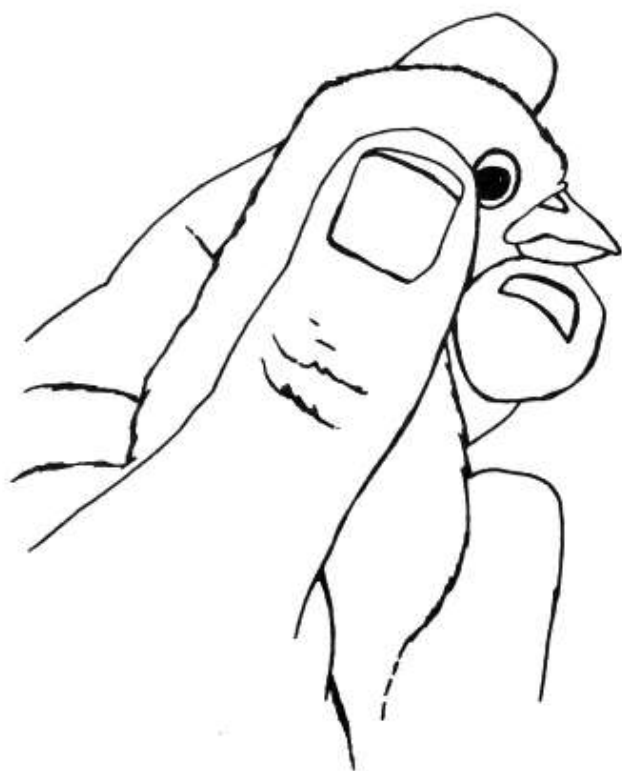


Fig. 27



Fig. 28

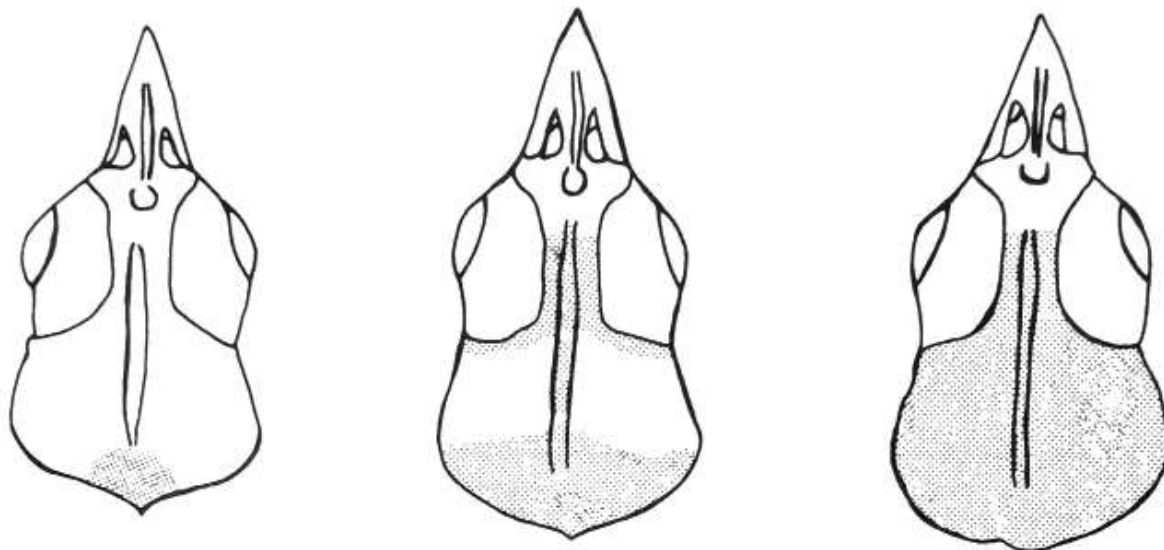


Fig. 29

A utilização deste método em aves com a pele escura, grossa ou em muda é bastante difícil ou mesmo impossível. Há muita variação na aparência do crânio em espécies diferentes, de modo que a sua utilização correta exige paciência e muito treino. Muitas vezes o anilhador marca poucas aves, mas a quantidade é suplantada pela qualidade das informações obtidas.

A completa saturação dos ossos cranianos ocorre em 4 a 8 meses em muitas aves. Os ossos do crânio de várias famílias nunca se unem totalmente, mantendo espaços correspondentes às áreas não ossificadas. Por exemplo: andorinhas (Hirundinidae), andorinhões (Apodidae), beija-flores (Trochilidae) e em papa-moscas (Tyrannidae).

#### b) Pela plumagem

Cathartidae, Accipitridae, Laridae, Sulidae, por exemplo, são famílias nas quais o jovem possui plumagem diferente da plumagem do adulto, tornando possível a determinação da idade.

Geralmente o macho jovem de uma espécie com dimorfismo sexual possui a sua plumagem semelhante à da fêmea adulta, com ligeiras nuances. Observando-se estes detalhes, é possível determinar não só a idade, como o sexo dos jovens.

#### c) Pela cor do olho

Em algumas espécies, ou mesmo famílias, a plumagem do jovem é idêntica à dos adultos, sendo diferenciado somente pela cor da íris. Esta é mais escura, mais clara ou com uma cor diversa da do adulto.

#### d) Pelo bico

Como no caso anterior a diferenciação se faz através da cor do bico do jovem. Aqui, entretanto, outras diferenciações podem ser encontradas, tanto no tamanho geral, como no de determinadas chanfraduras do mesmo.

Além destes métodos o anilhador pode descobrir um novo, para a espécie, gênero ou família com que ele trabalha. Tal método deve sofrer uma análise prolongada antes de ser adotado, sendo também discutido pelo CEMAVE tão logo conste do relatório. Sempre que for relatado pela primeira vez será descrito em folha anexa, colocando a bibliografia onde foi baseado, quando for o caso.

### MÉTODOS PARA DETERMINAÇÃO DO SEXO

Os métodos para a determinação do sexo serão baseados nos mesmos pontos que aqueles utilizados para a idade. Somente o exame da cloaca é mais específico. Famílias como Cracidae e Anatidae, por exemplo, possuem o pênis evidente no interior da cloaca, possibilitando, através de um exame simples, a sexagem. Para tal fim utiliza-se um rinoscópio ou um aparelho semelhante. Este método necessita o auxílio de uma segunda pessoa e deve ser realizado com o máximo de precaução. A visualização do pênis na parede posterior da cloaca é fácil e rápida, de modo que não deve ser prolongada demasiadamente.

# Apêndice I

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<b>SPHENISCIDAE</b>		
<u>Eudyptes crestatus</u>	Pinguim-de-crista	
<u>Spheniscus magellanicus</u>	Pinguim-de-Magalhães	Z
<b>RHEIDAE</b>		
<u>Rhea americana</u>	Ema	
<b>TINAMIDAE</b>		
<u>Tinamus tao</u>	Azulona	
<u>Tinamus solitarius</u>	Macuco	
<u>Tinamus major</u>	Inhambu-assu	
<u>Tinamus guttatus</u>	Inhambu-serra	
<u>Crypturellus cinereus</u>	Inhambu-preto	
<u>Crypturellus soui</u>	Tururim	
<u>Crypturellus obsoletus</u>	Inhambu-guaçu	
<u>Crypturellus undulatus</u>	Jaó	
<u>Crypturellus brevirostris</u>		
<u>Crypturellus bartletti</u>		
<u>Crypturellus variegatus</u>	Chororão	
<u>Crypturellus atrocapillus</u>		
<u>Crypturellus noctivagus</u>	Zabele	
<u>Crypturellus strigulosus</u>	Inhambu-relógio	
<u>Crypturellus casiquiare</u>		
<u>Crypturellus parvirostris</u>	Inhambu-xororó	
<u>Crypturellus tataupa</u>	Inhambu-xintã	L-M
<u>Rhynchotus rufescens</u>	Perdigão	R-S

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Nothura boraquira</u>	Codoma-buraqueira	
<u>Nothura minor</u>	Codoma-mineira	L-M
<u>Nothura maculosa</u>	Codoma	
<u>Taoniscus nanus</u>	Inhambu-carapé	
<b>PODICIPEDIDAE</b>		
<u>Podiceps dominicus</u>	Mergulhão-pequeno	N
<u>Podiceps rolland</u>	Mergulhão-de-orelhas-brancas	S
<u>Podiceps major</u>	Mergulhão-grande	
<u>Podilymbus podiceps</u>	Mergulhão-caçador	R-S
<b>DIOMEDEIDAE</b>		
<u>Diomedea exulans</u>	Albatroz-errante	X
<u>Diomedea epomophora</u>	Albatroz	X
<u>Diomedea melanophris</u>	Albatroz-de-sobrancelha	X
<u>Diomedea chlororhynchos</u>	Albatroz-de-nariz-amarelo	X
<u>Phoebetria palpebrata</u>	Albatroz-preto	
<b>PROCELLARIIDAE</b>		
<u>Macronectes giganteus</u>	Pardelão-gigante	
<u>Fulmarus glacialis</u>	Pardelão-prateado	
<u>Daption capense</u>	Pomba-do-cabo	N
<u>Pterodroma macroptera</u>		
<u>Pterodroma lessonae</u>		
<u>Pterodroma incerta</u>	Fura-bucho-de-capuz	
<u>Pterodroma hasitata</u>		J
<u>Pachyptila desolata</u>		
<u>Pachyptila belcheri</u>		
<u>Adamastor cinereus</u>	Pardela-cinza	
<u>Procellaria aequinoctialis</u>	Pardela-preta	
<u>Puffinus diomedea</u>	Bobo-grande	N
<u>Puffinus puffinus</u>	Bobo-pequeno	N-P



NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Puffinus gravis</u>	Bobo-grande-de-sobre-branco	S
HYDROBATIDAE		
<u>Oceanites oceanicus</u>	Andorinha-das-tormentas	F-G
<u>Oceanodroma castro</u>	Alma-de-mestre	
<u>Oceanodroma leucorhoa</u>		F
PHAETHONTIDAE		
<u>Phaethon aethereus</u>	Rabo-de-palha	
<u>Phaethon lepturus</u>	Rabo-de-junco	N
PELECANIDAE		
<u>Pelecanus occidentalis</u>	Pelicano	X-Z
SULIDAE		
<u>Sula dactylatra</u>	Atobá	U-V-Z
<u>Sula sula</u>	Atobá	T-U
<u>Sula leucogaster</u>	Mergulhão	U
PHALACROCORACIDAE		
<u>Phalacrocorax olivaceus</u>	Biguá	
ANHINGIDAE		
<u>Anhinga anhinga</u>	Biguá-tinga	X
FREGATIDAE		
<u>Fregata magnificens</u>	Tesourão	T-U
ARDEIDAE		
<u>Ardea cocoi</u>	Garça-moura	U
<u>Casmerodius albus</u>	Garça-branca-grande	T-U
<u>Egretta thula</u>	Garça-branca-pequena	R
<u>Florida caerulea</u>	Garça-azul	S
<u>Hydranassa tricolor</u>		
<u>Butorides striatus</u>	Socozinho	N
<u>Agamia agami</u>	Soco-azul	
<u>Bubulcus ibis</u>	Garça-boiadeira	R

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Syrigma sibilatrix</u>	Maria-faceira	
<u>Pilherodius pileatus</u>	Garça-real	
<u>Nycticorax nycticorax</u>	Savacu	T
<u>Nyctanassa violacea</u>	Savacu-de-coroa	T
<u>Tigrisoma lineatum</u>	Socó-boi-verdadeiro	
<u>Tigrisoma fasciatum</u>	Socó-boi-escuro	
<u>Zebrilus undulatus</u>	Socó-f	
<u>Ixobrychus involucris</u>	Socó-f-amarelo	
<u>Ixobrychus exilis</u>	Socó-f-vermelho	N
<u>Botaurus pinnatus</u>	Socó-boi-baio	
COCHLEARIIDAE		
<u>Cochlearius cochlearius</u>	Ararapá	
CICONIIDAE		
<u>Mycteria americana</u>	Cabeça-seca	T
<u>Euxenura maguari</u>	João-grande	
<u>Jabiru mycteria</u>	Jaburu	
THRESKIORNITHIDAE		
<u>Harpiprion caeruleus</u>	Maçarico-real	
<u>Theristicus caudatus</u>	Curicaca	
<u>Cercibis oxycerca</u>	Tará	
<u>Mesembrinibis cayennensis</u>	Coró-coró	
<u>Phimosus infuscatus</u>	Maçarico-de-cara-pelada	R-S
<u>Eudocimus ruber</u>	Guará	S
<u>Plegadis chihi</u>	Carauna	S
<u>Ajaia ajaja</u>	Colhereiro	U
PHOENICOPTERIDAE		
<u>Phoenicopterus ruber</u>	Flamingo	X
<u>Phoenicopterus chilensis</u>	Flamingo	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<b>ANHIMIDAE</b>		
<u>Anhima cornuta</u>	Anhuma	Z
<u>Chauna torquata</u>	Tachã	
<b>ANATIDAE</b>		
<u>Dendrocygna bicolor</u>	Marreca-caneleira	S-T
<u>Dendrocygna viduata</u>	Irerê	S-T
<u>Dendrocygna autumnalis</u>	Marreca-cabocla	T-U
<u>Coscoroba coscoroba</u>	Capororoca	
<u>Cygnus melanocoryphus</u>	Cisne-de-pescoço-preto	U
<u>Neochen jubata</u>	Ganso-do-Norte	
<u>Anas flavirostris</u>	Marreca-pardinha	R
<u>Anas sibilatrix</u>	Marreca-oveira	
<u>Anas bahamensis</u>	Marreca-toicinho	
<u>Anas georgica</u>	Marreca-parda	S
<u>Anas versicolor</u>	Marreca-cricri	R
<u>Anas discors</u>	Marreca-de-asa-azul	P-R
<u>Anas cyanoptera</u>	Marreca-colorada	P-R
<u>Anas platalea</u>	Marreca-colhereira	
<u>Anas leucophrys</u>	Marreca-coleira	
<u>Netta peposaca</u>	Marrecão-da-Patagônia	S-T
<u>Netta erythrophthalma</u>		
<u>Amazonetta brasiliensis</u>	Marreca-pé-vermelho	R-S
<u>Sarkidiomis melanotos</u>	Pato-de-crista	T
<u>Cairina moschata</u>	Pato-do-mato	U
<u>Mergus octosetaceus</u>	Pato-mergulhador	
<u>Oxyura vittata</u>	Marreca-pés-na-bunda	
<u>Oxyura dominica</u>	Marreca-bico-roxo	R
<u>Heteronetta atricapilla</u>	Marreca-de-cabeça-preta	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<b>CATHARTIDAE</b>		
<u>Sarcorampus papa</u>	Urubu-rei	Z
<u>Coragyps atratus</u>	Urubu	
<u>Cathartes aura</u>	Urubu-de-cabeça-vermelha	U
<u>Cathartes burrovianus</u>	Urubu-de-cabeça-amarela	
<u>Cathartes melambrotos</u>		
<b>ACCIPITRIDAE</b>		
<u>Elanus leucurus</u>	Gavião-peneira	R-S
<u>Gampsonyx swainsonii</u>	Gaviãozinho	
<u>Elanoides forficatus</u>	Gavião-tesoura	S
<u>Leptodon cayanensis</u>	Gavião-de-cabeça-cinza	
<u>Chondrohierax uncinatus</u>		
<u>Harpagus diodon</u>	Gavião-bombachinha	
<u>Harpagus bidentatus</u>		
<u>Ictinia mississippiensis</u>		R
<u>Ictinia plumbea</u>	Sovi	
<u>Rostrhamus sociabilis</u>	Gavião-caramujeiro	S
<u>Helicolestes hamatus</u>		
<u>Accipiter bicolor</u>	Gavião-bombachinha-grande	
<u>Accipiter superciliosus</u>	Gavião-miudinho	
<u>Accipiter poliogaster</u>	Tauató-pintado	
<u>Accipiter striatus</u>	Gaviãozinho	
<u>Geranoaetus melanoleucus</u>	Águia-chilena	
<u>Buteo albicaudatus</u>	Gavião-de-rabo-branco	S
<u>Buteo albonotatus</u>		T
<u>Buteo swainsoni</u>	Gavião-papa-gafanhoto	T
<u>Buteo platypterus</u>		R-S
<u>Buteo magnirostris</u>	Gavião-carijó	R
<u>Buteo leucorrhous</u>	Gavião-de-sobre-branco	



NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Buteo brachyurus</u>	Gavião-de-rabo-curto	S
<u>Buteo nitidus</u>	Gavião-pedrés	R
<u>Parabuteo unicinctus</u>	Gavião-asa-de-telha	T-U
<u>Leucopternis albicollis</u>		
<u>Leucopternis polionota</u>	Gavião-pombo-branco	
<u>Leucopternis lacernulata</u>	Gavião-pombo	
<u>Leucopternis melanops</u>		
<u>Leucopternis kuhli</u>	Gavião-vaguetiro	
<u>Leucopternis schistacea</u>	Gavião-azul	
<u>Busarellus nigricollis</u>	Gavião-belo	
<u>Heterospizias meridionalis</u>	Gavião-caboclo	T-U
<u>Buteogallus aequinoctialis</u>	Gavião-do-mangue	
<u>Buteogallus urubitinga</u>	Gavião-preto	
<u>Harpyhaliaetus coronatus</u>	Águia-cinzenta	
<u>Morphnus guianensis</u>	Uiraçu-falso	
<u>Harpia harpyja</u>	Gavião-real	
<u>Spizastur melanoleucus</u>	Gavião-pato	
<u>Spizaetus ornatus</u>	Gavião-de-penacho	
<u>Spizaetus tyrannus</u>	Gavião-pega-macaco	V-X
<u>Circus cinereus</u>	Gavião-cinza	
<u>Circus buffoni</u>	Gavião-do-mangue	
<u>Geranospiza caerulescens</u>	Gavião-pemilongo	
PANDIONIDAE		
<u>Pandion haliaetus</u>	Águia-pescadora	X
FALCONIDAE		
<u>Herpethotes cachinnans</u>	Acauã	
<u>Micrastur semitorquatus</u>	Tem-tem	
<u>Micrastur mirandollei</u>		
<u>Micrastur ruficollis</u>	Gavião-caburé	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Daptrius ater</u>	Corocoturi	
<u>Daptrius americanus</u>	Cancão	
<u>Milvago chimachima</u>	Gavião-carrapateiro	
<u>Milvago chimango</u>	Chimango	N
<u>Polyborus plancus</u>	Cará-Cará	U
<u>Falco peregrinus</u>	Falcão-peregrino	T-V
<u>Falco deiroleucus</u>	Falcão-de-peito-vermelho	
<u>Falco ruficularis</u>	Coleirinha	
<u>Falco femoralis</u>	Falcão-de-coleira	R
<u>Falco columbarius</u>		M-N
<u>Falco sparverius</u>	Gavião-quiri-quiri	H-L
<b>CRACIDAE</b>		
<u>Ortalis motmot</u>	Aracuã	
<u>Ortalis superciliaris</u>	Aracuã	
<u>Ortalis guttata</u>	Aracuã	S
<u>Ortalis canioollis</u>	Aracuã-do-pantanal	
<u>Penelope marail</u>	Jacu	
<u>Penelope jacquacu</u>	Jacu-açu	
<u>Penelope obscura</u>	Jacu-guaçu	T-U
<u>Penelope superciliaris</u>	Jacupemba	
<u>Penelope jacucaca</u>	Jacucaca	
<u>Penelope ochrogaster</u>		
<u>Penelope pileata</u>	Jacu-vermelho	
<u>Pipile pipile</u>	Jacutinga	
<u>Pipile cujubi</u>	Cujubim	
<u>Pipile jacutinga</u>	Jacutinga	
<u>Crax alector</u>	Mutum-do-norte	
<u>Crax blumenbachii</u>	Mutum-da-Bahia	
<u>Crax fasciolata</u>	Mutum	V

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Crax globulosa</u>	Mutum-fava	
<u>Mitu mitu</u>	Mutum-cavalo	X
<u>Mitu tomentosa</u>	Mutum-ciana	
<u>Nothocrax urumutum</u>	Urumutum	
PHASIANIDAE		
<u>Colinus cristatus</u>		
<u>Odontophorus gujanensis</u>	Uru	
<u>Odontophorus capueira</u>	Capueira	
<u>Odontophorus stellatus</u>		
OPISTHOCOMIDAE		
<u>Opisthocomus hoazin</u>	Cigana	
ARAMIDAE		
<u>Aramus guarauna</u>	Carão	S
PSOPHIIDAE		
<u>Psophia crepitans</u>	Jacamim-de-costas-cinzas	
<u>Psophia leucoptera</u>	Jacamim-de-costas-brancas	
<u>Psophia viridis</u>	Jacamim-de-costas-verdes	
RALLIDAE		
<u>Rallus sanguinolentus</u>	Saracura-do-banhado	
<u>Rallus nigricans</u>	Saracura-sanã	
<u>Rallus longirostris</u>	Saracura-matraca	R
<u>Rallus maculatus</u>	Saracura-carijó	
<u>Amaurolimnas concolor</u>		
<u>Aramides mangle</u>	Saracura-do-mangue	
<u>Aramides cajanea</u>	Saracura-três-potes	
<u>Aramides ypecaha</u>	Saracuruçu	
<u>Aramides saracura</u>	Saracura-do-brejo	
<u>Aramides calopterus</u>		
<u>Porzana albicollis</u>	Saracura-sanã-carijó	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Porzana flaviventer</u>		
<u>Laterallus exilis</u>		
<u>Laterallus xenopterus</u>		
<u>Laterallus melanophaius</u>	Pinto-d'água-comum	
<u>Laterallus leucopyrrhus</u>	Pinto-d'água-avermelhado	
<u>Laterallus fasciatus</u>		
<u>Laterallus viridis</u>		
<u>Micropygia schomburgkii</u>		
<u>Coturnicops notata</u>	Pinto-d'água-pintalgado	
<u>Neocrex erythrops</u>		
<u>Porphyriops melanops</u>	Frango-d'água-carijó	N
<u>Gallinula chloropus</u>	Galinhola	R-S
<u>Porphyryla martinica</u>	Frango-d'água-azul	N
<u>Porphyryla flavirostris</u>		
<u>Fulica armillata</u>	Carqueja-de-bico-maculado	S-T
<u>Fulica leucoptera</u>	Carqueja-de-bico-amarelo	S-T
<u>Fulica rufifrons</u>	Carqueja-de-escudo-roxo	S-T
<b>HELIORNITHIDAE</b>		
<u>Heliomis fulica</u>	Pecapara	
<b>EURYPYGIDAE</b>		
<u>Eurypyga helias</u>	Pavãozinho-do-Pará	
<b>CARIAMIDAE</b>		
<u>Cariama cristata</u>	Seriema	U
<b>JACANIDAE</b>		
<u>Jacana jacana</u>	Jaçanã	M
<b>ROSTRATULIDAE</b>		
<u>Nycticryphes semicollaris</u>	Narceja-de-bico-torto	
<b>HAEMATOPODIDAE</b>		
<u>Haematopus palliatus</u>	Piru-piru	R



NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<b>CHARADRIIDAE</b>		
<u>Vanellus chilensis</u>	Quero-quero	M
<u>Hoploxypterus cayanus</u>	Mexeriqueira	
<u>Pluvialis squatarola</u>	Batuiruçu-de-axila-preta	L
<u>Pluvialis dominica</u>	Batuiruçu	H-J
<u>Charadrius semipalmatus</u>	Batuíra-norte-americana	
<u>Charadrius falklandicus</u>	Batuíra-de-coleira-dupla	
<u>Charadrius collaris</u>	Batuíra-de-coleira	
<u>Charadrius wilsonia</u>		G-J
<u>Zonibyx modestus</u>	Batuíra-de-peito-avermelhado	
<u>Arenaria interpres</u>	Vira-pedra	H-J
<b>SCOLOPACIDAE</b>		
<u>Tringa solitaria</u>	Maçariquinho	G
<u>Tringa flavipes</u>	Maçarico-de-perna-amarela	G-H
<u>Tringa melanoleuca</u>	Maçarico-grande	J-L
<u>Actitis macularia</u>	Maçarico-pintado	F-G
<u>Catoptrophorus semipalmatus</u>	Maçarico-de-asa-branca	N
<u>Calidris canutus</u>	Maçarico-de-papo-vermelho	
<u>Calidris minutilla</u>	Maçariquinho	E-F
<u>Calidris bairdii</u>	Maçarico-de-bico-fino	
<u>Calidris fuscicollis</u>	Maçarico-de-sobre-branco	E-F
<u>Calidris melanotos</u>	Maçarico-de-colete	G
<u>Calidris pusilla</u>	Maçariquinho	E-F
<u>Calidris alba</u>	Maçarico-branco	G
<u>Micropalama himantopus</u>	Maçarico-pernilongo	G
<u>Tryngites subruficollis</u>	Maçarico-acanelado	G
<u>Bartramia longicauda</u>	Maçarico-do-campo	J
<u>Numenius phaeopus</u>	Maçarico-de-bico-torto	
<u>Numenius borealis</u>	Maçarico-esquimó	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Limosa haemastica</u>	Maçarico-de-bico-virado	M
<u>Limnodromus scolopaceus</u>		
<u>Limnodromus griseus</u>		H
<u>Gallinago gallinago</u>	Narceja	P
<u>Gallinago undulata</u>	Narcejão	
RECURVIROSTRIDAE		
<u>Himantopus himantopus</u>	Pernilongo	
PHALAROPODIDAE		
<u>Steganopus tricolor</u>	Pisa-n'água	G-H
BURHINIDAE		
<u>Burhinus bistriatus</u>	Maçaricão	
STERCORARIIDAE		
<u>Catharacta skua</u>	Gaivota-rapineira-grande	T-U
<u>Stercorarius parasiticus</u>	Gaivota-rapineira-comum	M
<u>Stercorarius longicaudus</u>		
LARIDAE		
<u>Larus dominicanus</u>	Gaiivotão	U
<u>Larus atricilla</u>	Gaivota	N-P-R
<u>Larus cirrocephalus</u>	Gaivota-de-cabeça-cinza	
<u>Larus maculipennis</u>	Gaivota-maria-velha	
<u>Larus belcheri</u>		
<u>Phaetusa simplex</u>	Trinta-réis-grande	
<u>Gelochelidon nilotica</u>	Trinta-réis-de-bico-preto	L
<u>Sterna hirundinacea</u>	Trinta-réis-de-bico-vermelho	
<u>Sterna hirundo</u>	Trinta-réis-boreal	H
<u>Sterna paradisaea</u>	Trinta-réis-ártico	H
<u>Sterna vittata</u>	Trinta-réis-antártico	J
<u>Sterna trudeaui</u>	Trinta-réis-de-coroa-branca	J
<u>Sterna dougallii</u>		H

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Sterna fuscata</u>	Trinta-réis-preto-e-branco	G-H
<u>Sterna superciliaris</u>	Trinta-réis-anão	
<u>Sterna albifrons</u>	Trinta-réis-de-testa-branca	F-G
<u>Sterna maxima</u>	Trinta-réis-real	P
<u>Sterna eurygnatha</u>	Trinta-réis-de-bico-amarelo	
<u>Sterna sandvicensis</u>		L
<u>Anous stolidus</u>	Andorinha-do-mar-preta	
<u>Anous tenuirostris</u>		
RYNCHOPIDAE†		
<u>Rynchops nigra</u>	Talha-mar	N
COLUMBIDAE		
<u>Columba speciosa</u>	Pomba-trocal	
<u>Columba picazuro</u>	Asa-branca	
<u>Columba maculosa</u>	Pomba-do-orvalho	
<u>Columba cayennensis</u>	Pomba-galega	
<u>Columba subvinacea</u>		
<u>Columba plumbea</u>	Pomba-amargosa	
<u>Zenaida auriculata</u>	Pomba-de-bando	L
<u>Columbina cyanopsis</u>	Rolinha-do-Brasil-Central	
<u>Columbina passerina</u>	Rolinha-vaqueira	H
<u>Columbina minuta</u>	Rolinha-roxa-mirim	G-H
<u>Columbina talpacoti</u>	Rola-roxa	H
<u>Columbina picui</u>	Rolinha-picuí	G-H
<u>Claravis pretiosa</u>	Juriti-azul	
<u>Claravis godefrida</u>	Pomba-de-espelho	
<u>Uropelia campestris</u>	Rolinha-dos-campos	
<u>Scardafella squammata</u>	Fogo-apagou	H
<u>Leptotila verreauxi</u>	Juriti-pupu	L-M
<u>Leptotila rufaxilla</u>	Jutiti-gemeadeira	J-L

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Geotrygon montana</u>	Pariri-vermelha	N
<u>Geotrygon violacea</u>	Pariri	
<u>Columba livia</u>	Pombo-doméstico	
<b>PSITTACIDAE</b>		
<u>Anodorhynchus hyacinthinus</u>	Arara-azul	
<u>Anodorhynchus leari</u>	Arara-azul-pequena	
<u>Anodorhynchus glaucus</u>		
<u>Cyanopsitta spixii</u>	Ararinha-azul	
<u>Ara ararauna</u>	Arara-canindé	U
<u>Ara macao</u>	Arara-piranga	
<u>Ara chloroptera</u>	Arara-vermelha	U-V
<u>Ara auricollis</u>	Maracanã-de-coleira	
<u>Ara severa</u>	Maracanã-açu	
<u>Ara manilata</u>	Ararinha	
<u>Ara maraçana</u>	Maracanã	
<u>Ara couloni</u>		
<u>Ara nobilis</u>	Maracanã	
<u>Aratinga acuticaudata</u>	Jandaia-de-acabeça-azul	
<u>Aratinga guarouba</u>	Ararajuba	
<u>Aratinga leucophthalmus</u>	Araguaí	
<u>Aratinga auricapilla</u>	Jandaia-mineira	
<u>Aratinga solstitialis</u>	Jandaia-sol	
<u>Aratinga weddellii</u>		
<u>Aratinga pertinax</u>		
<u>Aratinga cactorum</u>	Jandaia-vaqueira	
<u>Aratinga aurea</u>	Jandaia-coroinha	
<u>Nandayus nenday</u>	Príncipe-negro	
<u>Pyrrhura cruentata</u>	Fura-mato	
<u>Pyrrhura devillei</u>		



NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Pyrrhura frontalis</u>	Tiriba-de-testa-vermelha	H
<u>Pyrrhura perlata</u>		
<u>Pyrrhura rhodogaster</u>	Tiriba-de-barriga-vermelha	
<u>Pyrrhura molinae</u>	Tiriba-da-Bolívia	
<u>Pyrrhura hypoxantha</u>		
<u>Pyrrhura leucotis</u>	Tiriba-de-orelha-branca	
<u>Pyrrhura picta</u>		
<u>Pyrrhura melanura</u>		
<u>Pyrrhura rupicola</u>		
<u>Myiopsitta monachus</u>	Caturrita	J-M
<u>Forpus passerinus</u>	Tuim	F
<u>Forpus xanthopterygius</u>	Tuim	
<u>Forpus sclateri</u>	Tuim-do-pará	
<u>Brotogeris tirica</u>	Periquito-rico	
<u>Brotogeris versicolorus</u>	Periquito-da-campina	J
<u>Brotogeris cyanoptera</u>		
<u>Brotogeris chrysopterus</u>		
<u>Brotogeris sanctithomae</u>	Periquito-estrela	
<u>Touit purpurata</u>		
<u>Touit melanonota</u>	Papagainho	
<u>Touit huetii</u>		
<u>Touit surda</u>		
<u>Pionites melanocephala</u>	Marianinha-de-cabeça-preta	
<u>Pionites leucogaster</u>	Marianinha	
<u>Pionopsitta pileata</u>	Cuiú-cuiú	
<u>Pionopsitta caica</u>		
<u>Pionopsitta barrabandi</u>		
<u>Gypopsitta vulturina</u>	Curica-urubu	
<u>Graydidascalus brachyurus</u>	Curica-pequena	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Pionus menstruus</u>	Maitaca-de-cabeça-azul	
<u>Pionus maximiliani</u>	Maitaca-bronzeada	
<u>Pionus fuscus</u>	Maitaca-roxa	
<u>Amazona pretrei</u>	Charão	
<u>Amazona autumnalis</u>	Papagaio-diadema	
<u>Amazona brasiliensis</u>	Papagaio-de-cara-roxa	
<u>Amazona festiva</u>	Papa-cacau	
<u>Amazona xanthops</u>	Papagaio-acurau	
<u>Amazona aestiva</u>	Papagaio-verdadeiro	
<u>Amazona ochrocephala</u>	Papagaio-do-norte	
<u>Amazona amazonica</u>	Papagaio-do-mangue	
<u>Amazona farinosa</u>	Papagaio-moleiro	
<u>Amazona vinacea</u>	Papagaio-de-peito-roxo	
<u>Derophtus accipitrinus</u>	Anacã	
<u>Tricharia malachitacea</u>	Sabiá-cica	
<b>CUCULIDAE</b>		
<u>Coccyzus cinereus</u>	Papa-lagartas-cinzento	
<u>Coccyzus americanus</u>	Papa-lagartas-norte-americano	H
<u>Coccyzus euleri</u>		
<u>Coccyzus minor</u>		H
<u>Coccyzus melacoryphus</u>	Papa-lagartas-verdadeiro	H
<u>Piaya cayana</u>	Alma-de-gato	
<u>Piaya melanogaster</u>	Chincoã-de-bico-vermelho	
<u>Piaya minuta</u>	Alma-de-gato-pequena	H
<u>Crotophaga major</u>	Anu-coroca	N
<u>Crotophaga ani</u>	Anu-preto	J-L
<u>Guira guira</u>	Anu-branco	R
<u>Tapera naevia</u>	Saci	H
<u>Dromococcyx phasianellus</u>	Peixe-frito-verdadeiro	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Dromococcyx pavoninus</u>	Peitica	
<u>Neomorphus geoffroyi</u>	Jacu-porco	
<u>Neomorphus squamiger</u>		
<u>Neomorphus rufipennis</u>		
<u>Neomorphus pucheranii</u>		
TYTONIDAE		
<u>Tyto alba</u>	Suindara	S-T
STRIGIDAE		
<u>Otus choliba</u>	Caburé-do-mato	R
<u>Otus atricapillus</u>	Caburé-sapo	
<u>Otus watsonii</u>	Caburé-de-orelha	
<u>Lophotrix cristata</u>		
<u>Bubo virginianus</u>	Jacurutu	X-Z
<u>Pulsatrix perspicillata</u>	Murucututu	
<u>Pulsatrix koenigswaldiana</u>	Mocho	
<u>Glaucidium minutissimum</u>	Caburezinho	
<u>Glaucidium brasilianum</u>	Caburé	J
<u>Speotyto cunicularia</u>	Coruja-Buraqueira	M-N
<u>Ciccaba huhula</u>	Mocho-negro	
<u>Ciccaba virgata</u>		
<u>Strix hylophila</u>	Coruja listrada	
<u>Rhinoptynx clamator</u>	Coruja-orelhuda	
<u>Asio stygius</u>	Mocho-diabo	
<u>Asio flammeus</u>	Mocho-dos-banhados	S
<u>Aegolius harrisi</u>	Caburé-acanelado	
NYCTIBIIDAE		
<u>Nyctibius grandis</u>	Mãe-da-lua	
<u>Nyctibius aethereus</u>		
<u>Nyctibius griseus</u>	Urutau	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Nyctibius leucopterus</u>		
<b>CAPRIMULGIDAE</b>		
<u>Lurocalis semitorquatus</u>	Tuju	
<u>Chordeiles pusillus</u>		
<u>Chordeiles rupestris</u>	Bacurau-branco	
<u>Chordeiles acutipennis</u>	Bacurau-asa-fina	G-H
<u>Chordeiles minor</u>	Bacurau-norte-americano	G-H
<u>Nyctiprogne leucopyga</u>		
<u>Podager nacunda</u>	Coruçã	
<u>Nyctidromus albicollis</u>	Mede-légua	H
<u>Nyctiphrynus ocellatus</u>	Bacarauzinho-da-mata	F
<u>Caprimulgus rufus</u>	João-corta-pau	
<u>Caprimulgus sericocaudatus</u>		
<u>Caprimulgus longirostris</u>	Bacurau-da-telha	
<u>Caprimulgus cayennensis</u>		
<u>Caprimulgus candicans</u>		
<u>Caprimulgus maculicaudus</u>		
<u>Caprimulgus parvulus</u>	Bacurau-pequeno	G
<u>Caprimulgus nigrescens</u>		
<u>Caprimulgus hirundinaceus</u>		
<u>Hydropsalis climacocerca</u>		
<u>Hydropsalis brasiliana</u>	Bacurau-tesoura	
<u>Macropsalis creagra</u>	Bacurau-tesoura-gigante	
<u>Eleothreptus anomalus</u>	Curiango-do-banhado	
<b>APODIDAE</b>		
<u>Streptoprocne zonaris</u>	Andorinhão-coleira	
<u>Streptoprocne biscutata</u>	Andorinhão-coleira-falha	
<u>Cypseloides senex</u>		
<u>Cypseloides fumigatus</u>	Andorinhão-preto-da-cascata	



NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Chaetura chapmani</u>		
<u>Chaetura pelagica</u>		F
<u>Chaetura cinereiventris</u>	Andorinhão-cinzentos	
<u>Chaetura egregia</u>		
<u>Chaetura spinicauda</u>		
<u>Chaetura andrej</u>	Andorinhão-do-temporal	
<u>Chaetura brachyura</u>		
<u>Aeronautes montivagus</u>		
<u>Panyptila cayennensis</u>		
<u>Reinarda squamata</u>	Andorinhão-da-Palmeira	
TROCHILIDAE		
<u>Doryfera johannae</u>		
<u>Ramphodon naevius</u>	Beija-flor-grande-da-mata	
<u>Ramphodon dohrnii</u>	Besourão	
<u>Glaucis hirsuta</u>	Balança-rabo-de-bico-curto	
<u>Threnetes leucurus</u>		
<u>Threnetes loehkeni</u>		
<u>Phaethornis superciliosus</u>		
<u>Phaethornis malaris</u>		
<u>Phaethornis eurynome</u>	Rabo-branco-de-garganta-rajada	
<u>Phaethornis hispidus</u>		
<u>Phaethornis bourcierii</u>		
<u>Phaethornis philippi</u>		
<u>Phaethornis squalidus</u>	Rabo-branco-veludo	
<u>Phaethornis pretrei</u>	Limpa-casa	
<u>Phaethornis subochraceus</u>		
<u>Phaethornis nattereri</u>		
<u>Phaethornis gounellei</u>		
<u>Phaethornis ruber</u>	Besourinho	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Phaethornis griseogularis</u>		
<u>Phaethornis longuemareus</u>		
<u>Phaethornis idaliae</u>	Besourinho-escuro	
<u>Campylopterus largipennis</u>		
<u>Campylopterus hyperythrus</u>		
<u>Campylopterus duidae</u>		
<u>Eupetomena macroura</u>	Beija-flor-tesoura	
<u>Florisuga mellivora</u>		
<u>Melanotrochilus fuscus</u>	Beija-flor-preto-de-rabo-branco	
<u>Colibri delphinae</u>	Beija-flor-de-orelha-azul	
<u>Colibri serrirostris</u>	Beija-flor-de-canto	
<u>Anthracothorax viridigula</u>		
<u>Anthracothorax nigricollis</u>	Beija-flor-de-veste-preta.	
<u>Avocettula recurvirostris</u>		
<u>Chrysolampis mosquitus</u>	Baija-flor-vermelho	
<u>Klais guimeti</u>		
<u>Stephanoxis lalandi</u>	Beija-flor-de-topete	
<u>Lophornis ornata</u>		
<u>Lophornis gouldii</u>		
<u>Lophornis magnifica</u>	Topetinho-vermelho	
<u>Lophornis chalybea</u>		
<u>Popelairia langsdorffi</u>		
<u>Discosura longicauda</u>	Bandeirinha	
<u>Chlorestes notatus</u>	Beija-flor-verde-de-garganta-azul	
<u>Chlorostilbon mellisugus</u>		
<u>Chlorostilbon aureoventris</u>	Besourinho-bico-vermelho	
<u>Thalurania furcata</u>		
<u>Thalurania watertonii</u>		
<u>Thalurania glaucopis</u>	Beija-flor-de-fronte-violeta	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Hylocharis sapphirina</u>	Beija-flor-de-garganta-marrom-e-azul	
<u>Hylocharis cyanusa</u>	Beija-flor-roxo-de-bico-vermelho	
<u>Hylocharis chrysura</u>	Beija-flor-dourado	
<u>Chrysuronia oenone</u>		
<u>Leucochloris albicollis</u>	Beija-flor-de-papo-branco	
<u>Polytmus guainumbi</u>		
<u>Polytmus theresiae</u>		
<u>Leucippus chlorocercus</u>		
<u>Taphrospilus hypostictus</u>		
<u>Amazilia chionogaster</u>		
<u>Amazilia versicolor</u>	Beija-flor-de-banda-branca	
<u>Amazilia fimbriata</u>	Beija-flor-de-garganta-verde	
<u>Amazilia lactea</u>	Beija-flor-verde-de-peito-safira	
<u>Amazilia leucogaster</u>		
<u>Amazilia viridigaster</u>		
<u>Aphantochroa cirrhochloris</u>	Beija-flor-cinza	
<u>Clytolaema rubricauda</u>	Baija-flor-papo-de-fogo	
<u>Polyplancta aurescens</u>		
<u>Heliodoxa xanthogonys</u>		
<u>Heliodoxa schreibersii</u>		
<u>Topaza pella</u>		
<u>Topaza pyra</u>		
<u>Augastes lumachellus</u>	Beija-flor-de-gravata-vermelha	
<u>Augastes scutatus</u>		
<u>Heliothyx aurita</u>	Beija-flor-verde-e-branco	
<u>Heliactin cornuta</u>		
<u>Heliomaster longirostris</u>		
<u>Heliomaster squamosus</u>	Beija-flor-bico-grande-verde	
<u>Heliomaster furcifer</u>	Beija-flor-de-barba-azul	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Calliphlox amethystina</u>	Estrelinha	
<u>Augasma cyaneoberyllina</u>		
<u>Augasma smaragdinea</u>		
<u>Hylocharis pyropygia</u>		
<u>Phaethornis maranhaoensis</u>		
TROGONIDAE		
<u>Pharomachrus pavoninus</u>		
<u>Trogon melanurus</u>	Surucuá-de-cauda-escura	
<u>Trogon viridis</u>	Surucuá-violeta-grande	
<u>Trogon collaris</u>		
<u>Trogon rufus</u>	Surucuá-de-barriga-amarela	
<u>Trogon surrucura</u>	Surucuá-variado	
<u>Trogon curucui</u>		
<u>Trogon violaceus</u>	Surucuá-violeta-pequeno	
ALCEDINIDAE		
<u>Ceryle torquata</u>	Martim-pescador-grande	N
<u>Chloroceryle amazona</u>	Martim-pescador-verde	
<u>Chloroceryle americana</u>	Martim-pescador-pequeno	G-H
<u>Chloroceryle inda</u>	Ariramba	
<u>Chloroceryle aenea</u>	Ariramba-miúdo	
MOMOTIDAE		
<u>Electron platyrhynchum</u>	Juruva-do-Amazonas	
<u>Baryphthengus ruficapillus</u>	Juruva	
<u>Momotus momota</u>	Juruva	N
GALBULIDAE		
<u>Galbalcyrrhynchus leucotis</u>		
<u>Brachygalba lugubris</u>	Beija-flor-da-mata	
<u>Brachygalba albogularis</u>		
<u>Jacamaralcyon tridactyla</u>		



NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Galbula albirostris</u>	Ariramba-da-mata	G-H
<u>Galbula galbula</u>	Beija-flor	
<u>Galbula tombacea</u>		
<u>Galbula cyanescens</u>		
<u>Galbula pastazae</u>		
<u>Galbula ruficauda</u>	Ariramba	F
<u>Galbula leucogastra</u>		
<u>Galbula dea</u>		
<u>Jacamerops aurea</u>	Beija-flor-da-mata-irgem	
<b>BUCCONIDAE</b>		
<u>Notharchus macrorhynchus</u>	Capitão-do-mato	
<u>Notharchus ordii</u>		
<u>Notharchus tectus</u>	Tapereira	
<u>Bucco macrodactylus</u>		
<u>Bucco tamatia</u>	Rapazinho-dos-velhos	
<u>Bucco capensis</u>	Rapazinho-dos-velhos-cabeça-laranja	
<u>Nystalus chacuru</u>	João-bobo	J
<u>Nystalus striolatus</u>		
<u>Nystalus maculatus</u>	Jacuru	H
<u>Malacoptila striata</u>	João-barbudo	
<u>Malacoptila fusca</u>		L
<u>Malacoptila semicineta</u>		
<u>Malacoptila rufa</u>	Rapazinho-dos-velhos	
<u>Micromonacha lanceolata</u>		
<u>Nonnula rubecula</u>	Macuru	
<u>Nonnula sclateri</u>		
<u>Nonnula ruficapilla</u>		
<u>Nonnula amaurocephala</u>		
<u>Monasa atra</u>	Bico-de-brasa	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Monasa nigrifrons</u>	Tango-do-Pará	
<u>Monasa morphoeus</u>	Bico-de-brasa	
<u>Monasa flavirostris</u>		
<u>Chelidoptera tenebrosa</u>	Urubuzinho	
CAPITONIDAE		
<u>Capito aurovirens</u>		
<u>Capito dayi</u>		
<u>Capito niger</u>	Pica-pau	
<u>Eubucco richardsoni</u>		
RAMPHASTIDAE		
<u>Aulacorhynchus derbianus</u>	Araçari-verde	
<u>Pteroglossus castanotis</u>	Araçari-castanho	
<u>Pteroglossus aracari</u>	Araçari-minhoca	
<u>Pteroglossus pluricinctus</u>		
<u>Pteroglossus viridis</u>	Araçari-de-barriga-amarela	
<u>Pteroglossus inscriptus</u>	Tucaninho	
<u>Pteroglossus bitorquatus</u>	Araçari-do-Amazonas	
<u>Pteroglossus flavirostris</u>	Araçari-de-bico-claro	
<u>Pteroglossus mariae</u>		
<u>Pteroglossus beauhamaesii</u>		
<u>Pteroglossus olallae</u>		
<u>Selenidera culik</u>		
<u>Selenidera reinwardtii</u>		
<u>Selenidera nattereri</u>	Araçari	
<u>Selenidera maculirostris</u>	Araçari-poca	
<u>Bailloniuss bailloni</u>	Araçari-banana	
<u>Ramphastos vitellinus</u>	Tucano-de-bico-preto	
<u>Ramphastos culminatus</u>		
<u>Ramphastos dicolorus</u>	Tucano-de-bico-verde	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Ramphastos tucanus</u>	Tucano-de-peito-branco	
<u>Ramphastos cuvieri</u>	Tucano-de-peito-branco	
<u>Ramphastos toco</u>	Tucanuçu	
PICIDAE		
<u>Picumnus rufiventris</u>		
<u>Picumnus spilogaster</u>		
<u>Picumnus minutissimus</u>		
<u>Picumnus limae</u>		
<u>Picumnus nebulosus</u>	Pica-pau-anão-carijó	
<u>Picumnus exilis</u>		F-G
<u>Picumnus borbae</u>		
<u>Picumnus aurifrons</u>		
<u>Picumnus temminckii</u>	Pica-pau-anão-de-coleira	
<u>Picumnus cirratus</u>	Pica-pau-anão-barrado	D
<u>Picumnus varzeae</u>		
<u>Picumnus pygmaeus</u>	Pica-pau-anão	
<u>Colaptes campestris</u>	Pica-pau	
<u>Colaptes campestrisoides</u>	Pica-pau-do-campo	
<u>Chrysoptilus melanochloros</u>	Pica-pau-verde-barrado	
<u>Chrysoptilus punctigula</u>		
<u>Piculus rubiginosus</u>		
<u>Piculus flavigula</u>		
<u>Piculus leucolaemus</u>		
<u>Piculus aurulentus</u>	Pica-pau-dourado	
<u>Piculus chrysochloros</u>		
<u>Celeus flavescens</u>		
<u>Celeus lugubris</u>	João-velho	
<u>Celeus jumana</u>		
<u>Celeus elegans</u>		

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Celeus grammicus</u>		
<u>Celeus undatus</u>		
<u>Celeus flavus</u>		
<u>Celeus torquatus</u>		
<u>Dryocopus lineatus</u>	Pica-pau-de-banda-branca	
<u>Dryocopus galeatus</u>	Pica-pau-de-cara-amarela	
<u>Melanerpes cruentatus</u>		
<u>Melanerpes rubrifrons</u>		
<u>Melanerpes flavifrons</u>	Benedito	
<u>Leuconerpes candidus</u>	Pica-pau-branco	
<u>Trichopicus cactorum</u>		
<u>Veniliornis spilogaster</u>	Picapauzinho-verde-carijó	
<u>Veniliornis passerinus</u>		G-H
<u>Veniliornis maculifrons</u>		
<u>Veniliornis cassini</u>		
<u>Veniliornis affinis</u>		
<u>Dendrocopos mixtus</u>	Picapauzinho-chorão	
<u>Phloeocastes melanoleucos</u>		
<u>Phloeocastes leucopogon</u>		
<u>Phloeocastes robustus</u>	Pica-pau-rei	
DENDROCOLAPTIDAE		
<u>Dendrocincla fuliginosa</u>	Arapaçu-liso	H
<u>Dendrocincla merula</u>		H
<u>Deconychura longicauda</u>		E
<u>Deconychura stictolaema</u>		E
<u>Sittasomus griseicapillus</u>	Arapaçu-verde	D-E
<u>Glyphorynchus spirurus</u>		E
<u>Nasica longirostris</u>	Arapaçu	
<u>Dendrexetastes rufigula</u>		



NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Hylexetastes perrotii</u>	Pica-pau-vermelho	L
<u>Hylexetastes stresemanni</u>		
<u>Xiphocolaptes promeropirhynchus</u>		
<u>Xiphocolaptes albicollis</u>	Arapaçu-grande-de-garganta-branca	
<u>Xiphocolaptes franciscanus</u>		
<u>Xiphocolaptes falcistrostris</u>		
<u>Xiphocolaptes major</u>		
<u>Dendrocolaptes certhia</u>	Pica-pau-vermelho	
<u>Dendrocolaptes concolor</u>		
<u>Dendrocolaptes hoffmannsi</u>		
<u>Dendrocolaptes picumnus</u>		
<u>Dendrocolaptes platyrostris</u>	Arapaçu-grande	
<u>Xiphorhynchus picus</u>	Arapaçu	F-G
<u>Xiphorhynchus necopinus</u>		
<u>Xiphorhynchus obsoletus</u>		
<u>Xiphorhynchus ocellatus</u>		
<u>Xiphorhynchus spixii</u>	Arapaçu	
<u>Xiphorhynchus elegans</u>		
<u>Xiphorhynchus pardalotus</u>		H
<u>Xiphorhynchus guttatus</u>		
<u>Xiphorhynchus eytoni</u>		
<u>Lepidocolaptes souleyetii</u>		
<u>Lepidocolaptes angustirostris</u>	Arapaçu-do-cerrado	F
<u>Lepidocolaptes squamatus</u>	Arapacu-esquamoso	
<u>Lepidocolaptes fuscus</u>	Arapaçu-rajado	
<u>Lepidocolaptes albolineatus</u>		
<u>Campylorhamphus trochilirostris</u>	Arapaçu-de-bico-torto	G
<u>Campylorhamphus falcularius</u>	Arapaçu-de-bico-torto	
<u>Campylorhamphus procurvoides</u>		

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>FURNARIIDAE</u>		
<u>Geobates poecilopterus</u>		
<u>Geositta cunicularia</u>	Curriqueiro	
<u>Cinclodes fuscus</u>		
<u>Cinclodes pabsti</u>	Pedreiro	
<u>Clibanornis dendrocolaptoides</u>	Cisqueiro	
<u>Furnarius rufus</u>	João-de-barro	G
<u>Furnarius leucopus</u>	João-de-barro-da-mata	F
<u>Furnarius torridus</u>		
<u>Furnarius minor</u>		
<u>Furnarius figulus</u>		
<u>Limnornis curvirostris</u>	Junqueiro-de-bico-curvo	G
<u>Limnornis rectirostris</u>	Junqueiro-de-bico-reto	
<u>Phleocryptes melanops</u>	Bate-bico	D
<u>Leptasthenura striolata</u>	Grimpeirinho	
<u>Leptasthenura platensis</u>	Rabudinho	
<u>Leptasthenura setaria</u>	Grimpeiro	
<u>Schoeniophylax phryganophila</u>	Bichoita	
<u>Oreophylax moreirae</u>		
<u>Synallaxis ruficapilla</u>	Pichororé	
<u>Synallaxis frontalis</u>	Petrim	D
<u>Synallaxis spixi</u>	João-teneném	D
<u>Synallaxis hypospodia</u>		E
<u>Synallaxis albescens</u>	Ui-pi	
<u>Synallaxis brachyura</u>		
<u>Synallaxis albigularis</u>		
<u>Synallaxis gujanensis</u>		D
<u>Synallaxis propinqua</u>		
<u>Synallaxis cinerascens</u>	Pi-pui	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Synallaxis rutilans</u>		
<u>Synallaxis cherriei</u>		
<u>Gyalophylax hellmayri</u>		
<u>Certhiaxis cinnamomea</u>	Curutié	E
<u>Certhiaxis mustelina</u>		
<u>Poecilurus scutatus</u>		D-E
<u>Poecilurus kollari</u>		
<u>Cranioleuca sulphurifera</u>	Arredio-de-papo-manchado	
<u>Cranioleuca semicinerea</u>		
<u>Cranioleuca obsoleta</u>	Arredio-oliváceo	D
<u>Cranioleuca pyrrhophia</u>	Arredio	
<u>Cranioleuca demissa</u>		
<u>Cranioleuca vulpina</u>		D-E
<u>Cranioleuca pallida</u>		
<u>Cranioleuca muelleri</u>		
<u>Cranioleuca gutturata</u>		
<u>Asthenes baeri</u>	Lenheiro	
<u>Spartanoica maluroides</u>	Boininha	
<u>Thripophaga macroura</u>		
<u>Thripophaga fusciceps</u>		
<u>Phacellodomus rufifrons</u>		E-F
<u>Phacellodomus erythrophthalmus</u>	João-botinha	
<u>Phacellodomus ruber</u>	Garrincha-do-buriti	
<u>Phacellodomus striaticollis</u>	Tio-tio	
<u>Coryphistera alaudina</u>	Corredor-crestudo	
<u>Anumbius annumbi</u>	Cochicho	
<u>Metopothrix aurantiacus</u>		
<u>Roraimia adusta</u>		
<u>Berlepschia rikeri</u>		

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Pseudoseisura cristata</u>	Casaca-de-couro	H
<u>Pseudoseisura lophotes</u>	Coperete	
<u>Hyloctistes subulatus</u>		
<u>Ancistrops strigilatus</u>		
<u>Anabazenops fuscus</u>	Trepador-coleira	
<u>Syndactyla rufosuperciliata</u>	Trepador-quieto	E-F
<u>Anabacerthia amaurotis</u>	Limpa-folha-miúda	
<u>Philydor atricapillus</u>	Limpa-folha-coroadá	
<u>Philydor hylobius</u>		
<u>Philydor erythrocerus</u>		G
<u>Philydor pyrrhodes</u>		
<u>Philydor dimidiatus</u>		
<u>Philydor lichtensteini</u>	Limpa-folha-ocrácea	
<u>Philydor rufus</u>	Limpa-folha-de-testa-baia	
<u>Philydor erythropterus</u>		
<u>Philydor ruficaudatus</u>		
<u>Automolus leucophthalmus</u>	Barraqueiro-de-olho-branco	
<u>Automolus infuscatus</u>		H
<u>Automolus rubiginosus</u>		H
<u>Automolus roraimae</u>		
<u>Automolus ochrolaemus</u>		
<u>Automolus rufipileatus</u>		
<u>Automolus melanopezus</u>		
<u>Hylocryptus rectirostris</u>		
<u>Cichlocolaptes leucophrys</u>	Trepador-sobrancelha	
<u>Heliobletus contaminatus</u>	Trepadorzinho	
<u>Xenops milleri</u>		
<u>Xenops tenuirostris</u>		
<u>Xenops rutilans</u>	Bico-virado-carijó	D



NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Xenops minutus</u>	Bico-virado-liso	D-E
<u>Megaxenops paraguayae</u>		
<u>Sclerurus scansion</u>	Vira-folha	
<u>Sclerurus mexicanus</u>		
<u>Sclerurus ruficularis</u>		G
<u>Sclerurus caudatus</u>		H
<u>Lochmias nematura</u>	João-porca	E
FORMICARIIDAE		
<u>Cymbilaimus lineatus</u>		
<u>Hypodaleus guttatus</u>	Chocão-carijó	
<u>Batara cinerea</u>	Matracão	
<u>Mackenziaena leachii</u>	Brujarara-assobiador	
<u>Mackenziaena severa</u>	Borralhara	
<u>Frederickena viridis</u>		
<u>Frederickena unduligera</u>		
<u>Taraba major</u>	Choró	G
<u>Sakesphorus canadensis</u>		
<u>Sakesphorus cristatus</u>		
<u>Sakesphorus melanothorax</u>		
<u>Sakesphorus luctuosus</u>		
<u>Biatas nigropectus</u>	Peito-negro	
<u>Thamnophilus doliatus</u>	Choca-carijó	F
<u>Thamnophilus palliatus</u>		
<u>Thamnophilus nigrocinereus</u>		
<u>Thamnophilus cryptoleucus</u>		
<u>Thamnophilus aethiops</u>		
<u>Thamnophilus schistaceus</u>		
<u>Thamnophilus murinus</u>		G
<u>Thamnophilus punctatus</u>		E-F

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Thamnophilus amazonicus</u>		E-F
<u>Thamnophilus caerulescens</u>	Choca-da-mata	E
<u>Thamnophilus torquatus</u>		E-F
<u>Thamnophilus ruficapillus</u>	Choca-boné-vermelho	
<u>Pygiptila stellaris</u>		
<u>Megascictus margaritatus</u>		
<u>Neotantes niger</u>		
<u>Dysithamnus stictothorax</u>	Choquinha-peito-pintado	
<u>Dysithamnus mentalis</u>	Choquinha-lisa	
<u>Dysithamnus xanthopterus</u>		
<u>Thamnomanes ardesiacus</u>		
<u>Thamnomanes saturninus</u>		G
<u>Thamnomanes plumbeus</u>		
<u>Thamnomanes caesius</u>		G
<u>Thamnomanes schistogynus</u>		
<u>Myrmotherula brachyura</u>		
<u>Myrmotherula obscura</u>		
<u>Myrmotherula sclateri</u>		
<u>Myrmotherula ambigua</u>		
<u>Myrmotherula klagesi</u>		
<u>Myrmotherula surinamensis</u>		
<u>Myrmotherula cherriei</u>		
<u>Myrmotherula guttata</u>		E
<u>Myrmotherula huxwelli</u>		
<u>Myrmotherula gularis</u>	Choquinha-garganta-pintada	
<u>Myrmotherula gutturalis</u>		E
<u>Myrmotherula leucophthalma</u>		
<u>Myrmotherula haematonota</u>		
<u>Myrmotherula ornata</u>		

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Myrmotherula erythrura</u>		
<u>Myrmotherula erythronotos</u>	Choquinha	
<u>Myrmotherula axillaris</u>		E
<u>Myrmotherula longipennis</u>		E
<u>Myrmotherula minor</u>		
<u>Myrmotherula iheringi</u>		
<u>Myrmotherula unicolor</u>	Choquinha-cinzenta	
<u>Myrmotherula urosticta</u>		
<u>Myrmotherula menetriesii</u>		E
<u>Myrmotherula assimillis</u>		
<u>Dichrozona cincta</u>		
<u>Myrmorchilus strigilatus</u>		
<u>Herpsilochmus pileatus</u>		D
<u>Herpsilochmus sticturus</u>		
<u>Herpsilochmus dorsimaculatus</u>		
<u>Herpsilochmus roraimae</u>		
<u>Herpsilochmus pectoralis</u>		
<u>Herpsilochmus longirostris</u>		D
<u>Herpsilochmus rufimarginatus</u>	Asa-vermelha	
<u>Microrhophias quixensis</u>		
<u>Formicivora iheringi</u>		
<u>Formicivora grisea</u>		D
<u>Formicivora serrana</u>		
<u>Formicivora melanogaster</u>		D
<u>Formicivora rufa</u>	Papa-formigas	D
<u>Drymophila ferruginea</u>	Trovoada	
<u>Drymophila genei</u>		
<u>Drymophila ochropyga</u>	Choquinha-de-sobre-amarelo	
<u>Drymophila devillei</u>		

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Drymophila caudata</u>		
<u>Drymophila malura</u>	Choquinha-carijó	
<u>Drymophila squamata</u>		
<u>Terenura maculata</u>	Cabecinha-estriada	
<u>Terenura humeralis</u>		
<u>Terenura spodioptila</u>		
<u>Cercomacra cinerascens</u>		
<u>Cercomacra brasiliانا</u>		
<u>Cercomacra tyrannina</u>		
<u>Cercomacra nigrescens</u>		E
<u>Cercomacra ferdinandi</u>		
<u>Cercomacra serva</u>		
<u>Cercomacra nigricans</u>		
<u>Cercomacra carbonaria</u>		
<u>Cercomacra melanaria</u>		E-F
<u>Pyriglena leuconota</u>	Papa-formigas	
<u>Pyriglena atra</u>	Papa-formigas	
<u>Pyriglena leucoptera</u>	Papa-taóca	
<u>Rhopornis ardesiaca</u>	Papa-formigas	
<u>Myrmoborus leucophrys</u>		
<u>Myrmoborus lugubris</u>		
<u>Myrmoborus myotherinus</u>		
<u>Hypocnemis cantator</u>		E
<u>Hypocnemis hypoxantha</u>		
<u>Hypocnemoides melanopogon</u>		
<u>Hypocnemoides maculicauda</u>		
<u>Myrmochanes hemileucus</u>		
<u>Percnostola rufifrons</u>		H
<u>Percnostola schistacea</u>		



NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Percnostola leucostigma</u>		
<u>Percnostola caurensis</u>		
<u>Sclateria naevia</u>		
<u>Myrmeciza longipes</u>		
<u>Myrmeciza ferruginea</u>		G-H
<u>Myrmeciza ruficauda</u>		
<u>Myrmeciza squamosa</u>	Papa-formiga-de-gruta	
<u>Myrmeciza loricata</u>		
<u>Myrmeciza pelzelni</u>		
<u>Myrmeciza hemimelaena</u>		
<u>Myrmeciza hyperythra</u>		
<u>Myrmeciza goeldii</u>		
<u>Myrmeciza melanocephala</u>		
<u>Myrmeciza fortis</u>		
<u>Myrmeciza atrothorax</u>		
<u>Myrmeciza stictothorax</u>		
<u>Pithys albifrons</u>		G
<u>Gymnopithys salvini</u>		
<u>Gymnopithys leucaspis</u>		
<u>Gymnopithys rufigula</u>		H
<u>Rhegmatorhina gymnops</u>		
<u>Rhegmatorhina berlepschi</u>		
<u>Rhegmatorhina cristata</u>		
<u>Rhegmatorhina hoffmannsi</u>		
<u>Rhegmatorhina melanosticta</u>		
<u>Hylophylax naevia</u>		
<u>Hylophylax punctulata</u>		
<u>Hylophylax poecilnota</u>		G
<u>Skutchia borbae</u>		

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Phlegopsis nigromaculata</u>	Mãe-da-taoca	
<u>Phlegopsis erythroptera</u>		
<u>Chamaeza campanisona</u>	Tovaca-campainha	
<u>Chamaeza nobilis</u>		
<u>Chamaeza ruficauda</u>	Tovaca-rabo-vermelho	H
<u>Formicarius colma</u>	Galinha-do-mato	H
<u>Formicarius analis</u>	Pinto-da-mata	H
<u>Myrmornis torquata</u>		
<u>Grallaria varia</u>	Tovacuçu	
<u>Grallaria guatemalensis</u>		
<u>Hylopezus macularius</u>		
<u>Hylopezus berlepschi</u>		
<u>Hylopezus ochroleucus</u>	Pinto-do-mato	
<u>Myrmothera campanisona</u>		
<u>Myrmothera simplex</u>		
<u>Conopophaga melanogaster</u>		
<u>Conopophaga roberti</u>		
<u>Conopophaga melanops</u>	Chupa-dente-de-máscara	E
<u>Conopophaga peruviana</u>		
<u>Conopophaga aurita</u>		G
<u>Conopophaga lineata</u>	Chupa-dente	D-E
<b>RHINOCRYPTIDAE</b>		
<u>Liosceles thoracicus</u>		
<u>Melanopareia torquata</u>		
<u>Psilorhamphus guttatus</u>		
<u>Merulaxis ater</u>		
<u>Merulaxis stresemanni</u>		
<u>Scytalopus speluncae</u>	Tapaculo-preto	
<u>Scytalopus novacapitalis</u>		

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Scytalopus indigoticus</u>	Macuquinho	
<u>COTINGIDAE</u>		
<u>Laniisoma elegans</u>		
<u>Phibalura flavirostris</u>	Tesourinha-do-mato	
<u>Tijuca atra</u>	Assobiador	
<u>Carpornis cucullatus</u>	Corocochó	
<u>Carpornis melanocephalus</u>	Corocochó	
<u>Porphyrolaema porphyrolaema</u>		
<u>Cotinga cotinga</u>	Anambé-roxo	
<u>Cotinga maynana</u>	Anambé	
<u>Cotinga cayana</u>	Anambé-azul	
<u>Cotinga maculata</u>	Crejoá	
<u>Xipholena punicea</u>	Bacaçu	
<u>Xipholena lamellipennis</u>	Anambé-branco	
<u>Xipholena atropurpurea</u>	Ferrugem	
<u>Iodopleura pipra</u>		
<u>Iodopleura isabellae</u>	Anambé	
<u>Calyptura cristata</u>	Tietê-coroa	
<u>Lipaugus vociferans</u>	Cricrió	
<u>Lipaugus lanioides</u>	Sabiá-da-mata-virgem	
<u>Lipaugus streptophorus</u>		
<u>Xenopsaris albinucha</u>		
<u>Pachyramphus viridis</u>	Caneleirinho-verde	E
<u>Pachyramphus surinamus</u>		
<u>Pachyramphus rufus</u>	Caneleirinho-cinzento	
<u>Pachyramphus castaneus</u>	Caneleirinho	
<u>Pachyramphus polychopterus</u>	Caneleirinho-preto	E
<u>Pachyramphus marginatus</u>		
<u>Platypsaris rufus</u>	Caneleirinho-chapéu-preto	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Platyparis minor</u>		
<u>Tityra cayana</u>	Araponguinha	
<u>Tityra semifasciata</u>	Urubuzinho	
<u>Tityra inquisitor</u>	Anambé-branco-de-bochecha-parda	
<u>Haematoderus militaris</u>	Anambé-vermelho	
<u>Querula purpurata</u>	Anambé-una	
<u>Pyroderus scutatus</u>	Pavó	
<u>Cephalopterus ornatus</u>	Anambé-preto	
<u>Perissocephalus tricolor</u>	Urutauí	
<u>Gymnoderus foetidus</u>	Anambé-açu	
<u>Procnias alba</u>	Gaianambé	
<u>Procnias nudicollis</u>	Araponga	L
<u>Procnias averano</u>	Araponga-de-barbas	
<u>Phoenicircus carnifex</u>	Uirá-tatá	
<u>Phoenicircus nigricollis</u>		
<u>Tityra leucura</u>		
RUPICOLIDAE		
<u>Rupicola rupicola</u>	Galo-da-serra	
PIPRIDAE		
<u>Pipra rubrocapilla</u>		D
<u>Pipra erythrocephala</u>	Pipira-preta	E
<u>Pipra comuta</u>		
<u>Pipra pipra</u>	Pipira-de-cabeça-branca	E
<u>Pipra coronata</u>		
<u>Pipra serena</u>		E
<u>Pipra iris</u>	Rendeira	
<u>Pipra vilasboasi</u>		
<u>Pipra nattereri</u>	Uirapuru	
<u>Pipra obscura</u>		



NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Pipra aureola</u>	Uirapuru	E
<u>Pipra fasciicauda</u>	Uirapuru	
<u>Teleonema filicauda</u>	Pipira	
<u>Antilophia galeata</u>		E
<u>Chiroxiphia pareola</u>	Cabeça-encarnada	D
<u>Chiroxiphia caudata</u>	Dançador	D
<u>Ilicura militaris</u>	Tangarazinho	
<u>Corapipo gutturalis</u>		E
<u>Manacus manacus</u>	Renderia	D
<u>Machaeropterus pyrocephalus</u>		
<u>Machaeropterus regulus</u>		
<u>Xenopipo atronitens</u>		
<u>Chloropipo uniformis</u>		
<u>Neopipo cinnamomea</u>		
<u>Heterocercus linteatus</u>		
<u>Heterocercus flavivertex</u>		
<u>Neopelma aurifrons</u>	Fruchu	
<u>Neopelma sulphureiventer</u>		
<u>Neopelma chrysocephalum</u>		
<u>Neopelma pallescens</u>		D
<u>Tyranneutes virescens</u>		
<u>Tyranneutes stolzmanni</u>		
<u>Piprites pileatus</u>		
<u>Piprites chloris</u>	Papinho-amarelo	
<u>Schiffornis major</u>		
<u>Schiffornis virescens</u>	Flautim	
<u>Schiffornis turdinus</u>		E-F
TYRANNIDAE		
<u>Xolmis cinerea</u>	Pombinha-das-almas	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	F
<u>Xolmis velata</u>	Mocinha-branca	
<u>Xolmis dominicana</u>	Lavadeira	
<u>Xolmis coronata</u>	Noivinha-coroada	
<u>Xolmis irupero</u>	Noivinha	
<u>Muscisaxicola fluviatilis</u>		
<u>Lessonia rufa</u>		
<u>Colonia colonus</u>	Viúva	
<u>Gubernetes yetapa</u>	Tesoura-do-brejo	
<u>Alectrurus tricolor</u>	Galito	
<u>Yetapa risora</u>	Tesoura-do-campo	
<u>Knipolegus lophotes</u>	Maria-preta-de-penacho	
<u>Knipolegus nigerrimus</u>	Maria-preta	
<u>Knipolegus orenocensis</u>		
<u>Knipolegus poecilurus</u>		
<u>Knipolegus cyanirostris</u>	Maria-preta-de-bico-azulado	
<u>Phaeotriccus poecilocercus</u>		
<u>Phaeotriccus hudsoni</u>		
<u>Entotriccus striaticeps</u>		
<u>Hymenops perspicillata</u>	Viuvinha-de-óculos	C
<u>Muscipira vetula</u>	Papa-mosca	
<u>Fluvicola pica</u>	Lavadeira	D
<u>Fluvicola nengeta</u>	Lavadeira	
<u>Arundinicola Leucocephala</u>	Viuvinha-do-brejo	
<u>Pyrocephalus rubinus</u>	Príncipe	D
<u>Ochthomis littoralis</u>		
<u>Satrapa icterophrys</u>	Suiriri-pequeno	D-E
<u>Machetomis rixosus</u>	Suiriri-cavaleiro	F
<u>Sirystes sibilator</u>	Suiriri-assobiador	
<u>Muscivora tyrannus</u>	Tesourinha	F

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Tyrannus tyrannus</u>		
<u>Tyrannus melancholicus</u>	Siriri	E-F
<u>Tyrannus albogularis</u>	Siriri	E-F
<u>Tyrannopsis sulphurea</u>		
<u>Tyrannopsis luteiventris</u>		
<u>Empidonomus varius</u>	Peitica	
<u>Empidonomus aurantioatrocristatus</u>	Peitica-de-chapéu-preto	
<u>Legatus leucophaeus</u>	Bem-te-vi-pirata	
<u>Conopias trivirgata</u>		
<u>Conopias parva</u>		
<u>Megarhynchus pitangua</u>	Bem-te-vi-de-bico-chato	F
<u>Myiodynastes maculatus</u>	Bem-te-vi-rajado	G
<u>Myiozetetes cayanensis</u>	Bentevizinho	E
<u>Myiozetetes similis</u>	Bem-te-vi-pequeno	E
<u>Myiozetetes granadensis</u>		
<u>Pitangus sulphuratus</u>	Bem-te-vi	G-H
<u>Pitangus lictor</u>	Bentevizinho	D
<u>Attila spadiceus</u>		
<u>Attila bolivianus</u>		
<u>Attila rufus</u>	Capitão-de-saфра	
<u>Attila citriniventris</u>		
<u>Attila cinnamomeus</u>		
<u>Pseudattila phoenicurus</u>	Capitão-castanha	
<u>Casiornis rufa</u>		D
<u>Casiornis fusca</u>		
<u>Laniocera hypopyrrha</u>		
<u>Rhytipterna simplex</u>		
<u>Rhytipterna immunda</u>		
<u>Myiarchus ferox</u>	Juruviara	D



NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Myiarchus tyrannulus</u>	Maria-cavaleira	E
<u>Myiarchus swainsoni</u>	Irré	D
<u>Myiarchus tuberculifer</u>		F
<u>Contopus virens</u>		G
<u>Contopus cinereus</u>	Papa-mosca-cinzento	D
<u>Empidonax euleri</u>	Enferrujado	D
<u>Cnemotriccus fuscatus</u>	Guaracavuçu	D
<u>Terenotriccus erythrurus</u>		D
<u>Myiobius barbatus</u>	Espoletinha	E
<u>Myiobius atricaudus</u>		D
<u>Myiophobus fasciatus</u>	Filipe	D
<u>Hirundinea ferruginea</u>	Gibão-de-couro	
<u>Onychorhynchus coronatus</u>	Lecre	G
<u>Platyrinchus platyrhynchus</u>		
<u>Platyrinchus leucoryphus</u>	Patinho-gigante	
<u>Platyrinchus mystaceus</u>	Patinho	C
<u>Platyrinchus coronatus</u>		E
<u>Platyrinchus saturatus</u>		E
<u>Cnipodectes subbrunneus</u>		
<u>Tolmomyias sulphurescens</u>	Bico-chato-de-orelha-preta	D
<u>Tolmomyias assimilis</u>		
<u>Tolmomyias poliocephalus</u>		
<u>Tolmomyias flaviventris</u>		D
<u>Rhynchocyclus olivaceus</u>		E-F
<u>Ramphotrigon ruficauda</u>		
<u>Ramphotrigon megacephala</u>		
<u>Todirostrum chrysocrotaphum</u>	Papa-sebo	
<u>Todirostrum poliocephalum</u>	Teque-teque	
<u>Todirostrum cinereum</u>	Relógio	C



NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Todirostrum maculatum</u>	Ferreirinho	
<u>Todirostrum fumifrons</u>		
<u>Todirostrum capitale</u>		
<u>Todirostrum russatum</u>		
<u>Todirostrum plumbeiceps</u>	Tororó	
<u>Todirostrum latirostre</u>		C
<u>Todirostrum sylvia</u>		C
<u>Todirostrum senex</u>		
<u>Ceratotriccus furcatus</u>		
<u>Idioptilon nidipendulum</u>	Sebinho	
<u>Idioptilon striaticolle</u>		
<u>Idioptilon aenigma</u>		
<u>Idioptilon mirandae</u>		
<u>Idioptilon margaritaceiventris</u>		C
<u>Idioptilon zosterops</u>		
<u>Idioptilon orbitatum</u>	Tiririnho-do-mato	
<u>Snethlagea minor</u>		
<u>Taeniotriccus andrei</u>		
<u>Lophotriccus pileatus</u>		
<u>Lophotriccus vitiosus</u>		
<u>Lophotriccus eulophotes</u>		
<u>Colopteryx galeatus</u>		
<u>Myiornis auricularis</u>	Miudinho	
<u>Myiornis ecaudatus</u>		
<u>Hemitriccus diops</u>	Olho-falso	
<u>Hemitriccus obsoletus</u>	Catraca	
<u>Hemitriccus flammulatus</u>		
<u>Pogonotriccus eximius</u>	Barbudinho	
<u>Leptotriccus sylviolus</u>	Bochecha-castanha	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Phylloscartes ventralis</u>	Borboletinha-do-mato	D
<u>Phylloscartes oustaleti</u>	Borboletinha-de-cara-pintada	
<u>Phylloscartes difficilis</u>	Estalinho	
<u>Phylloscartes paulistus</u>	Paulistinha	
<u>Phylloscartes roquettei</u>		
<u>Capsiempis flaveola</u>	Marianinha-amarela	D
<u>Euscarthmus meloryphus</u>		
<u>Euscarthmus rufomarginatus</u>		
<u>Pseudocolopteryx sclateri</u>	Tricolino	
<u>Pseudocolopteryx flaviventris</u>	Amarelinho-do-junco	D
<u>Polystictus pectoralis</u>	Papa-moscas-canela	
<u>Polystictus superciliaris</u>		
<u>Culicivora caudacuta</u>		C
<u>Tachuris rubrigastra</u>	Papa-piri	C
<u>Stigmatura budytoidea</u>		
<u>Stigmatura napensis</u>		
<u>Serpophaga hypoleuca</u>		
<u>Serpophaga subcristata</u>	Alegrinho	
<u>Serpophaga munda</u>		
<u>Serpophaga nigricans</u>	João-pobre	D
<u>Serpophaga araguayae</u>	Alegrinho-do-Araguaia	
<u>Inezia subflava</u>		
<u>Inezia inornata</u>		
<u>Mecocerculus leucophrys</u>		
<u>Elaenia flavogaster</u>	Guaracava-barriga-amarela	E
<u>Elaenia spectabilis</u>	Guaracava-grande	
<u>Elaenia albiceps</u>	Guaracava-de-crista-branca	
<u>Elaenia parvirostris</u>	Guaravaca-de-bico-curto	D
<u>Elaenia mesoleuca</u>	Tuque	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Elaenia pelzelni</u>		
<u>Elaenia cristata</u>	Guaracava-de-crista	
<u>Elaenia chiriquensis</u>		
<u>Elaenia ruficeps</u>		
<u>Elaenia obscura</u>	Tucão	F
<u>Elaenia pallatangae</u>		
<u>Myiopagis gaimardii</u>		
<u>Myiopagis caniceps</u>	Guaracava-cinzenta	
<u>Myiopagis flavivertex</u>		
<u>Myiopagis viridicata</u>		
<u>Suiriri suiriri</u>	Suiriri-cinzento	
<u>Sublegatus modestus</u>	Guaracava-modesta	
<u>Phaeomyias murina</u>	Bagageiro	D
<u>Camptostoma obsoletum</u>	Risadinha	D
<u>Xanthomyias virescens</u>	Piolhinho-verdoso	
<u>Xanthomyias reiseri</u>		
<u>Phyllomyias fasciatus</u>	Piolhinho	
<u>Phyllomyias griseiceps</u>		
<u>Tyranniscus gracilipes</u>		
<u>Oreotriccus griseicapillus</u>	Boné-cinza	
<u>Tyrannulus elatus</u>		
<u>Acrochordopus burmeisteri</u>	Piolhinho-chiador	
<u>Ornithion inerme</u>		
<u>Leptopogon amaurocephalus</u>	Cabeçudo	D
<u>Pipromorpha oleaginea</u>	Supi	
<u>Pipromorpha macconnelli</u>		E
<u>Pipromorpha rufiventris</u>	Supi-de-cabeça-cinza	
<u>Corythopsis delalandi</u>	Estalador	
<u>Corythopsis torquata</u>		E

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<b>OXYRUNCIDAE</b>		
<u>Oxyruncus cristatus</u>		
<b>HIRUNDINIDAE</b>		
<u>Tachycineta albiventer</u>	Andorinha-do-rio	D
<u>Tachycineta leucorrhoa</u>	Andorinha-de-testa-branca	
<u>Tachycineta leucopyga</u>	Andorinha-chilena	F
<u>Phaeoprogne tapera</u>	Taperá	G-H
<u>Progne subis</u>		E-F
<u>Progne chalybea</u>	Andorinha-doméstica-grande	
<u>Progne modesta</u>		
<u>Notiochelidon cyanoleuca</u>	Andorinha-pequena-de-casa	
<u>Atticora fasciata</u>		
<u>Atticora melanoleuca</u>		
<u>Neochelidon tibialis</u>		
<u>Alopochelidon fucata</u>	Andorinha-morena	
<u>Stelgidopteryx ruficollis</u>	Andorinha-serradora	C
<u>Riparia riparia</u>	Andorinha-do-brarranco	D
<u>Hirundo rustica</u>	Andorinha-de-bando	D
<u>Petrochelidon pyrrhonota</u>	Andorinha-de-sobre-acanelado	E
<b>CORVIDAE</b>		
<u>Cyanocorax caeruleus</u>	Galha-azul	
<u>Cyanocorax cyanomelas</u>	Galha-roxa	
<u>Cyanocorax violaceus</u>	Galha	
<u>Cyanocorax cristatellus</u>	Galha-do-campo	N
<u>Cyanocorax heilprini</u>		
<u>Cyanocorax cayanus</u>		
<u>Cyanocorax chrysops</u>	Galha-do-mato	
<u>Cyanocorax cyanopogon</u>	Cã-Cã	



NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>TROGLODYTIDAE</u>		
<u>Campylorhynchus griseus</u>		
<u>Campylorhynchus turdinus</u>	Garrinchão	
<u>Odontorchilus cinereus</u>		
<u>Cistothorus platensis</u>	Corruíra-do-campo	D
<u>Thryothorus genibarbis</u>	Vô-Vô	F
<u>Thryothorus coraya</u>		
<u>Thryothorus leucotis</u>	Marido-é-dia	E-F
<u>Thryothorus guarayanus</u>		
<u>Thryothorus longirostris</u>	Curruruçu	
<u>Thryothorus griseus</u>		
<u>Troglodytes aedon</u>	Cambaxirra	D
<u>Troglodytes rufulus</u>		
<u>Henicorhina leucosticta</u>		
<u>Microcerculus marginatus</u>	Uirapuru	
<u>Microcerculus ustulatus</u>		
<u>Microcerculus bambla</u>		F-G
<u>Cyphorhinus arada</u>	Uirapuru	G-H
<u>MIMIDAE</u>		
<u>Mimus gilvus</u>	Sabiá-da-praia	G
<u>Mimus saturninus</u>	Sabiá-do-campo	H-L
<u>Mimus triurus</u>	Calhanda-de-três-rabos	
<u>Donacobius atricapillus</u>	Gaturamo-do-brejo	
<u>TURDIDAE</u>		
<u>Myadestes leucogenys</u>	Sabiá-castanha	
<u>Catharus fuscescens</u>		F
<u>Catharus minimus</u>		F
<u>Catharus ustulatus</u>		F
<u>Platycichla flavipes</u>	Sabiá-una	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Platycichla leucops</u>		G
<u>Turdus nigriceps</u>	Sabiá-ferreiro	
<u>Turdus olivater</u>		G-H
<u>Turdus rufiventris</u>	Sabiá-laranjeira	G-H
<u>Turdus leucomelas</u>	Sabiá-barranco	G-H
<u>Turdus amaurochalinus</u>	Sabiá-branco	
<u>Turdus ignobilis</u>	Carachué	
<u>Turdus lawrencii</u>		
<u>Turdus fumigatus</u>	Sabiá-da-mata	
<u>Turdus obsoletus</u>		
<u>Turdus nudigenis</u>		G-H
<u>Turdus albicollis</u>	Sabiá-coleira	
SYLVIIDAE		
<u>Microbates collaris</u>		E
<u>Ramphocaenus melanurus</u>	Bico-comprido	
<u>Polioptila plumbea</u>		D
<u>Polioptila lactea</u>	Balança-rabo-leitoso	
<u>Polioptila guianensis</u>		
<u>Polioptila dumicola</u>	Balança-rabo-de-máscara	D
MOTACILLIDAE		
<u>Anthus furcatus</u>	Caminheiro-de-unha-curta	
<u>Anthus hellmayri</u>	Caminheiro-de-barriga-acanelada	
<u>Anthus lutescens</u>	Caminheiro-zumbidor	
<u>Anthus correndera</u>	Caminheiro-de-espora	
<u>Anthus nattereri</u>	Caminheiro-grande	
VIREONIDAE		
<u>Cyclarhis gujanensis</u>	Gente-de-fora-vem	F-G
<u>Smaragdolanus leucotis</u>		
<u>Vireo olivaceus</u>	Juruviara	D

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Vireo altiloquus</u>		D-E
<u>Hylophilus poicilotis</u>	Verdinho-coroado	E
<u>Hylophilus thoracicus</u>		
<u>Hylophilus semicinereus</u>		
<u>Hylophilus pectoralis</u>		D
<u>Hylophilus sclateri</u>		
<u>Hylophilus muscicapinus</u>		
<u>Hylophilus brunneiceps</u>		
<u>Hylophilus hypoxanthus</u>		
<u>Hylophilus ochraceiceps</u>		E
ICTERIDAE		
<u>Molothrus bonariensis</u>	Vira-bosta	H
<u>Molothrus rufoaxillaris</u>	Vira-bosta-picumã	G
<u>Molothrus badius</u>	Asa-de-telha	G-H
<u>Scaphidura oryzivora</u>	Iraúna	
<u>Ocyalus latirostris</u>		
<u>Psarocolius decumanus</u>	Japuguaçu	
<u>Psarocolius viridis</u>	Japu-verde	
<u>Psarocolius angustifrons</u>		
<u>Gymnostinops bifasciatus</u>	Japu-preto	
<u>Gymnostinops yuracares</u>	Japu-do-bico-encarnado	
<u>Cacicus cela</u>	Xexéu	H
<u>Cacicus haemorrhous</u>	Guaxe	
<u>Cacicus chrysopterus</u>	Tecelão	
<u>Cacicus solitarius</u>	Iraúna-do-bico-branco	H
<u>Quiscalus lugubris</u>		
<u>Curaeus forbesi</u>		
<u>Macroagelaius imthurni</u>		
<u>Lamprosar tanagrinus</u>	Paraguaio	



NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
		J
<u>Gnorimopsar chopi</u>	Graúna	E
<u>Agelaius thilius</u>	Sargento	E
<u>Agelaius ruficapillus</u>	Garibaldi	
<u>Agelaius cyanopus</u>	Garretão	
<u>Agelaius icterocephalus</u>	Iratauí	F
<u>Icterus cayanensis</u>	Inhapim	
<u>Icterus chryscephalus</u>	Rouxinol-do-Rio-Negro	G
<u>Icterus icterus</u>	Corrupião	J
<u>Icterus nigrogularis</u>		
<u>Gymnomystax mexicanus</u>	Iratanuá	
<u>Xanthopsar flavus</u>	Veste-amarela	
<u>Amblyramphus holosericeus</u>	Capitão	
<u>Pseudoleistes guirahuro</u>	Chopim-do-brejo	J
<u>Pseudoleistes virescens</u>	Dragão	
<u>Leistes superciliaris</u>	Polícia-inglesa	
<u>Leistes militaris</u>	Flamenguinho	
<u>Sturnella defilippi</u>	Peito-vermelho-grande	
<u>Sturnella magna</u>		J
<u>Dolichonyx oryzivorus</u>	Triste-pia	F-G
<b>PARULIDAE</b>		
<u>Parula pitiayumi</u>	Mariquita	D
<u>Dendroica striata</u>		D
<u>Geothlypis agilis</u>		E
<u>Geothlypis aequinoctialis</u>	Pia-cobra	D
<u>Granatellus pelzelni</u>		
<u>Wilsonia canadensis</u>		D
<u>Setophaga ruticilla</u>		D
<u>Myioborus miniatus</u>		
<u>Myioborus bruniceps</u>		



NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Basileuterus flaveolus</u>		D
<u>Basileuterus bivittatus</u>		
<u>Basileuterus culicivorus</u>	Pula-pula	D
<u>Basileuterus hypoleucus</u>		D-E
<u>Basileuterus leucophrys</u>		D
<u>Basileuterus leucoblepharus</u>	Pula-pula-assobiador	D
<u>Basileuterus rivularis</u>	Pula-pula-ribeirinho	
COEREBIDAE		
<u>Coereba flaveola</u>	Cambacica	D
<u>Conirostrum speciosum</u>	Figuinha-de-rabo-castanho	
<u>Conirostrum bicolor</u>		
<u>Conirostrum margaritae</u>		
<u>Diglossa duidae</u>		
<u>Diglossa major</u>		
<u>Cyanerpes nitidus</u>		
<u>Cyanerpes caeruleus</u>	Tem-tem-do-Espírito-Santo	
<u>Cyanerpes cyaneus</u>	Saí-beija-flor	
<u>Chlorophanes spiza</u>	Saí-tucano	
<u>Dacnis cayana</u>	Saí-azul	D
<u>Dacnis nigripes</u>	Saí-de-pernas-pretas	
<u>Dacnis lineata</u>		
<u>Dacnis flaviventer</u>	Saíra	
<u>Dacnis albiventris</u>		
TERSINIDAE		
<u>Tersina viridis</u>	Saí-andorinha	
THRAUPIDAE		
<u>Chlorophonia cyanea</u>	Bonito-do-campo	D
<u>Euphonia musica</u>	Gaturamo-rei	
<u>Euphonia minuta</u>		

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Euphonia finschi</u>		C-D
<u>Euphonia chlorotica</u>	Fim-fim	
<u>Euphonia laniirostris</u>	Gaturamo	D-E
<u>Euphonia violacea</u>	Gaturamo-verdadeiro	
<u>Euphonia rufiventris</u>	Tom-tom	
<u>Euphonia cayennensis</u>	Tem-tem-curicaca	D
<u>Euphonia pectoralis</u>	Gaturamo-serrador	
<u>Euphonia chrysopasta</u>		
<u>Euphonia plumbea</u>		
<u>Euphonia chalybea</u>	Cais-cais	D
<u>Pipraeidea melanonota</u>	Saíra-viúva	
<u>Tangara velia</u>	Saíra-diamante	
<u>Tangara callophrys</u>		
<u>Tangara chilensis</u>	Sete-cores	
<u>Tangara fastuosa</u>	Pintor-verdadeiro	
<u>Tangara seledon</u>	Saíra-de-sete-cores	
<u>Tangara cyanocephala</u>	Saíra-lenço	
<u>Tangara cyanoventris</u>		
<u>Tangara desmaresti</u>	Saíra-verde	
<u>Tangara schrankii</u>		
<u>Tangara punctata</u>	Negaça	
<u>Tangara guttata</u>		
<u>Tangara varia</u>		
<u>Tangara xanthogastra</u>		
<u>Tangara cyanicollis</u>		
<u>Tangara nigrocincta</u>		
<u>Tangara mexicana</u>	Saíra-louça	
<u>Tangara gyrola</u>		
<u>Tangara preciosa</u>	Saíra-preciosa	E-F

<u>NOME CIENTÍFICO</u>	<u>NOME COMUM</u>	<u>TAMANHO DA ANILHA</u>
<u>Tangara peruviana</u>	Saíguaçu	
<u>Tangara cayana</u>	Saíra-macaco	D
<u>Tangara cyanoptera</u>		
<u>Stephanophorus diadematus</u>	Sanhaçu-frade	F-G
<u>Thraupis episcopus</u>	Sanhaçu-azul	G
<u>Thraupis sayaca</u>	Sanhaçu-do-mamoeiro	E
<u>Thraupis cyanoptera</u>	Sanhaçu-de-encontro-azul	
<u>Thraupis ornata</u>	Sanhaçu-de-encontro-amarelo	
<u>Thraupis palmarum</u>	Sanhaçu-do-coqueiro	G
<u>Thraupis bonariensis</u>	Sanhaçu-papa-laranja	F-G
<u>Ramphocelus bresilius</u>	Tiê-sangue	
<u>Ramphocelus carbo</u>	Pipira	F-G
<u>Ramphocelus nigrogularius</u>	Bico-de-prata	
<u>Piranga flava</u>	Sanhaçu-de-fogo	
<u>Piranga rubra</u>		
<u>Piranga leucoptera</u>		
<u>Cyanicterus cyanicterus</u>		
<u>Orthogonys chloricterus</u>	Catirumbava	
<u>Habia rubica</u>	Tiê-do-mato-grosso	
<u>Lanio fulvus</u>		
<u>Lanio versicolor</u>		
<u>Tachyphonus rufus</u>	Pipira-preta	F-G
<u>Tachyphonus coronatus</u>	Tiê-preto	E-F
<u>Tachyphonus cristatus</u>	Tiê-galo	
<u>Tachyphonus nattereri</u>		
<u>Tachyphonus surinamus</u>	Pipira	G
<u>Tachyphonus phoenicius</u>		
<u>Tachyphonus rufiventris</u>		
<u>Tachyphonus luctuosus</u>		

NOME CIENTIFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Eucometis penicillata</u>		E
<u>Mitrospingus oleagineus</u>		
<u>Trichothraupis melanops</u>	Tiê-de-topete	E-F
<u>Cypsaena hirundinacea</u>		
<u>Pyrrhocomma ruficeps</u>	Cabecinha-castanha	
<u>Nemosia pileata</u>		E
<u>Hemithraupis ruficapilla</u>	Cabecinha-enferrujada	
<u>Hemithraupis guira</u>	Papo-preto	
<u>Hemithraupis flavicollis</u>		
<u>Thlypopsis sordida</u>		D
<u>Sericossypha loricata</u>		
<u>Neothraupis fasciata</u>		
<u>Conothraupis mesoleuca</u>		
<u>Orchesticus abeillei</u>		
<u>Lamprospiza melanoleuca</u>		
<u>Cissopis leveriana</u>	Tiê-tinga	
<u>Schistochlamys ruficapillus</u>	Bico-de-veludo	F
<u>Schistochlamys melanopsis</u>	Bico-de-veludo	F
<b>FRINGILLIDAE</b>		
<u>Saltator maximus</u>	Trinca-ferro	G
<u>Saltator similis</u>	Tinca-ferro	F-G
<u>Saltator maxillosus</u>	Bico-grosso	G
<u>Saltator aurantirostris</u>	Bico-duro	
<u>Saltator atricollis</u>	Batuqueiro	
<u>Saltator coerulescens</u>	Trinca-ferro-cinza	H
<u>Caryothraustes canadensis</u>	Furriel	
<u>Caryothraustes humeralis</u>		
<u>Periporphyrus erythromelas</u>		
<u>Pitylus grossus</u>		



NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Pitylus fuliginosus</u>	Bico-de-pimenta	H
<u>Gubernatrix cristata</u>	Cardeal-amarelo	
<u>Paroaria coronata</u>	Cardeal	G
<u>Paroaria dominicana</u>	Galo-de-campina	
<u>Paroaria gularis</u>	Tangará	
<u>Paroaria baeri</u>		
<u>Paroaria capitata</u>	Galo-da-campina-pantaneiro	E
<u>Pheucticus aureoventris</u>	Rei-do-bosque	
<u>Cyanocompsa cyanoides</u>	Azulão	
<u>Cyanocompsa cyanea</u>	Azulão-verdadeiro	E
<u>Cyanoloxia glaucoerulea</u>	Azulinho	
<u>Porphyrospiza caerulescens</u>	Azulão-do-cerrado	E
<u>Volatinia jacarina</u>	Tiziu	D
<u>Tiaris fuliginosa</u>	Cigarra-coqueiro	D
<u>Dolospingus fringilloides</u>		
<u>Sporophila frontalis</u>	Chanchão	
<u>Sporophila falcirostris</u>	Patativa-do-sertão	
<u>Sporophila schistacea</u>	Cigarra-papa-arroz	
<u>Sporophila plumbea</u>	Patativa	
<u>Sporophila americana</u>	Gola	D
<u>Sporophila collaris</u>	Coleira-do-brejo	D
<u>Sporophila lineola</u>	Bigodinho	D
<u>Sporophila nigricollis</u>	Coleiro-baiano	D
<u>Sporophila ardesiaca</u>	Coleiro-paulista	D
<u>Sporophila caerulescens</u>	Coleiro-papa-capim	C-D
<u>Sporophila albogularis</u>	Brejal	
<u>Sporophila leucoptera</u>	Cigarra-rainha	D
<u>Sporophila nigrorufa</u>		
<u>Sporophila bouvreuil</u>	Caboclinho-de-cabeça-marrom	D

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Sporophila minuta</u>	Caboclinho-de-barriga-vermelha	
<u>Sporophila ruficollis</u>	Caboclinho	
<u>Sporophila palustris</u>	Caboclinho-papo-branco	
<u>Sporophila castaneiventris</u>	Caboclinho-do-Amazonas	
<u>Sporophila cinnamomea</u>	Caboclinho-chapéu-cinzento	
<u>Sporophila melanogaster</u>	Caboclinho-de-barriga-preta	
<u>Oryzoborus crassirostris</u>	Bicudo	
<u>Oryzoborus maximiliani</u>	Bicudo	
<u>Oryzoborus angolensis</u>	Curió	D
<u>Amaurospiza moesta</u>	Netrinho-do-mato	
<u>Catamenia homochroa</u>		D
<u>Sicalis citrina</u>		
<u>Sicalis columbiana</u>	Canário-do-Amazonas	
<u>Sicalis flaveola</u>	Canário-da-terra	D-E
<u>Sicalis luteola</u>	Tipiu	D
<u>Diuca diuca</u>	Diuca	
<u>Haplospiza unicolor</u>	Cigarra-bambu	
<u>Charitospiza eucosma</u>	Mineirinho	D
<u>Coryphospingus cucullatus</u>	Tico-tico-rei	D-E
<u>Coryphospingus pileatus</u>	Cravina	D
<u>Atlapetes personatus</u>		
<u>Arremon taciturnus</u>	Tico-tico-do-Amazonas	F
<u>Arremon flavirostris</u>	Tico-tico-da-mata	F
<u>Arremonops conirostris</u>		
<u>Myospiza humeralis</u>	Tico-tico-do-campo	E
<u>Myospiza aurifrons</u>	Tico-tico-do-campo	
<u>Zonotrichia capensis</u>	Tico-tico	D
<u>Emberizoides herbícola</u>	Canário-do-campo	G
<u>Emberizoides ypiranganus</u>	Canário-do-brejo	

NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM	TAMANHO DA ANILHA
<u>Coryphaspiza melanotis</u>		
<u>Donacospiza albifrons</u>	Tico-tico-do-banhado	
<u>Poospiza thoracica</u>	Peito-pinhão	
<u>Poospiza melanoleuca</u>	Capacetinho	
<u>Poospiza cinerea</u>		
<u>Poospiza nigrorufa</u>	Quem-te-vestiu	C
<u>Poospiza lateralis</u>	Quete	E
<u>Embernagra longicauda</u>		
<u>Embernagra platensis</u>	Sabiá-do-banhado	
<u>Spinus yarrellii</u>	Pintassilgo-baiano	C
<u>Spinus magellanicus</u>	Pintassilgo	C
<u>Sporophila melanops</u>		
STRILDIDAE		
<u>Estrilda astrild</u>	Bico-de-Lacre	
PLOCEIDAE		
<u>Passer domesticus</u>	Pardal	E



# Bibliografia Consultada

---

- BELTON, W. 1978. A List of Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. *IHERINGIA*, Ser: Zool. 52:85-102.
- McCLURE, H. 1966. An Asian Bird-Bander's Manual. Migratory Animal Pathological Survey, Hong Kong. 156 pp.
- PINTO, O.M.O. 1944. Catálogo das Aves do Brasil, 2ª parte. Deptº de Zoologia, São Paulo, SP. 700 pp.
- . 1964. Ornitologia Brasileira, 1ª volume. Deptº de Zoologia, São Paulo, SP. 196 pp.
- . 1978. Novo Catálogo das Aves do Brasil. 1ª parte. Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais S.A., São Paulo, SP. 446 pp.
- SANTA CATARINA, Fundação do Amparo à Tecnologia e ao Meio-Ambiente. 1979. Lista Preliminar das Aves do Estado de Santa Catarina. SICK, H.; RAUH, T. & ROSÁRIO, L.A. prep. IOSEC, Florianópolis, SC. 6pp.
- SCHAUENSEE, R.M. 1970. A Guide to the Birds of South America. Livingston Publishing Company, Wynnewood, Pennsylvania. 470 pp.
- SCHUBART, O., AGUIRRE, A. & SICK, H. 1965. Contribuição para o Conhecimento da Alimentação das Aves Brasileiras. *Arq. Zool.* 12:95-249.
- UNITES STATES OF AMERICA, Department of the Interior, Fish and Wildlife Service. 1977. North American Bird Banding Manual, 2 vols. Departmental Manuals and Reports Production Division. Ottawa, Canadá. 386 pp.



M.A. — Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal — IBDF  
Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza — FBCN

Ministro da Agricultura  
AMAURY STABILE

Presidente do IBDF  
MAURO SILVA REIS

Secretário Geral do IBDF  
HAMILTON M. SILVEIRA

Diretor do DN  
MARIA TEREZA JORGE PÁDUA

Diretor do DNP  
RENATO PETRY LEAL

Coordenador do CEMAVE  
PAULO DE TARSO ZUQUIM ANTAS

Presidente da FBCN  
JOSÉ CÂNDIDO DE MELO CARVALHO

Diretor Executivo da FBCN  
MÁRIO DONATO AMOROSO ANASTÁCIO

BRASÍLIA  
MARÇO 1981



**CEMAVE**

Centro de Estudos de Migrações de Aves

Caixa Postal 04/034  
Brasília - DF. CEP 70 000  
Brasil

